
This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>



UC-NRLF



B 2 835 791

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA



CARLOTA ANGELA

ROMANÇO ORIGINAL

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

— 1858 —

VIANNA,

TÍPOGRAPHIA DA AURORA DO LIMA,

Rua de D. Luiz;

1858.

LOAN STACK

9793F

CARLOTA ANGELA.

PQ 9261
C3C25-
1858
MAIN

CAPITULO I.

Se a natureza formou uma bella
creatura, não pôde a fortuna
precipital-a n'um incendio?

SHAKSPEARE (*Como Vós o Améis*).

Cette douce ivresse de l'âme
deyait être troublée.

BALZAC (*Albert Savarus*),

NORBERTO de Meirelles e sua mulher D. Rozalia Sampaço, ricos proprietarios, moradores, em 1806; na rua das Taipas, da cidade do Porto, viam crescer prodigiosamente os seus cabedões, e, com elles, uma filha unica, tão encantadora para os pais como a riqueza com que a iam enfeitando para seduzir o mais medrado capitalista da terra.

Tolerem-me a singelesa com que se começa a narrativa.

Eu tinha á minha disposição quatro exordios bonitos, que escrevi em quatro tiras, e rejeitei com desdem.

Era assim o primeiro :

« Diz-me tu, amor, que magos philtros insinuaste no coração da virgem d'olhos negros, que lêda e melancolica, lagrimosa e risonha, te está enamorando na lua donde lhe sorris em noites calmas de estio, na floresta onde lhe cicias palavras nunca ouvidas, na fonte onde lhe murmuras a tua língagem de eos? Que ambrosia inebriante lhe deste á doideira que, tão requestada e alheada de brincadeos pueris, se vai, so e destemida, a buscar-te, por entre myrthos e rosacs, perseguindo-te como lasciva borboleta de flor em flor, sobre alfombras de verdura por onde volitam lucidos phalenos? »

Segundo exordio :

« A vitação da tarde tremulava ligeiramente a fallagem do reque de alamos que cistavam uma pintoresca vizenda do Canal. Um répezo de crystallino tronco trepidava na cascata com seiooso rumor, d'outra musica ao som da qual se despertam amores em peito virgem, e adormecem magias em coração attribulado. Morbidamente roscada sobre um banco de cortiça, por onde trepava um jásmineiro em flor, via-se, como engolphada em alegrias

intimas das que o rosto esconde ao invejar de estranhos, uma graciosissima donzella. . . etc. »

Terceiro :

« Onde vai este gentil mancebo, tão á pressa e offegante pela calada da noite, subindo a collina do Candal, em cujo topo alveja uma caza, onde elle parece mandar adiante o coração em cada suspiro que o cansaço lhe tira do peito arquejante? Que visão alvissima, que fada ou sylpho é esse que desliza, rapido e volatil, por entre os alamos, e vem ao peitoril do muro, como a anciada Hero, restaurar o vigor do extenuado Leandro? . . etc. »

Quarto, o ultimo exordio :

« Vou contar-vos uma historia que verifiquei nas fieis narrações de mais de vinte pessoas vivas. Ide ver até que ponto os pais podem infelicitar os filhos; até que ponto a missão augusta do segundo creador pode ser fementida e insidiosa; até que ponto o amor paternal é amor, e donde começa a ser deshumanidade. Se alguma confiança devesse ter na justiça congenial da coração humano, espreto catear graça e indulgencia para uma filha que se rebella primeiro contra um pai, depois contra o falso Deus que lho impuseram como verdugo de mais alta e temerosa cathegoria, arbitro e claviculário das sempiternas moradas do inferno, . . etc. »

Ahi está o que eu tinha escripto. Tudo rejeitei;

contra a opinião de um congresso de homens de delicado gesto, que votaram por qualquer dos quatro preludios chasqueando-me a simpleza com que escrevi o quinto, acanhado e péo como historiêta sem nêrvo, nem imaginação.

E, por tanto, desde já me desquito com os leitores se no desoover de este romance me apodarem de insulso e desimagoço.

VERDADE, NATURALIDADE, E FIDELIDADE,

é a minha divisa, e sel-o-ha em quanto este globo se não reconstruir á feição do disparate com que uns o alipdam e outros o desfeam.

Quem desde já sentir azias de bocca, deixe isto, e desenfastie se com as conservas irritantes da França, e até das nacionaes, que tambem as temos, curtidas em vasilhas francezas. Embora travem á hervilhaca, é o que temos, e o que nos dão os Walteis dos fricassés litterarios, em menoscabo do classico cozinhado de Domingos Rodrigues.

Atemos o fio, e a graça de Deus nos assista para que a benevolencia do leitor se compraza com o alinhado desaffectedo e lhano deste conto.

A filha unica de Norberto Meirelles e D. Rozalia Sampayo chamava-se Carlota Angela, e tinha dezesseite annos, em 1806.

Não era formosa ; mas exquisitamente engraçada sim.

Norberto , filho de lavradores transmontanos, era campezino, rustico, e desageitado ; Rozalia, com quanto procedente de progenie já cidadan desde seu avô, havia muito ainda que desbastar, e quatro gerações não tinham adelgado nada á raça originaria de Covas de Barrôso.

Ora, a vergontea de troncos ou cepos laes não podia sahir de compleição tão fina e delicada como se usa liberalmente com as heroínas dos romances.

As feições de Carlota eram seccas e trigueiras ; mas a magreza não era de dubilidade ou doença. O ligeiro toque de escarlata nas faces era a transparencia de sangue rico de toda a seiva dos dezesete annos. Tinha uma bonita fronte, e abundantes cabellos pretos, que ella enfeitava sem osmêro, mas com desalinhada graça, conservando-os, até essa idade, em tres tranças que um laço de selim encarnado prendia na cintura em duas rôscas. A custa de importantes admoestações da mãe, Carlota reformou o penteado, em conformidade com a moda, que era enastrar trancinhas de cabellos em dois grandes corações que ladeavam a cabeça, desde o vertice até ás orelhas, com matiz de lacinhos de varias côres : bonita coisa ; antes da restauração das troixas contemporaneas ; restauração, di-

go, porque as malas, no cucuruto da cabeça, começavam a decahir do gosto em 1806.

O que fazia engraçadíssima Carlota eram as espessas sobranceiras, que formavam apenas um crescente das duas arcadas ciliares: tão imperceptível era a cizura que as estremava na base do nariz. Bem sabem que olhos costumam ser os que reinam sob tão magnífico docel: grandes, e negros, entre longas pestanas que, ao mais ligeiro langair das pálpebras, se ajustavam n'um amoltercer de tanta volupia que mais não podia ser, sem feitiçaria!

Ainda não sei descrever narizes, e por narizes comecei a pintar. O de Carlota era irregular, talvez, ao contrario dos narizes de passaporte: era um nariz adunco, longo de mais para aquelle rosto; mas esta incongruencia, impressionando aos que a viam pela primeira vez, á segunda, não havia que desdenhar-lhe. Singular e desusada era a bocca. Cada commissura ou canto dos labios terminava em dois vincos, um subindo outro descendo, mas tão pronunciados, que pareciam um permanente riso sardónico, uma não sei que que fazia descoodiar as pessoas menos habitudas á sua convivencia.

Carlota era alta e gentil. Não se affectava para ser garbosá, que lhe sobejava graça e donaire

nos naturaes meios. O braço era incorrecto, fornido de mais em carnes, e de pelle trigueira; a mão longa e magra; e o pé proporcional á corpulenta haste.

Já agora, diga-se o porquê do cuidadoso recato em que a filha do snr. Norberto de Meirelles tinha os braços; não era a grossura do pulso, nem a pujança carnosa do ante-braço; era uma espessa camada de buço, lanugem, ou cabello que a phrenetica menina corceava desde os quatorze annos, á teozira, porque as amigas e parentas a apertavam, chamando-lhe «pelluda».

Basta de materia: fica-se sabendo que não se tracta de uma mulher formosa; deram-se, porém, os treços principaes de Carlota, e são esses os que, na maioria dos cazos, fascinam, apaixonam e enlouquecem o homem de trinta annos, gaste de quelmar incenso ás bellezas correctas, a cuja desapreciação de commum accordo se chama «lindoeza».

Vejamo'la espiritualmente.

Carlota Angela foi criada com descuido miúdo. Seus pais reviam-se n'ella, desculpavam-lhe todas as perrices, e fariam-na incorregivel, se a natureza se não corrigisse a si propria.

Aos quinze annos, o folgazan menina mudou para triste; de gatrula e traquinas que era fez-se taciturna e indolente. Maneiras de senhora, con-

versações com pessoas de idade, onde estavam moças; intrometter-se em coisas domesticas a que a não chamavam; desligar-se das companheiras do collegio desdenhando a frivolidade de seus passatempos: tal foi a reforma repentina de Carlota Angela.

Alegravam-se os pais, felicitando-se por a não terem contrariado em pequena, contra as admoestações dos parentes, entre os quaes havia um tio materno, de cuja calva ella mudava o chinó para a cabeça d'um gato maltez, ou em cujos oculos ella bafejava para lh'os embaciar. Esta victima, no auge da sua angustia, prognosticára aos pais de Carlota grandes dissabores, consequencias funestas da liberdade que davam á condição serina da môça.

Depois da mudança inesperada, Norberto e Rozalia, todos os dias, diziam ao homem dos oculos:

«Vê como se enganou? Ahi a tem agora mais ajuizada e mansa que as meninas criadas debaixo da disciplina e da palmatoria. . .

— Veremos. . . — redarguia o velho advogado — veremos quando ella tiver uma vontade opposta á vossa qual das duas é a que vence.

«Vontade opposta á nossa! — replicava Norberto — Isso havia de ter que vér! Como acha o mau que ella se possa oppôr á nossa vontade?

— Facilmente ; e para não ir mais longe, ides vós ter uma occasião de a experimentar.

« Qual ? — atalharam ambos.

— Eu vos digo ; mas, se Carlota entrar em quanto eu fallo d'ella, fica para ámanhan o que hoje vos não disser.

« Carlota está no seu quarto a ler, e não vem ea tão cedo, disse D. Rozalia — Podes fallar á vontade, Joaquim.

« Quando me notastes a mudança rapida de Carlota, fiquei mais admirado que vós. Entrei a scismar até que ponto se podia acceitar a naturalidade da transfiguração moral, e vim a suspeitar que a cauza estava na natureza, mas fóra da natureza de Carlota. Ora, eu sei mais do mundo que vós, haveis de conceder-me isto, e vós tendes mais boa fé que eu : fica uma coisa pela outra, e acho que a vossa é bem mais agradavel á vida que a minha.

« Sabeis o que me lembrou ? Se Carlota estaria namorada.

— Olha que lembrança ! — atalhou D. Rozalia.

— Essa é das suas, doutor ! — disse Norberto — Está a sonhar . . . deixe-se d'isso.

« Seria sonho ; — disse o doutor severamente — mas já agora deixem-me contar o sonho até ao fim, e guardem para o remate as admirações. Nesta sus-

peita, comecei a limpar os oculos para examinar as caras masculinas que entravam aqui, e não achei alguma duvidosa. As vossas relações pouquíssimas, e n'essas não ha alguém que possa despertar no coração de Carlota um sentimento novo. Continuei as minhas averiguações fora de casa. Fui às poucas cazas onde vós ieis; segui todos os olhares de Carlota, e achei-os sempre indistinctos e indifferentes. Descorçoei um pouco; mas não desisti.

Um dia do anno passado, estavamos nós no Candal, e passeava eu e ella sosinhos na estrada. Dizia-me a pequena que tinha lido umas novellas de cavalleiras de que gostára muito, posto que não acreditasse nas historias. Contou-me algumas passagens de *Paulo e Virginia*, e de *Menandro e Laurentina* ou *os amantes extremos*, que vós não sabeis o que é, mas lembrados estareis de me perguntardes se eram livres de boa moral. Notei que a moça, quando me fallava no amor das damas e cavalleiros, empregava mais vivacidade do que convinha a uma menina innocente de sentimentos amorosos. Fiz-lhe algumas perguntas com intenção de a surpreender; mas ella jogava comigo tão habilmente que venceria a partida, se eu não tivesse cincoenta e cinco annos, e não tirasse da habil escapula o mesmo que tiraria, se ella se deixasse apanhar.

N'outro dia estavamos nós sentados no mirante, conversando em coisas que me não lembram, e vimos apparecer no alto da estrada um cavalleiro. Olhei casualmente para Carlota, e vi-a córada, e inquieta. Disfarcei o reparo, e vi-a erguer-se e voltar as costas para o cavalleiro, dando alguns passos com certo ar de indifferença, e tornou logo, girando entre os dedos uma flor que cortára.

O cavalleiro passou e cortejou-me: era meu conhecido. Esperei que ella me perguntasse quem era; nem uma palavra. Perguntei se o conhecia, ergueu os hombros, e fez com os beiços um gesto que parecia dizer: « não sei, nem me importa saber. »

N'outro dia, fui eu ao Candal, e, no alto das Begadas ouvi tropel de cavallo, que me seguia, subindo a calçada. Escondi-me na esquina d'uma travessa, e vi passar o cavalleiro: era o mesmo da cortezia. Fui-o seguindo de longe; e, ao chegar á collina donde se avista o mirante, vi, primeiro, Carlota debruçada sobre o parapeito da varanda, e, depois, o cavalleiro parado debaixo do mirante.

— Credo! — exclamou D. Rozalia, erguendo-se branca como cêra.

— E esteve até agora calado com isso! — disse Norberto, erguendo-se tambem.

« Nada de espantos! — respondeu o bacharel, sem se descompor na cadeira, onde se refestelava

fallando com a sua costumada solemnidade oratória.
— Logo se diz quem é o homem; mas hade aqui fazer-se o que eu aconselhar, senão desconfio muito que minha irman experimente mais cedo do que espera a vontade de Carlota.

Escondi-me alguns segundos, e appareci no momento em que vossa filha entregava um ramo ao cavalleiro.

Ella deu fé de mim, e sumiu-se; e elle seguiu a estrada, depois que me viu. Carlota recebeu-me com a certeza de que eu era sufficientemente cego para a não ter visto: não deu o menor indicio de susto. Convidei-a, como sempre, a passear no jardim, e disse-lhe: « Quando houver alguma noxidade na tua vida, hasde contar-m'a, monina. Se ella te parecer tão agradavel que a queiras só para ti, não cuides que lhe diminues o valor, dizendo-m'a. O coração de teu tio hade sentir o bem do que for bom para o teu. Ora, conversemos: diz-me la, Carlota, se sentes alguma inclinação que não sentias ha um anno, quando os meus olhos e o meu chinó eram o teu regalo?

— Eu não, meu tio... sinto o que sentia — respondeu ella; mas a innocencia protestou contra a mentira, mostrando-se no rosto: córou e gaguejou d'um modo que me fez pena e contentamento. Quando assim se eóra, o coração está puro.

Para acudir á vossa impaciencia, dir-vos-hei, em resumo, que obriguei suavemente Carlota a confessar-me que amava Francisco Salter de Mendonça.

Já sabeis quem é. »

— Eu não ! — disse D. Rozalia — e voltando-se para o marido : e tu ?

— Conheço de vista — respondeu Norberto — é um militar, creio eu. . .

« Francisco Salter de Mendonça — continuou o doutor Joaquim Antonio de Sampayo sorvendo uma pitada pela ventá direita, e comprimindo a outra com o dedo indicador da mão esquerda — Mendonça é um tenente da Brigada real de Marinha, é natural de Lisboa, e está aqui há dois annos a bordo do brigue *Audaz*. E' um moço que vive do seu soldo, e está por ahí relacionado com os rapazes nobres da cidade. E' o que posso informar ácerca de Mendonça.

« Agora, vou responder á pergunta de Norberto. Admirou-se de eu estar calado com isto? Calei-me, porque receava muito que alguma imprudencia vossa irritasse o amor de Carlota. Calei-me, esperando que Mendonça fosse chamado a Lisboa, e nos deixasse o campo livre para despersuadirmos Carlota. Ainda assim, fiz tenção de vos avisar, logo que julgasse necessario empregar medi-

das promptas. Eu sei que o rapaz tenciona vir pedir-vos Carlota, e sei tambem que em poder de um meu collega está já um requerimento della para ser tirada por justiça no caso de que negueis o vosso consentimento.

— Santo nome de Deus! valha-me Nossa Senhora! — exclamou, com as mãos na cabeça, D. Rozalia, em quanto seu marido resfolegava arquejante passeando acceleradamente na salla.

« Não comecem a fazer doidices! — tornou o doutor — Se gritam, se põe fogo de mais ao puçarro, entorna-se tudo. Aqui ha de fazer-se o que eu disser; mas mudemos de conversa, que ahi vem Carlota.



II.

Os tigres são menos sanhudos contra
o homem que o proprio homem.

PHOCION (*Instrução a Aristias*)

Les parents en effet ont cela d'admirable, et je
parle des meilleurs, que vous ne pourrez jamais,
ni par plainte, ni par raison, leur faire compren-
dre qu'il vient un moment où l'oiseau essate ses
ailes et quitte son nid; qu'ils n'ont d'autre mis-
sion que de faire et d'élever leur petits jusqu'à
l'âge où ils quittent le nid

ALPHONSE KARR (*Sous les Tilleuls.*)

QUAES fossem os conselhos do ornamento dos au-
ditorios portuenses, teremos occasião de avalal-o
opportunamente.

Oito dias depois de planisada a conspiração
contra os amores reservados de Carlota Angela, foi
procurado Norberto de Meirelles pelo tenente de
Marinha.

Francisco Salter de Mendonça era um rapaz da

boa sociedade de Lisboa, um dos mais distinctos alumnos do collegio de marinha, reformado pelo intelligente ministro Martinho de Mello e Castro. Tinha dotes corporaes que o distinguiam, e virtudes que os seus amigos avaliavam como raras.

Amava com verdade Carlota Angela, posto que, no principio, o ser ella filha unica d'um abastado commerciante encarecesse mais o galanteio. Sentiu, depois, que o seu amor se purgara da ignominia do calculo, até preferir que fosse pobre Carlota, para que, pobre, se igualasse a elle. Longo tempo a cortejara sem revelar-lhe as intenções honestas do namoro, esperando que fosse ella a que o auctorizasse a pedil-a a seus pais. Certeza tinha elle de que lh'a negavam, porque então, como hoje, um noivo era pesado na balança do negociante rico, e o contrapeso do coração não fazia oscillar o fiel. Pedil-a sem predispor o auxilio da lei invocando por Carlota, nunca Mendonça quizera até ao momento em que ella prometteu fugir de casa, se seu pai não consentisse.

Traçado o plano, Mendonça, como dissemos, procurou Norberto de Meirelles, e foi urbanamente recebido. Disse o motivo da sua visita, e não diviso na phisionomia do ricasso o menor signal de espanto, nem sequer surpresa. Acabou de fallar, e ouviu, com estranho jubilo, a seguinte resposta :

« Se minha filha é contente com o marido que se lhe offerce, eu não me exponho a que ella seja sua esposa. Ella que a ama, é que v. s.^a é digno d'ella.

— Espero — atalhou Mendonça — merecer a v. s.^a o conceito que mereci á sr.^a D. Carlota.

Norberto não soube responder convenientemente a isto, porque dissera parte do que o doutor lhe ensinara nas poucas palavras com que embriagou o radioso genro, e receoso de que lhe esquecesse o resto, continuou :

« Fique v. s.^a na certeza de que a vontade de minha filha é a minha ; tenho, porém, a pedir-lhe um favor que v. s.^a não recuzará ao pai de Carlota.

— Oh ! senhor ! que me pedirá v. s.^a, que eu não receba como ordens da pessoa que prézo desde já como pai ? !

« Minha filha fez annos de hoje a um mez, e eu muito desejava que ella festejasse na minha companhia os seus dezeseite annos, ainda solteira.

« Pois não, sr. Meirelles ! Exija v. s.^a de mim todos os sacrificios que se podem humanamente fazer, que eu nunca pagarei o regosijo deste momento decisivo para a felicidade de toda a minha vida.

« E v. s.^a — proseguiu o fiel repetidor do ba-

charel, contentissimo de não ter trocado uma só palavra apesar das interrupções do interlocutor — poderá, se assim lhe aprouver, honrar com a sua presença os annos de Carlota, que se festejam, ha dezeseis annos, na minha quinta do Candal.

Esgotára-se o peculio. Norberto fez menção de erguer-se. Sálter notou a grosseria; mas desculpou-a ao pai de Carlota. Retirou-se acompanhado até ao pateo, honra que tres vezes recusára, mas, á quarta, o negociante disse que ia para o escriptorio *tractar da labutação dos arrozos que estavam á descarga*. Isto é que era legitimamente d'elle.

Carlota, em quanto a visita esteve, não obstante o grande espaço que a distanceava da sala, apurava o ouvido na extrema de um corredor por onde poderia embuzinar a voz do pai, se elle a engrossasse, como costumava, nos agastamentos.

Ouviudo rumor de passos na sahida, correu ao seu quarto, e sentiu-se desanimada para receber a visita colerica do pai. Até então dera-lhe o amor affoiteza para responder ás iras paternas; e a rissonha esperanza de permanecer poucas horas em caza, depois da expulsão de Mendonça, affigurava-se-lhe agora uma tenção criminosa. Era o método que a transtornava assim; logo, porém, que o sobressalto se desvanecesse, viria a reacção do amor

resstituir-lhe o vigor d'um proposito, cuja firmôza as ameaças do pai não abalariam.

Pouco depois, Carlota foi chamada ao quarto da mãe, e achou-a prazenteira e jovial. O pai entrou apoz ella, e fingiu o mais lhano e caricioso semblante. Carlota estava espantada, e não podia crêr o que via.

— Diz-me cá, menina — disse Norberto — já sabes... ora se sabes!...

« O quê papá?

— Faz-te tolinha, minha serigaita! Arranjaste um marido, sem dizer agua vai, assim do pé p'ra mão como quem se caza por sua conta e risco...

Carlota baixou os olhos com humildade. Norberto perdeu um pouco do seu character artificial, e proseguiu:

— Ora, sempre tenho uma filha como se quer! Posso-me gabar!... Nem eu nem tua mãe valem nada, Carlota! Vê-se um troca-lintas, e não ha mais que dizer-lhe: se quer cazar comigo, estou aqui ás suas ordens; vá pedir-me a meu pai, e diga-lhe que me dê o dote que elle me ganhou a trabalhar trinta annos. Isso é bonito, Carlota?

D. Rozalia pizára rijamente o pé do marido, e conseguira recordar-lhe a traça combinada com o doutor. Carlota começava a sentir a reacção, ia erguendo a cabeça abatida para repellir a grosseira

invectiva do pai, quando este, com velhaca subtilidade, mudou para brando aspecto a severa carranca, e proseguiu :

— Em fim, quem caza és tu; o mal e o bem para ti o fazes. Se queres cazar com esse rapaz, caza. Eu disse-lhe o que um bom pai deve dizer. Consenti, com tanto que a vontade de minha filha seja essa. Que dizes a isto, Carlota? Estás decidida a cazar com o tal snr. Mendonça?

« Visto que meu pai não se oppõe á minha vontade...

— E, se eu não quizesse, cazavas do mesmo modo? . . Diz lá!

« Se o pai não quizesse, eu havia de pedir-lhe tanto que me deixasse ser feliz, que o meu bom pai . . consentiria. . .

— Lá isso é verdade . . . — replicou o negociante, obedecendo á terceira pizadella da irmã do bicharel — eu o que quero é a tua felicidade. . . Bem sabes que sou teu amigo como ninguem, ainda que te pareça que lá o teu namorado te quer mais que eu. . . E' boa asneira a das raparigas, que trocam pai e mãe pelo primeiro perna-fina que lhe impisca o olho ao dote! . . . (*Quarta pizadella de Rozalia, e mutação de cara e diapazão de voz em Norberto*)
Está dito! Cazarás com o homem; mas já agora hão-se de festejar os teus dezeseite annos em caza,

Eu já lhe disse a elle que esperasse um mez, e depois arranjar-se isso, e está acabado o negocio. O rapaz, pelos modos, é pobre; mas o teu dolo, se Deus quizer, chegará para tudo. Estás contente, Carlota?

« Oh meu querido pai — exclamou ella beijando-lhe affervoradamente a mão — eu sabia que era muito meu amigo; mas não esperava tanto da sua boa alma. Fui má filha em ter guardado este segredo; perdoem-me, por quem são, é que eu tremia só da idea de os desgostar, não podendo satisfocar o amor que lhe tenho... a elle... »

« Não chlores, Carlota, que não tens por que chlofar... » — disse D. Rozalia.

« Eu choro de contentamento, minha mãe, por ver que a minha ventura é possível sem desgostar meus pais... Sou a mulher mais feliz da terra. Queria que toda a gente soubesse agora os bons pais que o Senhor me deu. Tomára eu ver o tio Joaquim para o despersuadir de um máo juizo que elle fazia do meu querido pai, quando, faz agora um anno, me disse que eu não aleançaria o seu consentimento para casar com Francisco de Mendonça; e também queria abraçal-o, por que respeitou a minha paixão, e nunca mais me contradisse. »

A alegria dava a Carlota uma ousadia entusiasta, que espantava Norberto, e tinha semi-aberta a bocca de Rozalia.

« Se minha mãe conhecesse a nobre alma d'elle! — proseguiu ella — havia de amal-o tambem.

— Eu!... ora essa? tu és maluca! — atalhou Rozalia, comprehendendo á lettra a palavra, *amal-a*.

« *Maluca!* porque, minha mãe.

— Pois tu disseste ahi que eu havia de amar o tal homem!

« Pois se elle tem um coração tão bem formado! Esteve mais d'um anno sem me dizer que queria ser meu esposo, para que eu não pensasse que elle namorava a minha riqueza. Foi preciso dizer-lhe eu que a minha maior ambição neste mundo era fazel-o senhor do meu coração para toda a vida. Quando eu disse isto, até chorava de alegria elle!...

— Está bom, está bom, estamos decididos — disse Norberto, receando que os diques da ira se estiorassem — Logo que o tio doutor venha de Lisboa tracta-se disto. A'manhã vamos para o Candal. Lá é escusado andar com fallatorios do mirante para a estrada. Cá não se uza as noivas andarem a namoriscar á surdina. Já se sabe que elle ha de ser teu marido, o tio doutor quando vier, ha de convidal-o para nossa casa, e então conversarão á sua vontade.

Norberto sahio com as faces incendiadas, como se a raiva abafada respirasse por ellas. D. Rozalia,

porém, menos firme no fingimento, apenas o marido sahio, começou a pingar dos olhos umas lagrimas baças e granulosas como tamarinhas.

Carlota acudiu a enxugar-lh'as com meiguice, consolándo-a com a esperança de viverem sempre juntos, como até então. Rozalia, se a boa fé nos não engana, chorava com pena da filha, por vêr que todo aquelle contentamento se havia de mudar em amargura, se não falhasse o estratagemma do doutor.

Deixal-a chorar, que o scio de Carlota parece alargar-se ao pulsar vehemente do coração. Essa immensa alegria, que lhe deram, leal ou traiçoeira, ha de produzir a bemaventurança ou o inferno d'aquella familia.

Carlota tem a alma briosa e amante de mais para transigir com a perfidia.

A obediencia filial, mascara de corrupção com que algumas donzellas se disfarçam para abjurarem sem pejo ligações *inconvenientes*, é uma « virtude » dos nossos dias, importada... da America. Em 1806 não havia disso cá!



Tu me matas, meu pai! Quem tál pensara?
Eu beijo a mão que o golpe me prepara.

MARQUEZA DE ALORNA.

A traça do bacharel Joaquim Antonio do Sampaio era affastar Mendonça de Portugal, repentinamente.

Aconselhára elle a mentira para evitar o escandalo d'um rapto, ou a sahida judiciaria de Carlota.

Auzentar Mendonça para alguma das colonias, ou para os estados barbarescos, sob pretexto de guerra á pirataria, que infestava então o Mediterraneo; e prolongar essa auzencia até dissuadir Carlota, cortando-lhe os meios de se escreverem, era a trapassa do habil jurisconsulto, Norberto, pasma-

tio de tamanho ardil, fez tão estremado conceito do doutor que, no expandir-se da sua admiração, exclamou:

« O cunhado! vossé é homem de todos os diabos! Quem sabe, sabe!

— Mas, Norberto — disse o doutor — sabe que sem dinheiro nada se faz!

« Saque o que quizer, cunhado!

— Eu tenho talvez de comprar muito caro o pretexto para a saída de Mendonça. Não sei se me verei a braços com os protectores e parentes d'elle na corte, e as nossas armas são o dinheiro.

« Pois é dizer o que quer. O doutor leva ordem franca; não poupe dinheiro, e ponha-me o homem fóra da nação.

Assim armado com o invencivel dinheiro, o tio de Carlóla Angela chegou a Lisboa, em fins de 1806; levando cartas de apresentação para o ministro da marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, para D. Catharina Balsemão, e para o intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique.

A materia que então mais se discutia era a demencia do principe regente, causada por soffrimentos dos que tornam ridiculo um marido, ainda que o motivo seja mais para compaixão que riso. Falava-se na morte violenta de José Anastacio, em Mafra, empeçonhado por ter sido o espia e delator

da conspiração urdida contra o príncipe, em Arroios, n'uma caza da condessa de Alorna, que emigrára para Inglaterra, descoberta a conjuração. Os rumores surdos contra os pedreiros-livres indicavam os individuos suspeitos, mormente depois que o escriptor publico Hippolyto da Costa fugira dos carceres da inquisição, que lhe foram abertos pelo braço poderoso da maçonaria. Hippolyto, author, depois, do *Correio Braziliense*, devia a liberdade á embriaguez dos guardas e á astucia d'elle; convinha, porém, ao governo simular-se assustado do poder da maçonaria para iucruar contra os suspeitos a sanha da plebe. E', porém, certo que a maçonaria, em Portugal, entrára em 1797, com os emigrados francezes, e podera a muito custo implantar-se n'uma pequena sociedade ou loja denominada *Fortaleza*, quasi desconhecida e desapporcebida até 1806. Só depois que o ministro do reino entregou á inquisição um pedreiro-livre, e o impio fugiu do carcere do Rocio, levando nos canos das botas os « Regimentos da Inquisição » reformados pelo marquez de Pombal, dos quaes publicou, em ar de zombaria, curiosos extractos no jornal que, depois, redigiu em Londres — só depois desses neseios mêdos e estupidas perseguições do governo, sempre providenciaes para accordar os povos do lethargo, é que a sociedade maçonica em Portugal se

radicou, floreceu, e deu fructos bons e máos. (Os de hoje apodrecem todos antes de madurar.)

A questão dos pedreiros-livres revirou os projectos do bacharel portuense. Nova idéa lhe accudiu, quando principiava a mortifical-o e receio de não poder supplantar um frade beneditino bem aparentado, que se dizia ser pai de Francisco Sálter de Mendonça. Essa idéa era denunciar o tenente de marinha como encarregado de fundar no Porto uma loja maçónica, para o que tractava de intimidade com Jeronymo José Rodrigues, arcediago de Barros, o primeiro liberal que teve a cidade eterna, antes de pregoar-se a liberdade em Portugal.

Francisco Sálter de Mendonça conhecia o arcediago, era sua visita; sympathisava com as suas doutrinas politicas, e deixára-se eivar do espirito de vaga novidade que os principios de liberalismo balbuciavam ainda então confusamente. Não era, todavia, pedreiro-livre, porque venerava o frade que o adiantára na carreira das armas, e queria cumprir o juramento que fizera, nas mãos do monge, de jámais se associar á seita dos inimigos de Deus, com quanto conhecesse a ineptia dos pharizaeos amigos do altar.

O tio de Carlota apresentou-se a D. Catharina de Balsemão, ouviu-lhe dous sonetos, applaudiu

lhos até chorar de terno enthusiasmo, e disse, depois, o firmal que ia. Pintou com negras cores o roer profundo do canero da maçonaria no seio da sociedade; lastimou a inevitavel queda dos fóros e prerogativas da classe nobre; se a media se incorporasse para desarreigar a arvore da seculos; disse que a maçonaria fizera Silla, e Robespierre, e Bonaparte; ajuntou outras muitas tolices em linguagem garrafal, até incendiar a combustivel D. Catharina, que logo alli lhe deu carta de mui especial recommendação para Manique.

O intendente ouviu com attenção e modo o bacharel. Soube que Francisco Salter de Mendonça, máncommunado com o arcediogo de Barroso e outros, tractava de fundar uma loja maçónica no Porto, convencendo os tímidos com a sua eloquencia revolucionaria, e promettendo aos illuzos a restauração dos direitos dos potos, victimados aos reis e aos grandes. Accrescentava o bacharel que Salter de Mendonça traduzia e espalhava os escriptos mais incendiarios dos revolucionarios francezes em 1791, e propalava que Portugal não podia ser feliz sem mandar um rei de companhia a Luiz XVI.

Manique estava tranzido! O orador, electrizado com o pasmo do ouvinte, entrara na sua hora feliz. As imagens mais ensanguentadas, as methaphoras mais patibulares, os tropos mais coriscantes ac-

culdiamo-lhe com trovejante iracundia. Digra de me-
lhor destino, a turba oratoria do telhado do Porto
conseguiu mais que lo desejado. Manique susteve-
lhe a torrente, prometendo providencias promptas,
e acabou por lhe pedir que ficasse na Intendencia
exercendo o logar de ajudante, assassinado em Ma-
fra, José Anastacio.

— Aquel é que o bacharel se achou superior. La si
mesmo, e d'eu um mundat adeus ao ocalado toirão
dos conselhos, que três elictos lhe levavam, no
Porto, ao seu obscuro escriptorio da rua de Santa
Catharina.

— Confado na sua estrella, e o nome do ajudante
do intendente geral da policia perguntou ao chefe
o que leccionava s. i. ex.^o fazer a Francisco Salter.
Manique respondeu que o offaria conduzir preso a
Lisboa, e do limboiro passar para a inquisição.

— «Se v. ex.^o me permite uma reflexão, a peço
dissé o bacharel.

— Diga lá, que eu respeito muito o seu pare-
cer.

— «Com o devido respeito e humildade que se
deve aos atilados juizes de v. ex.^o, peço licença
para observar que convém obrar com mansidão e
parcimonia para impedir que uma seita perseguida
faça proselitos. Eu vou com o maior respeito, lem-
brar a v. ex.^o trinta e tantos casos da historia, des

quas se vê quão imprudente e perigoso é empregar o cauterio á borbulha que muitas vezes resolve sem medicamento, e quasi sempre lava quando a fazem sangrar. Com o cordi priquetei pela seita lutherana, a qual seita lutherana.

— Tem a bondade de não exemplificar. —
 atalhou o intendente, que detestava cordalmente as novidades tanto em politica como em historia —
 Que entende o sr. que se deve fazer? Desprezar? Deixar rebentar o volcão? Então de que me servem as d'istres novas que me trouxe?

« Desprezar não, exm.^o sr. ! Que faz o habit agricultor ao galho secco da sua arvore? Corta-o, separa-o das vergonheas nivasca, mas não o lança á estrada para que o passageiro o leve como cousa sem dono, nem o desfaz com o machado como objecto sem utilidade. Leva-o para casa, lança-o na lareira, e aquece-se a elle. Façamos a applicação : Francisco Sálder é o membro contaminado o damirinho : cumpre decapal-o, para que não impeçom os outros ; cumpre aproveitall-o a fim de que os inimigos da ordem se não aproveitem delle ; cumpre empregal-o em serviço da patria ; mas seja bnda as suas tendencias revolucionarias não cathequizeem incautos. Mendonça é tenente ; promova-se a capitão, e (permitta-me v. ex.^a o arrojio de dar o meu parecer com a franqueza propria d'um portuguez, homem de bom)

e seja sem perda de tempo enviado como commandante do primeiro vaso que sahir para o Brazil, dispondo de modo a sua expedição, que elle só volte á metropole passados annos. Esta é a minha humilde opinião.

O bacharel concluiu dobrando o pescoço até bäter com a barba no peito. Manique redarguiu debilmente em opposição aos princípios phabianos do bacharel. Sampayo replicou pedindo sempre mil perdões da audacia, e assim superou o chefe, fortalecendo-se com a difficuldade de provar a denuncia, visto que as testemunhas presencias das arengas revolucionarias de Mendonça não jurariam contra elle.

Nesse dia expediu-se ordem para recolher a Lisboa o tenente da corveta *Audaz*, Francisco Sálter de Mendonça, no prazo de oito dias. Aprestou se um brigue que devia, dous dias depois da chegada do official, fazer-se á vela para o Rio de Janeiro, capitaneado por Sálter promovido a capitão.

O ajudante do intendente geral da policia escrevendo a seu cunhado Norberto de Meirelles dizia :

Tenho luctado com enormes difficuldades. Saquei seis mil cruzados, e venci as primeiras: as outras hão de vencer-se... etc.

Donde se inferé que o agente do Norberto de Meirelles estimára em seis mil cruzados as duas arripiadas arengas á celebre poetisa e ao intendente geral da policia.

... e a vida é uma coisa muito curta. Não se sabe nunca o que vai acontecer amanhã. Então, não se deve viver com medo. Deve-se viver com coragem e com a certeza de que a vida é uma aventura. Não se deve deixar a vida passar sem aproveitar cada momento. Deve-se viver a vida como se fosse a última.

Salada...
 Ai! não me deixes nunca!
 Aden
 Yo dejarte?
 ¿Y para qué, y porque? ¡tu mi querida!
 ¿Ni como, aunque quisiera abandonarte
 Juntos tu y yo lanzados en la vida?

ESPERONCEDA (El diablo mudo).

FAZEA tristeza e saudade a formosa lua d'umia noite de Agosto n'aquelles olorosos jardins do Candal.

Eca meia noite, e a viração do mar hafejava mansamente as copas dos arvoredos, que circuitavam a sombria casa de Norberto de Meirelles, o qual, a essa hora, ressonava mais alto que todos os seres vivos da natureza em roda.

De mansinho rodou a porta que abria para o

jardim. Um vulto deslizou por entre os myrthos e japonciras, até ganhar o mirante erguido n'um angulo do jardim.

« Esperaste muito? — disse ella a Francisco Satter, que lhe sahira de sob a ramagem sombria dos chorões debruçados no muro — Tem paciencia, meu amigo. Minha mãe detto-se ha meia hora; não sei que ar de inquieta alegria elle tinha hoje que lhe não chegava o somno...

— Seria tão viva a alegria della, como á viva a amargura que me não deixaria dormir a mim?

« Amargura! Que tens, Francisco?

— Não te fallou por mim o teu bilhete desta tarde?

— O teu bilhete?... não. Dizia-me que era indispensavel fallares-me hoje. Não traduzi amargura nisto. ... Cuidei que era uma saudade feliz e serena como a minha sup' oisq' me ha...

— Oh! não, minha querida, é uma saudade que me despedaçou... é a saudade que...

— Como? Que linguagem! Cessa, Francisco! Não me tens agredido aqui? Não sou eu tua para sempre?

— Sei que serás, Carlota, sei que tu me precisas que chores comigo para me sob menos amargura a minha dor. E' forçoso que nos separemos por alguns dias... mezes... annos...

« Jesus ! quod nos separemos ? ! Onde vais tu ? »

— Sou chamado immediatamente a Lisboa.

« A Lisboa ! . . . para que és tu chamado a Lisboa, Francisco. »

— Não sei ; é uma ordem terminante do ministro.

« Oh meu Deus ! que lembrança terrível ! exclamou com abeinhencia ! Carlota — E' impossivel ! é impossivel ! »

— Impossivel o que ?

« Nem te quero dizer a horrivel idéa que tive agora . . . »

— Diz, Carlota. Não vejamos se se encontram duas idéas horribes.

« Pois também suspectas ? . . . que te lembra, meu amigo ? . . . diz, diz, se também julgas possivel. »

— Também suspeito que achando-te tio a Lisboa . . . »

« Sim . . . sim, é isso que me lembro ; mas não creias, porque meo tio é um bom homem. Ha muito que elle dizia que fôra a Lisboa a quequer oútra emprego. E' ao que foi ; mas . . . é verdade que . . . »

— Não receias atormentar-me, Carlota ; diz tudo que te faz desconfiar ;

« E' que hoje recepeu-se carta de meu tio, co-nheci a letra do subscripto, » quiz abril-a inno-

centemente, e meu pai tirou-me a carta da mão com grande sobresalto, dizendo que não era boa criação lêr as cartas d'outro. Eu disse-lhe que era uma curiosidade filha do desejo de saber como meu tio passava, e o pai voltou-me as costas, e ou bem vi que elle estava muito inquieto... mas...

— Duvidas ainda, Carlota, quando tu tio foi agenciador a minha saída do Horto? Duvidas que não foi traçoeiro o consentimento do teu pai, sem ao menos me perguntar que familia ou haveres são os meus?

— Isso é horrivel, meu amigo! Não me convenças desta traição que me matas! Elles não podem separar-nos, não! O que a morte póde fazer, não o farão elles. Juro-te pela minha alma, e por tudo quanto ha sagrado...

— Não jures, Carlota: eu sei o que és para mim; vale mais essa tua afflicção que todos os juramentos. Por quem és, não chores assim,—meu querido anjo. Aqui é terrivel mal que nos ameaça ó a saudade, a incerteza não. Se a nossa ventura vier mais tarde do que a esperavamos, resignémos-nos, vençamos a desgraça com a esperança. Teu pai porque será contra mim? porque eu sou pobre? pois bem, Carlota, irás pobre para a companhia do teu marido. O meu pão chega para ti, e bastará para mim. a felicidade de t'o alcançar á custa de

honrado trabalho. Não aceitaremos uma moeda de cobre dos cofres de teu pai. . . Bem basta que esse dinheiro tenha sido o nosso, algar para o não querremos comamos. Pobre é que eu lo quero; e, se teu pai me não diz tão depressa que eras rapha; ouviria da minha bocca uma requeija formal do teu grande dote. . . Coragem, minha amiga. Eu vou a Lisbon, conheço logo a causa da minha chamada; desfaço as intrigas se ellas lá me esperam, empinho em nosso favor amigos e parentes; que tenho alguns valiosos ao pé dos ministros. Voltarei para convencer teu pai de que tu reptoi verdadeiramente a sua patria, e me reconhecer por elle, suppondo necessario chamar a lei em nossa ajuda. Entrarei em tua casa, e te direi hei de te ver ser minha esposa! » e tu sahirás, pois não, minha Carlota?

— Sim, pois, sahirei pois porque não há de ser já?

— Já?!

— Sim, leva-me contigo; não me deixes entregue a este gente que me quer matar. Começo a odiar-os, e não poderei mais vê-los sem enaço. Leva-me, Francisco. . . Aceita-me assim pobre, e verás que te levo a maior riqueza deste mundo; um coração onde eu tenho o segredo de fazer a nossa felicidade na pobreza. . . Não me respondes?

— Queria responder-te de joelhos, Carlota! Tu

és um anjo, és um bem que eu não mereço: a Deus, e receio desagradar-lhe: se fago soffrer meus pais, que, de certo, te devem amar muito, e ninguém que te fazem bem, separando-te de mim: E se fosses pai, e pai d'uma filha q'ssais, e labar-bia ao primeiri que me visse pobro, sem me mostrar virtudes dignas d'ella? Não diria esse homem perfeitamente que sim, para depois praticar a maldade de o assistir, matando-lhe o coração e p'umpaladas traçoas. Não mostraria no aspecto da minha filha a bee para depois se despojar no inferno e me sobe a coustar-me-dia multa e dizer-lhe: chi te dou o thezouro que te dá na bo. Moração de zeste: emo q' tu guarda para me da elegia: sea margoral da m'ebite. Quando a me deixa-me só como a miuba da de de irremediavel. Não. E a de o p' todo, ainda que a doros a meus pais esse desgosto. E deo amor ilensino: e a sen: noltre. Ha um amor que se m'lythoqos e amio; mas esse amor não do o meo: siq' se pressa para todo o mundo, e para os teo mais: quei para o uide. Ninguem diria quei salvati e q' os eoa m'it' cruzados de deu pai, quando eu fizir a maldade que la affecta: e á hora de d'ia: q' se presencia de quantos q' uide: v' e como um homem pobre: se ve um gobre: jacar a sua mulher. Eia, mi h' q' uide. Confolo: ficio em tua: razao. Não exaggeta: os e: infurtunio. E: pro: p'lio: do m'uito: amor: que nos: temos: e: mas: saibamos

voráram. São como as agulhas do naufragado, que não preencheram ainda a conta dos seus dias; e quiz em vão contar aos que o salvaram a suprema afflicção do afogamento. Para as torturas d'um adeus, entre duas almas immortaes, por um só espirito de vida, sei eu que ha na lingua humana uma palavra, uma só: **adeus**. Isso é poder que o morrer, por que na morte ha o esquecer graduado por cada estalar de fio que nos atava aos poucos bens deste mundo: ha o extremo dom do arbitro das vidas — a resignação sem lucta, o luzir da estrella esperançosa que se ergue de traz do tumulo, o recordar-se dos ancees para Deus quando as brilhantes illusões da terra se convertiam n'um como tenue vapor de incenso que nos prendia os olhos lagrimosos até o vermos entrar no ceu.

Mas o adeus de Carlota Angela a Francisco de Mendonça!. Essas **desencolheiras** palavras que já não eram mais que um longo gemido, convulso, suffocado, a cada impeto dos dous corações que rasgavam os peitos para se juntarem!.....

Linda expirava a noite. Raiava a aurora, empallidecendo as estrellas. Uma aureola de frouxa luz eintava os horisontes. Na extrema orla do mar enrubesciam-se as aguas, e calava-se o rumorejar da vaga, como para ouvir o hymno matinal dos madrugadores alados.

Sai se o vulto de meu corpo
 Mas ei nome...
 Ca os olhos vos fica morto
 —
 —
 —

...
 tre des obstacles, elle reagit, et cette réaction im-
 agée et comprimé, nous porte à des mouvemens de-
 ce. Notre affection, alors, devient passion. Et com-
 être placés que par les intérêts d'autres personnes,
 personnes si offensives, si importunes; elle change no-
 timent odieux.
 (Précis du système universel.)

F FRANCISCO Salter foi, naquelle occasião, ao
 Candal offerrecer a Norberto de Meirelles os seus
 serviços em Lisboa, onde era chamado pressuro-
 samente.

O negociante não tinha pratica e habilitação
 bastante para simular no rosto a surpresa ou o des-

contentamento da inesperada auzencia do genro apalavrado. Manifestou, com toda a expressiva estupidéz com que a providencia dos grosseiros velhacos lhe dotára a phisionomia, a alegria damnada que lhe não cabia no bojo do peito. Mendonça evidenciou as suas suspeitas, e arrependeu-se de não ter convertido em peçonha toda aquella alegria, acciitando a fuga de Carlota, horas antes.

« Desejava despedir-me das senhoras — disse Mendonça

— Minha mulher — tartamudcou o negociante — foi a missa, e mais a menina, a uma capellinha á Bandeira, soube com todo o gosto. . .

Mendonça, quando entrara o portão da quinta, viu Carlota atravessal uma vereda. Carlota, pé ante pé, viera a occultas da mãe, avizinhar-se da sala, com o cuidado de, caso o pai a não chamasse, entrar na sala onde Mendonça estava, como de passagem para outra, e fingir-se surprehendida do encontro.

Foi o que ella fez ao tempo que o negociante acabava de improvisar uma missa na capellinha da Bandeira.
 — Ah! — exclamou ella — estavam aqui! . . .

« Acabava eu de pedir licença ao sr. Meirelles — disse Mendonça, corrigindo ironicamente — para offercer a v. s.^a e a sua mãe o meu prestimo em

Lisboa, para onde se pôde ir hoje ás quatro horas da tarde.

O arroeiro, em pé, com os braços estendidos ao longo dos flancos abduzidos, e a cabeça fechava as mãos, como um idiota, não sabia fazer outra gesticulação mais parva, quando a sua ineptia fosse tal que se lhe fechassem todas as veias de uma posição falsa.

O sr. Norberto proseguiu Francisco Saller, cedendo ao prazer de afrontar a ventura do vilão diante da própria filha, e disse-lhe que a sua mãe eslava na Bandeira ouvindo missa, e em retirar-me...

Carolina encovou o olho, e viu um阿goitar de olhos, que lhe obligeou a baixar os d'ella, por vergonha de si e da seu pai, Saller levou d'ó de ambos, e mudou do coarresação.

Não sei que motivos a impoem, me chamam a Lisboa; talvez os atores d'uma nova invasão hespanhola; ao tempo que se se toma um de factiva assalto de França.

— Pois virão cá os herages de Napoleo? exclamou o negociante, já transfigurado pelo susto dos francezes, mal incomparavelmente maior, que destruiu a exatidão que deixou a appareção da filha.

Póde ser que venham, sr. Norberto, respon-

der ao desafio que lhes mandamos pelos noíses soldados do Roussillon, quando a França liquidava as suas contas com a Hespanha.

Norberto não o entendeu, mas redarguiu-os. — Se elles cá vêm, é contar que não doivam nada; diz que mettem a Baque todo quanto topam; pois não mettem?

« E' possível; mas v. s.^a previna-se, escondendo o seu precioso aqui no Candal, por exemplo, onde de certo os francezes não vão! Ah! está o incoentente de ser-me. Já cá não, Norberto está a soffrer com o medo de que o obriguem a uma contribuição...

— Se lhe parece p... de caso um de para mim: quem não tem nada, tanto se lhe dá como se lhe detra; mas quem lhe custa a ganhar o que tem, pouco ou muito, quer pa e soogob...

— Não se atreva antes do tempo, sr. Norberto — replicou Mendonça, sorrindo a Carlota — quando os francezes invadem Portugal, eu ajudaria v. s.^a a defender o que é seu, não só como esposo de sua filha, mas tambem como seu amigo.

— Isso lá... regoughu o mercieiro — muito obrigado, não me despeço do favor; mas o sr. é militar, e quando isso for não lhe ha de faltar por lá que fazer, na guerra do mar.

« Assim aconteceria — tornou Mendonça enter-

fando lentamente o estillete observador — se eu não tencionasse pedir a minha baixa do serviço, para evitar que as revoluções perturbem a felicidade de minha mulher e a minha.

— Então que modo de vida queria o snr. ter, se cazasse com a minha Carlota?

« Outro qualquer mais permanente, mais descansado; negociante, por exemplo.

— E que é dos fundos?

« Fundos?

— Sim, o casco do negocio?

« O casco! ... a que chama v. s.^a casco?

— Casco é o cabedal para começar.

« Meu sogro dar-me-hia...

— Dinheiro?! meu amiguinho; está quasi todo empregado em torrões; e eu, em quanto vivo, não dou nada.

« Mais uma razão — replicou Mendonça, condoído do vexame de Carlota, e seguro, mais que seguro, do villão character do arroseiro — mais uma razão para v. s.^a não recear a invasão dos francezes... Agora tem lugar — proseguiu elle, mudando de ironico para circumspecto e grave — uma observação que me esqueceu ha dias, quando tive a ventura de pedir-lhe a snr.^a D. Carlota. Eu, snr. Norberto, pedi sua filha, simplesmente sua filha; não pedi dinheiro, nem pedirci jámais. Eu

conto com recursos propios para que ella não sinta falta de commodidades que deixou em caza de seus pais. O meu patrimonio é a patente que tenho, e as bem fundadas esperanças de me augmentar nesta carreira. Não me julgue v. s.^a allido ao dote de sua filha, nem cuide que me affligi com a ameaça de nada lhe dar em quanto vivo. Pôde o snr. Norberto gastar, ou augmentar o que tem, que sua filha não esperará a morte do pai para poder comprar mais um vestido. Faça, por tanto, justiça ás minhas intenções, e conceda-me que eu dê liberdade a algumas idéas que me estão inquietando e magoando.

V. s.^a não procedeu fcalmente comigo, quando me deu, sem reparo, sua filha. Rogo á snr.^a D. Carlota me consinta este desabafo, porque a clareza, neste momento, é necessaria a todos nós, e o amor e o decoro costumam, nas almas nobres, soffrer juntos, quando um delles é offendido. . . e agora são ambos.

— Eu não entendo o que v. s.^a ahi está a dizer — atalhou Norberto conscienciosamente.

« O snr. Mendonça. . . — accudiu Carlota; mas o pejo embargou-lhe a voz.

— Eu queria dizer ao snr. Norberto de Meirelles — tornou Mendonça — que fez v. s.^a mal em dar uma palavra de que se quer desquitar por meios menos honestos, e á custa talvez da minha

liberdade. A ida de seu cunhado á capital, e a ordem de eu ir, sem perda de tempo, a Lisboa, escondem uma trama que eu espero desenredar em oito dias. Se o snr. Norberto, e seu cunhado julgaram que uma intriga basta para aniquilar um amor de dous annos, uma união de toda a vida ja abençoada por Deus, que vê a pureza das minhas ambições, enganaram-se! Retardar não é destruir. Eu confio tanto no generoso coração da snr.^a D. Carlota como em mim proprio; e só o muito amor me podia dar a mim esta franqueza com que fallo, e a ella a indulgencia com que me ouve accusar o proceder injusto de seu pai.

— O sr. está a insultar-me! — exclamou Norberto — e de mais a mais em minha caza!

« Eu não insulto, sr., queixo-mo de ter sido ultrajado, e reconheço, nêssô desabrimento, que é certissima a perfidia com que fui enganado. Retiro-me, para que v. s.^a não me offenda, terceira vez, dizendo-me que o insulto.

— Pois o melhor é isso — redarguiu Norberto. — O snr. pensava que me levava á valentona? Eu tambem tenho amigos, e sei o que hei de fazer!..

« Que ha de fazer o pai? — disse Carlota com altivez — O pai não póde fazer nada.

— Que dizes tu, Carlota?! — trovejou Norberto.

« Digo que não ha forças humanas que me pri-

vem de cazar com este senhor. O pai governa no seu dinheiro, e nós nada lho pedimos. O sr. Mendonça, se quizesse ser menos generoso com meu pai, estaria já cazado comigo, porque eu o authorizei a tirar-me de caza por justiça.

Norberto, como todas as indoles abjectas, cahira no miseravel da sua atonia, sob a fulminante coragem de Carlota. Francisco Sáller aproximou-se della, tomou-lhe a mão como se estivessem sós, e murmurou :

— A virtude que Carlota chamou generosidade continúa. Vou a Lisboa, porque sou militar, e transgrido a honra e dever não me apresentando.

Mendonça despediu-se de Carlota Angela, que chorava, e de Norberto de Meirelles, que limpava com o canhão da japona de colim, o suor da bruna testa.

D. Rosalia faltára a este conflicto, porque, atarefada na cozinha com a liquidação dos legumes vendidos na manhã d'aquelle dia, não dera fé de entrar Mendonça.

Carlota Angela, apenas sosinha com seu pai, voltou-lhe as costas, e sahiu da sala.

Norberto ficára de tal modo aturdido com o desembaraço da filha, que parecia temel-a. Procurou a mulhor, e contou-lhe, como elle podia, o succedido. P. Rozalia benzeu-se trez vezes, e trez vezes

levou os braços em arco á altura da cabeça, acção favorita da gressa mãtrona quando queria exprimir o supremo espanto.

Animando-se mutuamente, entraram no quarto de Carlota, e gritaram ambos ao mesmo tempo :

« Filha ingrata ! nós te amaldiçoamos !

— Para sempre ! — disse a solo o sr. Norberto.

— Para sempre ! — repetiu D. Rozalia.

— Amaldiçoada ! — bradaram em dueto.

« É porque me amaldiçoam ? — disse Carlota —
Quê crimes são os meus ?

— Ainda perguntas ? ! — respondeu Norberto ;
opilando olhos, bochexas, nariz, e tudo o mais susceptível de opilação na sua elastica physionomia —
Pois não tiveste o atrevimento de me dizer ainda agora què eu não podia fazer nada ?

« Disse, sim, senhor ; disse porque ha só um meio de me prohibir o casamento com a pessoa a quem o pai me deu : é matarem-me.

— Isso diz-se a teu pai, rapariga ? — bradou a mãe.

« A verdade diz-se aos pais ; mentir-lhes é què é crime. Para que hei de eu dizer que faço a vontade a meu pai, se não sou capaz de cumprir a minha palavra ? Logo que Mendonça voltar de Lisboa, se elle me não procurar, procuro-o eu. Se elle me quizesse com a mira no dote, faria todas

as diligencias por que me dolassem, ou morreria de paixão por me não dolarem, felizmente, o homem que Deus me destina é a mim que me ama, e não ao dinheiro de meus pais; para ser sua mulher basta-me o coração; pois bem, fique o dinheiro a meu pai, e seja o coração para o homem que não exige de mim outros thesouros.

Norberto olhava Rozalia, Rozalia olhava Norberto, grotescamente pasmados. Estranha era para elles a linguagem, o entusiasmo, a alliveza, as attitudes de Carlota. Queriam contradictal-a com os argumentos triviaes d'um cazamento rico; mas a migalha de bom-senso que tinham ambos, bastava a convencel-os da inutilidade de similhantes razões. Queriam leval-a pelo terror; mas com tanto mimo a tinham deixado emancipar-se desde criança, que não sabiam agora com que gestos, com que palavras, exprimir o agastamento, a admoestação irada, a soberania paternal.

O coração de Rozalia era bom, e seria ella a protectora do cazamento, se a não tolhessem os prejuizos de classe. A mulher de Norberto cuidava, em boa consciencia, que sua filha não podia ser feliz, cazando sem o precedente de escripturas de doação, sem a concorrência de doadores bem ricos e bem estupidos por parte do noivo. Por mais que ella quizesse descobrir no official de marinha os

encantos que seduziram sua filha, a tapada creatura o que encontrava era motivo para pasmara cada vez mais.

— Um ingarilho de bigode como um chivo... — dizia ella a Carlota, depois que Norberto se retirara com medo de ceder á indignação, que o enfurecia — um pechibeque que não tem terra nem leira nem ramo de figueira, ó rapariga, que feitiço te fez aquelle patavina? Ha por ahi tanto rapaz bem azado, com negocio estabelecido, e creditos... se querias cazar, porque o não linhas dito, que já se tinha escolhido a flôr dos rapazes do Porto? Está ahi o filho do Antonio José da Silva, e do Joaquim José Guimarães, que por entre os dentes deram a entender a teu pai que te queriam, e ainda estão solteiros, não tens mais que fallar... O' mulher! isso foi inguirimanco do demonio! Porque não cazas tu com um dos outros?

« Perde o tempo, minha mãe — disse Carlota com firmeza — Esses homens aborreço-os; o mundo tem para mim um só homem; não vejo, nem quero vêr outro: é Francisco de Mendonça, porque sou d'elle, considero-me já sua mulher, e...

— Tu que dizes, Carlota!? — bradou apavorada D. Rozalia — E's já mulher d'elle? Pois tu... Credo! tu estás ahi a dizer blasfemias... O' desgraçada, pois tu...

« Eu quê ! o que está ali a mãe a fazer uns espantos que não sei a que vem ? Se me julgou culpada de alguma acção indigna de mim, é mais uma injustiça que faz ao homem que amo. Tenha a segurança de que Mendonça não me humilha ; pelo contrario, eleva-me, ama-me bastante, e é bastante virtuoso para não querer que a minha consciencia me accuse de alguma fraqueza.

Oh ! ninguém sabe comprehender, como quem ama, uma nobre alma ! Tenho eu, e elle tambem tem a infelicidade de sermos avaliados por pessoas que adoram o dinheiro sobre todas as cousas, e crêem que fóra do dinheiro não ha virtudes nem contentamentos. O' minha mãe, foi uma desgraça darem-me uma educação differente da que receberam meus pais. Eu vejo as cousas e as pessoas de um modo diverso. Olho para a riqueza como para um obstaculo á minha ventura, e não posso deixar de aborrecê-la . . .

Bem vejo que minha mãe se admira desta linguagem, creia que não é falta de respeito, nem confiança nas minhas fracas forças ; é animo que me dá um amor puro, e digno de mim ; é uma força de que eu preciso para convencer meus pais de que privar-me de cazar com Mendonça é o mesmo que matar-me !

Minha mãe não quer que eu morra, e ha de

proteger-me, ha de amolhecer o duro coração de meu pai, ha de lembrar-lhe que o consentimento dado não pôde ser negado sem deshonra para elle, e grandes torturas para mim. Seja por mim, minha querida mãe, seja boa como tem sido sempre. Tenha dó da sua filha única, da filha que nunca lhe desobedeceu, e, se hoje desobedeça, deve ser muito dolorosa a violencia que lhe quærem fazer...

Carlota Angela soluçava no seio de D. Rozalia, cujos vasos lacrimaes se romperam copiosamente.

Eram de bom agouro as lagrimas da internecida mãe.

As difficuldades, que ella oppunha, eram vencidas por novas supplicas de Carlota. D. Rozalia acabára por prometter, com o seu silencio, vencer a resistencia do marido.

Norberto sahira entretanto para o Porto, e fôra ao paço do bispo prevenir a magistratura ecclesiastica contra as diligencias de Francisco Sálter de Mendonça. Alguem o aconselhou que fizesse entrar sua filha n'um convento para obviar ao rapto, visto que, dado o passo da fuga, o mais airoso e honesto era remediar a deshonra irreparavel sem o casamento.

D. Rozalia Sampayo tinha uma irmã freira beneditina, no Porto, senhora muito reformada, muito rezadeira, e havida em conta de predestinada. Lá

dentro, e de religiosa illustrada entre as pessoas das suas relações.

Carlota Angela visitava a miudas vezes, e entretinha-se longas horas na grade, e até alguns dias dentro do mosteiro, onde sua tia lhe ensinava muitas devoções mirificamente salutaes, com as quaes Carlota sahia convencida de que, fazendo-as um mez, ganharia indulgencias bastantes para remir das penas do purgatorio toda a christandade.

A madre Rufina, sem desagradar ao seu director espiritual, frade Carmelita de poucas lettras e muitas virtudes, era uma tolerante senhora, a quem Carlota confessára a sua inclinação ao official de marinha, resultando-lhe d'ahi ter de rezar, por conselho da tia, mais algumas devoções para que a Virgem lhe inspirasse o melhor destino neste mundo.

Carlota dizia-lhe que o seu apaixonado era pobre. Madre Rufina replicava que pobre era quem não tinha a graça de Deus. Carlota redarguiu que talvez os pais não a dessem a um rapaz sem doté. A benedictina appellava para a vontade do Altissimo, que fazia tudo pelo melhor. Ora, Carlota Angela, melhor ou peor avisada, entendia que Deus, na maxima parte dos actos humanos, e nomeadamente nos cazamentos, não punha nem dispunha. Isto será menos orthodoxo; mas é neces-

sario impôr á responsabilidade do homem, ou do diabo, coisas que por ahí ha que não parecem de Deus.

Norberto de Meirelles foi do paço do bispo ao convento de S. Bento da Ave Maria, e fez chamar sua cunhada. Contou a desordem em que se achava sua caza, foi eloquente no seu genero, desafogou a ira abafada em presença da filha, e terminou dizendo que, o mais tardar no dia seguinte, Carlota havia de entrar no convento, onde estaria até se lhe varrer a mania de cazar com o tal Pedro-malas-artes.

A madre Rufina respondeu que na caza do Senhor não se recebia ninguem introduzido á força; que sua sobrinha não estava no caso de aceitar com prazer o recolher-se a um convento, quando o seu coração propendia e ligava a outros amores. E concluiu aconselhando a seu cunhado prudencia e caridade com as inclinações de Carlota, que, se não eram convenientes aos olhos do mundo, também não eram peccadoras aos olhos de Deus.

E, em resposta ás impertinentes replicas de Norberto de Meirelles, a digna esposa do Senhor prometteu chamar sua sobrinha, relatar-lhe as maguas de seu pai, tentar demovê-la do seu proposito, e pedir muito, primeiro, a Maria Santissima que tocasse o coração de Carlota com a resolução mais

conducente ao caminho da virtude neste mundo, que é o da salvação no outro.

Norberto sahio pouco contricto, e notou que sua cunhada gosava uma reputação usurpada. O homem achava aquelles principios irreconciliaveis com a santidade de que D. Rozalia fazia o panegyrico, todos os dias. Não obstante, a irritação moderou-se-lhe, na esperança de que, em ultimo refugio, seu cunhado doutor faria em Lisboa, com o dinheiro, o que a violencia não conseguisse cá.

A freira pediu ao capellão do mosteiro que lhe acompanhasse sua sobrinha; e teve com ella o seguinte dialogo, quasi textual dos apontamentos de Carlota Angela, que devêmos á confidencia d'uma sua amiga de quem logo fallaremos:

— Teu pai, menina, esteve aqui hontem, e fez-me pena. Pediu-me que te despersuadisse do amor a...

« Pediu-lhe um impossivel, minha tia — interrompeu Carlota.

— Nada é impossivel a Deus, minha sobrinha.

« Deus escuta-se na consciencia, e a consciencia não me condemna: o coração.

— Mas que te diz ella sobre os deveres d'uma filha?

« Diz que tenho satisfeito a todos aquelles em que correspondo aos deveres de pai.

— Não sejas tão absoluta nas tuas respostas, Carlota. A desobediência é um crime.

« E o suicidio, minha tia?

— O suicidio é o maior dos crimes, porque é o desprezo do divino remédio nas dores passageiras desta vida.

« Pois creia que obedecer é morrer; se obedeco, se retiro o meu amor... retirar, meu Deus! eu disse uma loucura! eu não posso retirar o meu amor a Francisco; o mais que posso é mentir; mas essa mentira custa-me a morte... é o suicidio, e mais ainda... é um assassinio, porque eu mato o homem que me é tudo nesta vida...

Carlota rompeu n'um alto soluçar de lagrimas, que fez chorar a religiosa.

— E' escusado — disse esta, apoz um longo intervalo de silencio, cortado de suspiros — é escusado combater a tua paixão. Eu pedi tanto ao Senhor, em communidade, com algumas sanctinhas desta casa, te mudasse a lenção, que já agora não posso duvidar que o céo abençoa a tua união com esse mancebo. Já não te reprehendo; nem dissuado, minha sobrinha. Faremos com tua mãe o que não poderemos fazer com o espirito teimozo de teu pai. Enternece-a com as tuas lágrimas, menina; esperta-lhe a compaixão de que está cheio um coração maternal.

« Já o consegui; minha mãe chorou comigo, e prometteu alcançar de meu pai o consentimento que elle já tinha dado.

— Já tinha dado! ? a quem?

« A Francisco Sáller quando me foi pedir.

— E depois? desdisse-se!..

« Quando consentiu, foi para dar tempo a meu tio de nos urdir uma traição. Francisco partiu hontem para Lisboa, chamado a toda a pressa. O plano é talvez demoral-o lá; mas de que serve a má fé de meu pai, e as astucias de meu tio? Cá está o meu coração para vencer tudo. Cêdo ou tarde, Francisco voltará, e depois... e depois, se tanto fôr necessario, fujo de caza.

— Sancto nome de Jesus! não digas tal desatino, que offendes a Deus. O teu amor, se tal fizesse, deixaria de ser um sentimento honesto, minha sobrinha. Ha nodos que nunca se lavam, e intenções boas que deixam sempre uma face má voltada para os juizos severos do mundo. Já agora, filha, esgota todo o teu calix de fel para que so não diga que achaste doçura no crime. Eu entrei de vinte e dous annos nesta caza, estou cá ha vinte e seis, e ainda me recordo do que era o mundo lá de fóra, e o que lá não aprendi ensinaram-me cá pessoas que entraram para aqui sangrando ainda das chagas que receberam lá.

Carlota, eu hoje não te fallo a linguagem que me ouviste até aos quatorze annos. Conheço o teu coração, e acompanhei-lhe o desenvolvimento mais de perto que teus pais. Tua mãe não te podia entender, porque tua mãe sahio aos quinze annos da companhia de um tio abbado para cazar com um homem capaz de lhe abafar a intelligencia, se ella a tivesse. Teu pai é um honrado commerciante, tem sabido augmentar os seus haveres com a mira de te deixar muito rica, e não entende nada de coração.

Já vês, minha querida sobrinha, que teus pais ignoram a sua culpa, e não fazem mais do que julgam ser o melhor para a tua felicidade. Não os desgostes em quanto fôr compativel a obediencia com os affectos invenciveis da tua alma. Teu pai quer que te recolhas a este convento. Se vieses, se quizeres vir para a minha companhia, não preciso dizer-te que as tuas acções hão-do ser afferidas pelos deveres de uma menina recolhida nesta casa. D'aqui diligenciaremos o teu casamento com esse sujeito; mas as nossas diligencias hão-de cooperar todas sobre o animo de teu pai, até obtermos o consentimento, esquecendo-nos de que elle procedeu mal negando o que uma vez tinha concedido. Agora, pensa, Carlota.

« Tenho pensado.

— Queres ou não queres entrar no convento?

«Quero sim, minha tia; hoje mesmo, se é possível.»

— E', que eu tenho ainda licença para te poderes entrar; mas é preciso que teu pai o saiba.

Carlota Angela desceu aceleradamente as escadas que conduziam da grade para a portaria. Inundada de lágrimas. Ao abrir-se a porta, com o seu tristonho ranger nos gozcos, Carlota estremeceu, e apoiou a face, como esvaída, no cunhal do muro.

— Vem, menina? — disse do interior a madre Rufina.

Carlota Angela pôz o pé no limiar, e exclamou, estendendo os braços para a madre porteira:

«Disse-me agora o coração que era para sempre!.. Que é isto que eu sinto; meu Deus!»

— Se é Deus que l'lo faz sentir, minha sobrinha, louvemo'll-o todas pelo bello presagio que te inspirou.

A porta fechou-se. Carlota, rodeada de freiras, e nos braços de todas, soltou um ai que parecia um grito desentranhado do coração.

VI

Qui amans egeus ingressus est princeps in amoris vias;
Superavit periculis is suis cernuas Hercules.

PLAUTO (*Persa*)

O demonio da ambição . . .

A. HERCULANO (*Monge de Cister*).

FRANCISCO Sáller de Mendonça, logo que chegou a Lisboa, procurou o ministro da marinha, e encontrou-o, contra as suas presumpções, bem encarado e affavel:

D. Rodrigo de Souza Coutinho era um astuto politico, sabia conhecer os parvos pavores do intendente geral da policia, e amava bastante a pasta para contrariar as suggestões do principe regente, que tremia dos pedreiros livres, quando não tremia das conspirações da filha de Carlos IV.

Ainda assim, o ministro, protector affeiçãoado de Sálter de Mendonça, e particular amigo do frade progenitor, que valia muito com Mellos e Ficalhos, houve-se estutamente na recepção do official de marinha, mostrando-lhe a ordem do dia em que era promovido o capitão-tenente, e dando-lhe os emboras da escolha acertada que o principe regente fizera dos seus talentos e energia para, com mais dois officiaes, o enviar ao Brazil a correr com o apresto d'uma esquadra, que as prevenções da guerra demandavam.

Este gracioso acolhimento desfez, ao primeiro intuito, as suspeitas de Mendonça. A intriga era incompativel com a mercê do posto, e a honraria do encargo. A reflexão, porem, sobreveio ao juizo da primeira impressão, e Sálter, recordando o que se passára no Candal, creu de novo que o bacharel promovêra o seu desterro, simulado com a mascara do favor.

A nova de ter sido adjunto ao intendente Manique o tio de Carlota Angela revalidou a desconfiança.

Mendonça apresentou-se ao ministro, e pediu licença para tornar ao Porto, onde o chamavam compromissos do coração em que a sua palavra de honra se achava empenhada. D. Rodrigo objectou com a necessidade urgente da partida no pra-

zô fixo de quatro dias; percorreu profusamente ácerca da primasia dos deveres de portuguez em confronto com os particulares do coração; e encarceu o azedume com que sua alteza, o principe regente, veria posporem-se negocios do estado ás alianças amorosas d'um subdito que lhe merecêra tão relevante prova de real confiança.

Instava, por outra parte, o frade beneditino, e a parentella illustre do frade, vaticinando ao capitão-tenente um almirantado em poucos annos de serviço.

Para estes prophetas de glorias ensurdecêra Mendonça.

O coração accusava-o de ingrato e vil, se a cabeça se deixava instantaneamente desvairar com as vanglorias da fama. A imagem chorosa de Carlota Angela apparecia-lhe como um estímulo de honra, se o fraco espirito humano inelinava ouvidos aos embaimentos da consideração, do renome, e dos altos destinos a que o conduzia uma boa estrella.

Mendonça, quando as felicitações de amigos e invejosos pareciam já galardoal-o das bizarrias previstas, meditava rejeitar não só o novo posto e a commissão mais valiosa que elle, mas tambem a patente que já tinha. O tempo urgia, e os aprestos para a sahida acceleravam-se com extraordinaria diligencia. O capitão da real brigada deliberou

*

pedir a sua baixa, ou, caso lh'a negassem, dar parte de doente. Neste proposito estava, quando recebeu uma carta de Carlota Angela, datada no convento de S. Bento da Ave Maria.

Carlota contava-lhe miudamente os successos que a levaram ao convento; o patrocínio que encontrára em sua tia, as esperanças que esta lhe dava de docilisar a pertinacia do pai; o contentamento que ella sentia em esperar no remanso d'aquelle sancto azylo o esposo querido; a liberdade que estava gozando alli de pensar no seu anjo, alli, onde ninguém tentava desvanecer-lh'o do coração: em resumo, Carlota dizia-lhe que estava prevenida contra todas as borrasças, assegurando-o de que só sahiria do mosteiro para ser esposa do predilecto da sua alma. Não ajuntaremos ao conciso extracto da longa carta as meiguices de amorosa unção, os enternecidos deliquios da saudade, os azedumes e dulcidão desse agro doce espinho, que rasga o seio ao mesmo tempo que o balsamo da esperança alivia a dôr, cicatrizando a chaga. Essa carta era o que devia ser uma carta de Carlota Angela: a alma inteira, no que a alma n'uma virgem tem de communicativo ao coração estranho, se estranho pôde dizer-se o coração amigo que se sente e escuta dentro do nosso.

Francisco Sáltor era formado deste barro huma-

no contra o qual se tem vociferado e estampado muita satyra.

A mais suave maledicencia, querendo poupar a natureza humana ás querellas e libellos da philosophia rixosa, diz que o homem é um mysterio.

A theologia christã, para desencarregar o supremo artificio do desaire da sua obra, diz que o homem é um ente degenerado da sua primitiva puridade.

Em boa paz com theologos e philosophos, a mim se me afigura que o homem é um composto de grandeza e pequenez, uma dualidade de gigante e pygmeu.

Mendonça tinha uma unica macula na sua excellente natureza : era a imperfeição, era a falha do grande brilhante, que o leitor, de animo frio e vista clara, vai ver comigo.

A carta de Carlota Angela tranquillizou-o, não disse tudo — alegrou-o, deu-lhe um ar radioso de confiança e certeza na dedicação, que momentos antes lhe inculia o receio da mudança.

O homem é assim.

Parce que o amor sem a desconfiança, a esperanza sem a duvida, lhe dá um socego de espirito que não quadra á sua natureza irrequieta. O pungir de constante espinho é-lhe um necessario estimulo de vida. Se elle sahe do coração, é forçoso

que tira o orgão d'outras paixões. Se o amor prevalece á ambição de gloria ou de riquezas, satisfaz-se o amor, e a outra paixão resultará com toda a impetuosidade do arco retezado. . . Não se tirem já contra Francisco Sálder conclusões que o vago d'aquellas premissas não authorisa.

A carta não baixou a temperatura, mas mitigou o rescaldo do amor, a ancia da incerteza, affrontamento das conjecturas que elle formava ácerca do destino que o irritado Norberto daria a Carlota, depois da arrojada ameaça do Candal.

Se a levariam fóra do reino :

Se a cazariam violentamente com outro :

Se a encerrariam n'um convento, incommunicavel ;

Se a despersuadiriam com razões das que vencem o vulgar das mulheres, quando o amante as não anima com a sua presença ;

Se Carlota seria uma mulher vulgar, susceptivel de succumbir ás contrariedades.

Tudo isto eram hypotheses atormentadoras ; mas a carta respondia a todas. Carlota estava a salvo da perseguição ; sosinha com o seu amor, que ninguém lhe impugnava ; nutrindo-o com saudades na solidão do claustro. Este convencimento applicou a vertigem de Mendonça.

A idéa de pedir a baixa pareceu-lhe desnecessa-

ria. O espaçar-se o casamento para mais tarde affigurou-se-lho racional se necessario aos seus deveres de militar, e ao cumprimento dos encargos com que o principe regente o honorificava.

E, depois, dizia n'elle o ente pensante :

« Não será bem decoroso para mim voltar do Brazil com uma posição tão accrescida em honras que ninguem possa notar desigualdade entre mim e a filha do opulento commerciante ?

« Como homem brioso, não deverei eu querer que a propria Carlota me considere um homem disputado por herdeiras iguaes, ou ainda superiores a ella ?

« Os pais de Carlota, quando eu voltar habilitado para entrar no valimento dos mais poderosos, e igualar-me a elles, não terão pejo, vendo-me entrar em sua caza a castigal-os com pedir-lhe, segunda vez, a filha sem dote ? »

Assim fallava o orgulho do espirito ; o coração, porém, patrocinando o anjo puro, a quem semelhantes conjecturas injuriavam, tinha arrebatamentos de tão sentida queixa, ou clamava com tamanha ternura á consciencia incorrupta do mancebo, que, mais d'uma vez, o amor sahiu victorioso, e o projecto de pedir a baixa readquiriu novos estimulos.

E os sonhos de gloria ?

E os respitos do mundo, que não eram, como hoje, restrictos ao dinheiro ?

E o cortar uma carroira, quando a aurora de seu brilhante dia raiava tão sem nuvens?

É uma longa vida a viver só das commeições de um amor satisfeito?

E o emparelhar com os mais nobres, quando se tem um nascimento obscuro, ou se não pôde, sem desdouro, proferir o nome do pai, que inverga, não a farda do general, mas o habito dos monges negros?

Replicava assim o orgulho reigente; e o amor supplicante exorava de novo; a imagem melancolica de Carlota Angela espelhava-se no coração do mdoço; ressurgia ovante em toda a sua nobreza e izempõe a amorosa alma, e a tenção de não partir reacendia-se mais calida e inabalavel.

Assim, pois, chegou Mendonça a submeter o seu requerimento ao despacho do ministro.

Maior seria o pasmo de D. Rodrigo, se não julgasse o capitão da real brigada de marinha comprometido na maçonaria, onde se pactuára que a desobediencia implicaria pena de morte, a ferro ou a veneno como a de José Anastacio de Figueiredo, em Mafra, á sombra das têlhas reaes.

O ministro chamou o requerente a uma audiençia secreta, e disse-lhe que não só lhe negava a baixa, mas até lhe exigia o cumprimento das ordens regias; que seria mal visto de sua alteza o

subdito que tão mal correspondesse ao rogie concei-
to : que seria degenerado portuguez o que, no so-
lemne momento de pôr peito em defesa da patria
e á remuneração de patrioticos feitos, se furtasse
aos trabalhos e ás glorias : que seria irrisorio não
justificar o requerimento de baixa com mais motivos
para tamanho desconcerto que um pueril amor, que
não devia passar d'um incidente de terceira ordem
na vida de um homem intelligente, e fadado para
estrandosos destinos : que, finalmente, o valimento
se converteria em castigo, se elle requerente persis-
tisse na disparatada baixa, cuja concessão lhe gran-
gearia o riso de uns, o odioso de outros, suspeitas
perigosas de muitos, e, mais que tudo, a mal-que-
rença de sua alteza, que mencionava nomeal-o ma-
jor da armada, logo que servisse tres mezes no Brazil.

O remate da allocução era a douradura da pi-
lula. Major da armada ! a aspiração mais vantajosa
de tantos, que a não realisavam na velhice ! Vol-
tar, depois de alguns mezes, a Portugal, major da
armada, condecorado, ennobrecido, chamado aos
conselhos do soberano, e talvez ao ministerio !

Mas deixar Carlota no convento, a carinhosa
Carlota, amada dous annos, amada para sempre,
velada aos sacrificios, aos desprezos, ás injurias, a
tudo para lhe merecer a elle a renuncia de glorias
que retardavam um enlace tão suspirado !

Mendonça, na vespera da sahida para o Rio de Janeiro, escreveu esta carta :

« Vê, minha Carlota, que eu choro. A afflicção não me deixa outro desafogo. Quandó receberes esta carta, separam-nos centenares de leguas. Eu parto amanhã para o Brazil, obrigado pela minha condição de servo agaloado. Deram-me o commando de um navio, e mandam-me cumprir serviços de que eu cobraria esperanças para grandes honras, se a minha gloria unica não fosses tu, esposa da minha alma. Quiz dar a minha baixa, requeri, instei, negaram-m'a, e impozeram-me as leis militares. Quiz dizer-te um adeus por algum tempo; não me consentiram delongas, porque a corveta *Amazona* esperava-me quazi aprestada para se fazer á vela.

Mas eu não parto, Carlota. Comtigo fico, anjo. O meu coração ahi fica, ahi está pulsando no teu. As lagrimas de saudade que choras, choram-n'as tambem os meus olhos. Entre nós, nesta longa distancia que nos sepára, prende-nos a mesma cadêa de dores, de afflicções, de terriveis presentimentos. Quando te doer no coração o presagio da minha morte, sentil-o-hei tambem eu lá, e chamarei por ti no silencio da minha alma, neste grito surdo da saudade que é um despedaçar de todos os ligamentos da vida.

Porque choramos nós, Carlota? Invoquemos a

razão desvairada pela angustia ; supliquemos a essa filha de Deus, se não remedio, ao menos conforto ás nossas dores. Deveremos nós chorar como choram amantes infelizes ? Eu creio que não, minha cara esposa. Se hoje nos dissessem « a vossa união ha de realizar-se passados seis mezes, ou ainda um anno » teriamos justo motivo para nos rebellarmos contra o destino, contra a providencia que nos aproximou tão dignos um do outro ?

Não, Carlota, porque o nosso amor não está ameaçado d'alguma sinistra casualidade que o aniquille ou arrefeça. As distancias são impossiveis entre duas almas identificadas. Para ti no claustro, para mim na amplidão dos mares haverá sempre o mesmo santuario de fervente amor, a mesma acção de graças a Deus que não quer o infortunio dos que o confessam, e chamam nas suas agonias. As nossas lagrimas ha de a esperança enxugar-as. A esperança nos acordará dos sonhos tristes. A saudade, que desalenta e cansa, irá ao futuro pedir sorrisos ás risonhas imagens da nossa ventura de esposos. Oh ! nós não temos razão para chorar uma separação de alguns mezes, quando nos separamos tão confiados, como se acabassemos de receber a benção no altar, como se, no derradeiro abraço, sentissemos entre nossas faces o rosto d'um filho.

Que ridente imagem esta, ó Carlota ! que estra-

nho palpar de coração eu sinto agora! que diligências nos aguardam para o dia immorredeiro da nossa felicidade!

Animo, minha adorada esposa! Eu careço de imaginar que tens coração para aceitar, sem fraqueza, esta dôr. Preciso alentar-me da tua coragem, para que o auxilio da razão não esmoreça. Animeite; mas as lagrimas não me deixam escrever, nem a ti te deixarão entender estas palavras. Agora se me cerra em indissolvel tortura o coração. Largo a penna, desafogo em gemidos este aperto de alma, semelhante ao impossivel de comparar-se. Não me vença. Já creio que te perdi. Accuão-me de ingrato porque não deserto, e calco as leis, e fujo para ti, e te roubo a todo o mundo, para mendigar contigo uma esmola em paiz estrangeiro. Eu sou vil, sou indigno de ti, e rasgarei esta carta, ou lèr-t'a-hei de joelhos para que tu me perdões tamanho crime.

Que digo eu, meu Deus! que penso eu, e que farei da minha vida! Impossivel, Carlota, impossivel deixar de seguir o meu destino! Agora mesmo sou chamado á secretaria para receber as ultimas ordens. Este calix irremediavel ha de ser tragado, ou a deshonra, a perseguição, e o perder-la... Que horriavel palavra!

Um juramento, Carlota! Faz-me um juramento, ajoelhada diante d'um cruxifixo. Eu não o tenho

aqui, mas invoco o testemunho de Deus, porque o meu coração, quando tu proferires estas palavras, ha de ouvir-l'as, e recolhel-as. Jura que só sahirás do claustro para ser minha esposa ; e, se a morte me colher longe de ti, acabarás ahi teus dias, e nenhum ente sobre a terra roubará á minha alma a melhor parte que lhe fica no mundo, esperando que Deus a chame para as acolher ao infinito amor da bemaventurança.

Juraste, Carlota? Agora crê que o meu espirito te pediria contas desse juramento, se a perfidia denegrisse a tua alma immaculada.

Perfida!... tu!... Perdoa-me, anjo do céo, pelas lagrimas que chorei, pelas que tu choras, mais puras, mais angustiosas que as minhas!

Adeus..... »

VII.

Fiel é Deus, que não soffre termos mais peso do que aquelle com que podem os nossos hombros. Delle se devem esperar os verdadeiros allivios, e nesta fé se acabam os quebrantos.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS (*Cartas*).

CARLOTA Angela proferira o juramento, ajoelhada diante d'uma cruz; foram, porém, d'ahi levantall-a os braços de D. Rufina, que, accudindo ao soluçar dos gemidos, a encontrára esvahida.

Depois que a lançou á cama, a religiosa leu a carta, e disse a uma noviça que vinha entrando:

« Quando assim se amam duas creaturas, a vontade de Deus está nesse amor: tudo que os homens fizerem contra elle é um sacrilegio, é um attentado contra os designios do Altissimo. »

A noviça, depositaria dos segredos de Carlota, leu tambem a carta, e foi sentar-se á cabeceira do leito, encostando ao seio a face desmaiada da sua amiga.

Os sentidos de Carlota restauraram-se espavoridos. Tremia toda, e fitava com spasmo e assombro o rosto lagrimoso de Dorothea.

« Chora, chora, Carlotinha — disse a noviça, dando-lhe o exemplo, e acariciando-a com beijos.

— Se eu pudesse chorar... — balbuciou Carlota, encolhendo-se em tremuras de frio entre os braços de Dorothea.

« E, se elle morresse, não soffrerias mais, menina?!

Carlota fitou a espantada, e disse com voz rouca pela suffocação :

— Se elle morresse... quem?... pois sabes...

« Sei; li a carta, e tua tia tambem a leu, e chorou. Eu não acho razão bastante para succumbires assim.

— Eu não succumbo... se succumbisse, estava morta... Ainda vivo; mas, Dorothea, eu creio que morro, e morro brevemente...

« Arrepende-te, alma de pouca fé! — disse a tia, mostrando a sua nobre fronte de cabellos brancos, coberta com o magestoso véo negro, por entre os cortinados do leito — Que fallas ahi em mor-

rer, creança! Vida, muita vida, e muita confiança em Deus, e esperança em dias melhores, é o que te ensina esta carta, mulher sem animo. Vamos lê-la de novo: sou eu que a leio, e veremos se o coração de uma velha sabe melhor que a moça entender o coração d'um mancebo.

D. Rufina, sorrindo com fagueira graça, abriu a carta, sentou-se na cama de Carlota, e acompanhou a leitura com as suas glosas, não deixando sem ellas a menor phrase esperançosa.

A respiração profunda de Carlota, o convulsivo soluçar, o gemido indomável que lhe fugia em agudísimos ais, interrôperam, muitas vezes, a leitura. Era então que as consoladoras annotações de Rufina, e o assentimento da noviça, redobravam de persuasiva eloquencia, capaz de maravilhar as freiras que supposeram sempre estranha á linguagem das paixões a austera religiosa.

Terminada a leitura, Soror Rufina, descontente com o insensível resultado das suas consolações, appellou para o influxo sobrehumano da religião.

— Venham cá ambas — disse ella — vamos todas tres pedir de joelhos ao Senhor que leve e traga a porto de salvamento o nosso Francisco.

« Sim, sim! — exclamou Carlota Angela, saltando do leito, e seguindo-a com passos vacillantes.

Ajoelharam, e oraram affervoradamente. Seria

difficil estrear entre as tres qual era dellas a que pedia a Deus o salvamento do amante: tal era a devoção de todas.

— Agora respiremos! — disse, terminada a reza, a freira — Has de vê-lo, hasde ser sua esposa; minha Carlota.

Nas grandes agonias, qualquer esperança exalta a crença em agouros, em presagios, em superstições até. Carlota, pensando que sua tia recebera a suprema graça da revelação, exclamou com alegria e transporte:

« Que foi, minha tia?... Disse-lh'o Deus?

— Deus, filha, não falla a creaturas tão peccadoras e indignas como tua tia; mas consente que se possa contar com os effeitos da sua divina misericordia. Tudo o que se pede ao Senhor, com humildade e justiça, consegue-se. E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Sáller voltará, será teu marido, e tereis larga remuneração dos soffrimentos que offerecerdes a Deus em desconto dos contentamentos que sobejam aos felices d'este mundo.

Estas palavras soaram tocantes e solennes como o prophetisar da que a comunidade reverenciava assistida de graça superior. Carlota sentia alargarse a goliha de ferro que lhe entalava na garganta o respiro e a falla. As lagrimas, represadas no coração, rebentaram em torrentes; e o sangue, que

se relivera suspenso, circulava de novo, rosando-lhe a lividez cadaverica do rosto.

Estava desopprimida; e fôra a esposa de Jesus misericordioso que lhe insuflára alento. Fôra uma freira das que desafiavam o riso dos incredulos com suas devoções, e austeras impertinencias; fôra uma mulher, das que morreram para o mundo ou o mundo matára, das que se acolheram a Deus, ou Deus tirára do seu inferno em vida, fôra essa a que tirára da cruz, onde expirára o amantissimo redemptor dos homens, remedio de vida, e esperança para a chaga d'um coração de dezeseite annos, ferido de desespero e morte.

Assim, pois, na cella da rigida religiosa se desafogavam e consolavam affectos dos que, fôra d'al-li, no mundo tolerante e vicioso, são julgados rebellião contra a vontade paternal, escandalo para filhas submissas, e peccadora cegueira do coração humano!

Quão inventiva não é a caridade! quam largas bracejam as vergontas desse tronco evangelico, regado pelas lagrimas d'aquella a quem Jesus perdoára por ter amado muito!

A disvellada noviça não deixava sosinha Carlotta, um instante. Ella e Rufina revezavam-se ao pé da pensativa menina, que parecia querer fugir-lhes, já não para se carpir, mas para orar; que, na ora-

ção, sentia Carlota outro espirito em si; o murmuro d'outros labios supplicantes, a fervorosa crença de Mendonça inflamar-lhe a fé.

A serenidade viera com a confiança no futuro: do sobresalto, da afflicção, pouco e pouco socegada, ficára a melancolia suave da paciencia, essa que só Deus concede aos que á sua misericordia recorreram na adversidade, e em sua vontade se louvaram.

D. Rozalia visitava a filha miudas vezes, o pai raras, e de breve demora, porque o silencio de Carlota, que elle julgava desaffeição, desanimava-o de a vêr, e incommodava-o a sós com ella.

Dizia a mãe, nos primeiros tempos, que não havia tirar-lhe o sim para o casamento; mas que ainda era cêdo para descorçoar. Dous mezes depois, mostrou-se mais docil a pertinacia, e já elle dizia que, na volta de Mendonça, tudo se faria pelo melhor: é que o ajudante do intendente geral da policia, por occasião de lhe pedir mais seis mil cruzados, explicára o saque, dizendo que esta quantia se fazia mister para crear novos embarços ao regresso de Sálter, logo que a commissão, a que fôra, estivesse cumprida.

Decorreram quatro mezes. Os navios vindos do Rio, já com a nova da chegada do *Amazonas*, e cartas dos tripulantes, receberam a bordo uma vi-

*

sita da policia, e entregaram a correspondencia. Entre as cartas havia uma de grande volume, subscriptada a D. Carlota Angela de Meirelles, residente no mosteiro de S. Bento da Ave Maria, no Porto.

O bacharel Sampaio deslacrrou esta carta, leu oito folhas de papel, e lançou-as ao brazeiro, aquecendo e esfregando as mãos á lavareda. O malvado queimára alli o traslado das mais tristes imagens, o desafogo da mais dorida saudade que ainda apertou coração de homem! O impio não se amiserára de tantos signaes de lagrimas em que a tinta se apagára! Que raptos de alegria, e suspiradas consolações aquella carta, que vejava no ar em faúlãs, levaria a Carlota! Que esperanças tão bellas o perverso queimou com a chamma d'aquelle papel!

Entretanto, Carlota, que contára os dias, e calculára, mil vezes, com Dorothea, o primeiro em que podia receber novas de Mendonça, mandava todos os dias de estafeta uma servente para a porta do correio, esperando a lista, ou interrogando o carteiro. Sempre, em vão! A antiga dôr renascia em cada correio; redobrava a afflicção a cada esperança frustrada.

Conspiravam em consolal-a Rufina e a noviça, esta com razões mais carinhosas que persuasivas,

aquella confirmando o vaticínio da felicidade promettida. Os alívios da primeira eram sempre proficuos e desejados; os da segunda faziam-na romper em gemidos, que tamhem eram desabafo.

Decorreram tres mezes de afflictivas esperanças, sempre enganadoras para todas. Nem uma carta, nem duas linhas escriptas no leito da morte!

Carlota Angela tremia de pronunciar uma desconfiança acerba que lhe trazia o coração em agônias. Soror Rufina, rogava incessantemente á honrada divina que afastasse da sobrinha o temor que a sobresaltava a ella. Dorothea segredava á freira os seus receios; e esta pedia-lhe muito encarecidamente que não proferisse uma palavra sobre tal desconfiança.

Acontecia, porém, que todas suspeitavam o mesmo: a morte de Francisco Sáller.

Carlota receava que as suas amigas julgassem possível ter elle morrido: assentimento tal seria para ella uma especie de evidencia, porque tão pouco basta para certificar suspeitas entranhadas n'um espirito que a desgraça fez supersticioso. As outras calavam o presentimento funesto, quidando que a matariam.

Neste conflicto, correu no Porto a noticia da morte de Francisco Sáller de Mendonça, Ninguem sabia dizer por onde a noticia viera; os amigos,

porém, do honesto e talentoso official de marinha contavam-se que elle morrêra no Rio de Janeiro; quando a gloria o vinha buscar por uma carreira esperançosa de grandes destinos.

A noticia chegou ao convento. Souberam-na todas, excepto Carlota Angela.

Rufina cahiu doente, e Dorothea denunciava-se á infeliz menina, evitando-a, quando mais anciosa de compaixão e carinho se sentia impellida para ella.

As freiras olhavam a pobresinha com mais piedade que nunca; animavam-na como se quizessem ter parte em seu coração, para a salvarem pela amizade, quando houvessem de revelar-lhe a mortal noticia. Carlota estranhava os melancolicos olhares, os beijos e caricias de todas, a condolencia terna com que, as mais affastadas da sua convivencia, a vinham espairecer ao seu quarto.

Norberto de Meirelles procurára sua filha, nesses dias em que a noticia vogava. Soror Rufina estava de cama, recebêra primeiro o recado do pai de Carlota. Esta preparava-se para ir á grade, quando a anciada tia lhe disse:

« You-te aconselhar a desobediencia, minha sobrinha, e Deus me perdôe por sua immensa bondade. Não vás á grade. Eu tomo sobre mim a responsabilidade de mais um peccado. » E, voltando-

se para a criada, mandou-a dizer a Norberto que sua filha não podia fallar-lhe; mas esperasse alguns minutos que alguém iria em lugar d'ella.

— E porque é isso, minha tia?! — perguntou a sobrinha admirada.

« Porque sim, minha filha. Receio que elle te venha fallar... — continuou balbuciante — em cousas desagradaveis.

E, sentando-se no leito, a febricitante religiosa, ajudada de Carlota, vestiu-se, e foi á grade encostada a Dorothea.

« Então a pequena que tem? — perguntou Norberto.

— Está doente.

« Já lhe chegou a noticia! Que tenha paciencia. Deus tudo faz pelo melhor...

— Tambem digo o mesmo — atalhou Rufina — E o mano agora que lhe quer? Consolal-a?

« Quero dizer-lhe que é preciso mudar de rumo, e tirar o sentido do homem que morreu.

— Isso ha de dizer-se-lhe por outras palavras menos terminantes.

« Isso é lá bom p'rá mana; eu cá digo as cousas como sei.

— Pois sim; mas consinta que eu a disponha para o golpe, e depois tudo se lhe dirá com prudencia e caridade.

« Pois ella ainda não sabe que morreu o homem ? !

— Não, mano; se a noticia fosse alegre, tinha-se-lhe dito; mas eu não acho necessario dar-se-lhe uma nova que a póde matar.

« Qual matar, nem meio matar ! — replicou o brutal arroteiro, trezeitando com os beiços carnudos um gesto de incredulidade. — Pobre de quem morre, diz o ditado. Ainda é de bom tempo, cunhada. Isto de raparigas namoradas, são como as viúvas: choromingam oito dias, e ficam frescas como se não fosse nada com ellas.

— Está enganado. Pergunte a minha irmã, que tem coração de esposa e de mãe, se isso assim é. Estou bem convencida que ella fará um diverso juizo do soffrimento de Carlota. Em fim, mano, eu ergui-me da cama para vir aqui, e estou a tremer de frio e febre. Conceda que eu me retire, pedindo-lhe pela divina amor de Deus que deixa ao meu cuidado revelar a noticia á desgraçada Carlota. O mais difficiloso é curar depois a ferida, se o golpe não fôr de morte: confio em Maria Santissima que não será.

« Pois então, adeus — tornou Norberto, puxando para as orelhas a gola do capote de quartos. — Arrange cá isso do melhor modo, e diga-lhe que venha cá p'ra fóra, a vér se ella se tenta com al-

gum de tres noivos, a qual melhor; que eu trago na mira. Se eu a quizesse casar com um morgado da provincia, fidalgo, e senhor de casa com capella, já me fallaram para isso; mas, a fallar a verdade, o que eu quero é homem de negocio, ou filho de negociante com dote á vista; não faço bem, cunhada?

— O mano lá sabe o que lhe convém; mas nunca faça calculos sem contar com a vontade de Carlota. Parece-me que lhe posso assegurar que ella não sahirá mais deste convento. Perdeu um esposo; mas o esposo verdadeiro, o esposo das almas angustiadas está cá dentro; é Jesus Christo, e unico bem que ha de entrar no coração espedaçado de Carlota, e cural-o com a esperanza de encontrar na bem-aventurança o primeiro que perdeu.

— Pois Carlota ha de ser freira?! — interrompeu com impetuosa grita Norberto, derrubando a gola do capote, que era de mais da cara afoguada pela ingratia neve.

— O mano faz um espanto — redarguiu mansamente Rufina — como se eu lhe dissesse que sua filha havia de praticar um crime!...

«R! que eu não quero!... — redarguiu elle, batendo um trempe murro na banqueta.

— O mano não quer; mas a sua vontade agora vai encontrar outra vontade sem comparação

mais poderosa : é a vontade omnipotente do Senhor, que move os mundos e os corações. Não me disse, ha pouco, que Deus tudo fazia pelo melhor? Pois bem pôde ser que a divina vontade quizesse para as suas eternas nupcias a que havia de ser esposa de outro , que Deus chamou a si.

« Veremos como isso ha de ser. Em todo o caso eu quero minha filha cá para fóra. Não a creci para freira, tenho muito que lhe deixar.

— Tudo o que o mano tem pôde varrêl-o um ligeiro sopro da desgraça. Modere a sua soberba que não o castigue Deus, que abate os soberbos, e exalta os humildes. E, de mais, a caza do Senhor não se abre só para as meninas pobres. Eu deixei um grande patrimonio quando aqui entrei , e vim achar uma riqueza incomparavelmente maior do que a que deixei : foi o esquecimento do mundo, e o amor sempre crescente d'outro melhor. Ora, bem pôde ser que sua filha se deixe namorar dos anjos , e rompa com os amores transitorios desta vida. Em summa, o que eu lhe digo, meu cunhado, é que minha sobrinha só pôde ser salva pela religião ; e eu, se Deus me achar digna, hei de estender-lhe a mão ao abysmo onde a lançaram, e encaminhal-a por onde eu vir que ella é menos infeliz. Não posso mais, estou fatigada e angustia-da , adeus.

Norberto de Meirelles enfiou de novo a cara oleosa na pelucia da gola, sobraçou a enorme bengala acastoadada de prata, e sahiu do atrio do mosteiro com as ventas famegantes.

— 91 —

VIII.

Didone.

... Né mai de fiamma impura
Feci l'are fumar per vostro scherno;
Dunque perché congiura
Tutto il ciel contro me, tutte l'inferno?

Osmida.

Ah! pensa a te non irritar gli Dei...

Didon.

Che Dei? Son nomi vani,
Son chimere sognatte, ó ingiusti son.

METASTASIO (*Didone.*)

NORBERTO de Meirelles communicou, immediatamente, ao cunhado o acontecido com a religiosa benedictina, pedindo-lhe conselho para evitar que a filha se fizesse freira.

O bacharel Sampayo chamou a capitulo os seus vastos expedientes de perfidia, e conglobou-os n'um, do qual ousou affiançar ao cunhado um exito feliz.

Chamou pessoa idonea para executal-o, e de Lisboa veio ao Porto um individuo encarregado da seguinte missão:

Entrou, um dia, no pateo do mosteiro de S. Bento esse homem, e perguntou na portaria, se lhe seria possível fazer chegar ás mãos da snr.^a D. Carlota Angela um bilhetinho de sua mãe.

A porteira respondeu, affirmativamente, como era de esperar, recebeu o bilhete, e entregou-o a Carlota, que sabia do côro, onde costumava passar as manhãs em oração.

Era este o contheudo do bilhete:

Uma pessoa quer faltar á snr.^a D. Carlota á-cêrca de Francisco Sáller de Mendonça; mas deseja estar só com ella em uma grade. A pessoa espera resposta.

Carlota alvoroçada correu ao locotório, e exclamou:

« Estou aqui! »

O enviado do bacharel aproximou-se, e disse:

— Sou eu que a procuro, minha senhora; mas na esperança de ser demorada a nossa pratica; pedia o favor de me fallar n'uma grade, porque este lugar é improprio para se tractarem coisas de tamanho segredo.

Carlota olhou em redor de si, viu uma criada com uma chave, e disse com precipitação:

« Empresta-me a grade por um bocadinho? empresta por quem é? »

— Sim, minha senhora — disse a criada.

Carlota indicou ao homem de Lisboa a grade, e correu a encontrá-lo.

Não tinha ainda elle terminado as formalidades da cortezia, disse Carlota impaciente :

« Elle já veio? Está em Lisboa ?

Estas perguntas eram feitas a tremer. Carlota, não podendo com a afflictiva duvida da resposta, apressou-se a interrogá-lo assim, cuidando que a certeza com que perguntava por Mendonça vivo a desopprimia da suspeita de que elle era morto.

O homem não estava preparado para perguntas tão expeditas. Ficou perplexo, e esta indecisão deu auso a novas perguntas :

« Traz-me cartas d'elle? dê-m'as...

— Não trago cartas, minha senhora.

« Não?! — atalhou ella com vehemencia e sobresalto.

— Não, snr.^a D. Carlota. Francisco Sálder não lhe escreveria, ainda que podesse...

« Como?! não entendo!... Não escreveria... porque?

— Se a menina serenar um pouco, tomarei a liberdade de historiar-lhe vagarosamente a vida do homem que lhe mereceu um grande amor, digno, permitta-me dizerlh'o, de ser melhor applicado.

« Isso é uma calumnia! isso é mentira! exclamou Carlota, sem pesar a gravidade das palavras

que ouvira, e das que proferira com exaltada acrimonia.

— Eu desculpo-a das injurias que me dirige, porque avalio a surpresa dolorosa que lhe fazem tão horriveis novas. Queira escutar-me.

Francisco Sálder sahio do Porto amando-a, como se ama aos vinte e quatro annos, com esse amor imprevidente, superficial, e arriscado ás variantes do coração logo que as tempestades d'outras paixões, se levantam, sopradas por um casual encontro com outra mulher. Era um rapaz no começo de uma bella carreira, com espiritos ambiciosos, sem bens de fortuna, e descontente da sua sorte... O desengano devia vir, logo que os olhos da pessoa, que elle amava, deixassem de influenciar-o. Chegou a Lisboa, onde tinha valiosos amigos e parentes, e onde fôra chamado para receber uma honrosa commissão para o Brazil, com augmento na sua carreira, e promessas seguras de grandes vantagens.

Francisco Sálder de Mendonça rejeitaria a gloria, se o amor fosse de mais rija tèmpera; renunciaria um almirantado, se o coração de Carlota Angela saciasse n'elle a louvavel ambição de se fazer grande por merecimento proprio.

Obedeceu ao orgulho, e partiu para o Brazil, como a menina sabe. Escreveu-lhe, talvez, uma

carta muito saudosa, muito lamuriante, muito esperançosa; mas... partiu.

No Brazil, foi recebido como era de esperar. Encontrei-o na melhor sociedade, posto que a melhor sociedade de lá só se faça valiosa pelo dinheiro. As ricas herdeiras olhavam-no como um rapaz distincto, capitão da real brigada, bom fallante, gentil, bravo, soberbo de si, e collocaram-no na posição de escolher.

Vejo que v. s.^a está anciosa. Se a continuação da minha visita a molesta, peço licença, e retiro-me.

« Não... não... queira dizer — balbuciou Carlota, tirando com violencia a respiração do seio convulsivo.

— Os fumos da vaidade e os da ambição — proseguiu o porta-voz do bacharel — ennevoaram aos olhos de Mendonça a imagem de Carlota Angela. Eu, que fôra nos primeiros dias, seu confidente, sabia que a menina existia neste convento; recordei-lhe com pezar o indigne prejuizo, e elle respondia-me que a ausência era o balsamo maravilhoso das chagas que o amor fazia. Confesso que me angustiou esta baixa condição de alma! e muito principalmente depois que vi algumas cartas de v. s.^a, ecriptas em quanto elle fazia a viagem.

Passados mezes, dois ou tres, se tanto, Men-

doação da parte aos seus amigos de que vai tomar estado com a filha unica de um opulento negociante, dotada com centenas de contos.

—E cazou? — exclama Carlota, lançando com vertiginoso impeto as mãos ás grades.

—Cazou — respondeu o homem friamente.

Carlota soltou um grito, que não tem outro comparavel na expressão da angustia humana. Era o ruído agudo do estalar de todos os tégidos do coração, do rasgarem-se todos os vasos de sangue, do embate dos pulmões lacerados contra as paredes do peito. E, depois, os dedos recurvòs nos ferros da grade, relaxaram-se, hirtos como os de um cadaver, e o corpo resvalou da cadeira para o chão com estrondoso baque.

O homem horrórisou-se um instante da sua obra, e recuou até á porta para retirar-se; mas a sua missão não estava ainda cumprida. Relampagueou-lhe uma idéa lucida. Desceu á portaria, e disse que fosse alguém á grade, onde se achava desmaiada a sr.^{ta} D. Carlota.

A este tempo já a madre porteira, alarmada pelo estrondo da queda, entrava pressurosa na grade, e vendo Carlota no chão, chamou-a a altos gritos. Houve grande rumor no convento, e entre as muitas pessoas que desceram á portaria, vinham D. Rufina e a noviça.

O homem de Lisboa permanecia imperturbavel na grade, esperando que o interrogassem, já depois que Carlota fôra transportada; com frouxos signaes do vida, ao seu quarto, acompanhada de um medico que a fortuna trouxera nesse conflicto.

« Alguma das senhoras é a tia da snr.^a D. Carlota Angela? — perguntou o homem.

— Sou eu — respondeu a pavidia religiosa.

« Concedê-me alguns minutos sem testemunhas?

As outras senhoras deixaram só Rufina; o delegado do bacharel proseguiu.

« Essa menina desfalleceu, quando eu lhe noticiei o casamento de Francisco Sálter de Mendonça.

— O casamento?!

« Sim, minha senhora.

— O que geralmente se diz é que morreu.

« Cazou, e morreu, dias depois.

— Oh meu Deus! — clamou a freira, levando as mãos ás faces — oh meu Deus, o que se passa debaixo de vossos olhos! Francisco de Mendonça cazou!.. O sr. tem a certeza d'isso?!

« Como quem assistiu ao casamento e á morte. Esta segunda parte é que sua sobrinha ignora porque me não deu tempo. Agora convém que v. s.^a lh'a diga, para que a morte sirva de perdão ao ingrato, e a ingratidão lhe converta em quasi indiferença a morte. E' assim que essa pobre menina

ha de recuperar a tranquillidade que precisa ; e eu, que espontaneamente aqui vim dar-lhe o golpe , que ninguem lhe queria dar , com o bom proposito de curar a ferida com o proprio sangue della, retiro-me delegando em v. s.^a o complemento da minha obra. Minha senhora, recebo as suas ordens.

Soror Rufina surgira d'uma especie de lethargo, depois que o desconhecido sahira.

Foi ao quarto da sobrinha, e viu-a sentada no leito, com os cotovelos fincados nos joelhos, e o rosto entre as mãos. Sahiam-lhe das palpebras os olhos vidrentos e immoveis como os de um cadaver embalsamado. Parecia não vêr alguém, e a respiração das pessoas, que a rodeavam, nem sequer se ouvia. O olhar de Carlota fazia terror.

A religiosa chamou-a tres vezes como a mãe delirante chamaria sua filha morta ; o pavor, porém, d'aquelle olhar sem luz nem movimento, parecia responder-lhe que estava morto o coração que devia ouvil-a. Rufina abraçou-a vertiginosamente, agitando-a com desespero ; o corpo obedecia ao impulso, com a inerte obediencia do cadaver, mas os olhos lá estavam na sua terrivel immobilidade como que seguindo a alma que lhe fugira arrancada pelas garras d'um demonio.

« Que é isto, sr. doutor ! está morta minha sobrinha ? — bradou a religiosa ao medico.

*

— Não está morta, minha senhora ; pôde estar demente.

Carlota Angela soltou um profundo grilo, ergueu-se sobre os joelhos no leito, travou das tranças com phrenetico delirio, deixou cahir os braços semi-mortos, e recahiu no tórpôr de momentos antes.

Passado o espanto, todos os corações se derramaram alli em lagrimas. Não sabiam ao certo que immensa angustia aquella era ; mas adyinhavam-na. Todas se voltaram para Jesus crucificado, de joelhos oraram echorando, e a oração era a mesma em todos os espiritos :

« Se ella está demente, levai-a, Senhor ! »

Aquelle estado era impossivel longo tempo. Durante vinte e quatro horas succediam-se as syncofes, cada vez mais prolongadas e assustadoras. O medico, descrido da acção dos antispasmodicos, aconselhou que lhe fallassem muito na cauza d'aquelle accidente, confiado na vitalidade febril que dão as agonias moraes, e nas lagrimas consecutivas.

Assim o aconselhára ; ninguem, todavia, queria encarregar-se de tão cruel flagellação.

Soror Rufina esperára a sahida das incessantes visitas, para, com o soccorro do ecó executar o duro supplicio de Carlota. O coração dizia-lhe que

tal expediente seria um tormento inútil; mas o medico juntara ao conselho razões que a convenceram.

A sós, Carlota fitou-a com uma turvação de olhar que deu quebranto á resolução da freira.

« Se ella está demente, de que serve este triste rémedio?! — dizia Soror Rufina — Eu vou ver-tur-lhe fel na chiaga do coração, e nem posso ao menos contar com a intelligencia della para lhe fallar á razão! Se Deus a chamasse a si, que maior felicidade lhe poderia eu desejar! Minha filha! — murmurou ella, aconchegando-a ao seio — Tu não me conheces? Sou a tua boa tia, a melhor das tuas amigas. A tua dôr me dóe tambem, Carlota. E' preciso que nos consolemos uma á outra. Diz-me uma palavra só, anjinho... Conheces tua tia, menina?

— Se conheço!... — disse com meigo sorriso, Carlota, abraçando-a pelo pescoço. Rufina estremeceu de alegria, comprimindo com transporte o seio da sobrinha ao seu, e cobrindo-lhe de lagrimas e beijos a face.

« E és a minha querida filha, pois não és? — proseguia a freira — E' de mim que esperas allivios desta agonia, e amor para toda a vida? Aceitas as consolações de tua tia, crendo que é ella o instrumento de que a misericordia d'um Deus piedoso se serve?

— Não me falle em Deus! — bradou com impetuosa virolencia Carlota Angela.

Rufina tremeu e empallideceu como assombrada de um raio. « Está douda a infeliz! — disse-se ella — Agora sim, creio que não ha valer-lhe! O' mã sanctissima, ó Senhor dos afflictos, levai esta alma para vós... não consintais que os labios digam blasfemias, que o espirito desta virtuosa creatura não sente.

— Não me falle em Deus! — repetiu Carlota osgazeando sinistramente os olhos — Não ha Deus, nem justiça, nem misericordia. Ha inferno neste mundo para os innocentes, para os que, fugindo ao odio humano, se acolhem ao amparo divino.

« Jesus! — atalhou a religiosa — Que palavras são essas, filha!?

— Eu não merecia esta morte, minha tia. Que fiz eu para morrer assim desesperada de achar a remuneração de tamanha perfidia!? Abandonada, esquecida, por elle!... Que horror!

Carlota Angela tapava o rosto, e arquejava, fugindo impetuosa aos braços da freira.

— Que horror! — continuava ella, apertando as fontes com as mãos, e tirando com violencia pela respiração — Trahida por Francisco!... Todo este amor, o amor de toda a minha vida, calcado, despresado, ao mesmo tempo que eu o ia alimentando

com lagrimas, diante d'aquella cruz, onde eu cuidei que se encontrava compaixão!...

«E encontra, minha filha; e ainda agora das chagas de Jesu-Christo está correndo o balsamo que te ha de curar, Carlota!

—Curar-me!... A tia não sabe o que eu soffro, não conheceu esta dôr, não sabe que desesperada vai ser a minha agonia! Eu tenho a morte já na garganta. Era preciso que eu perdesse o juizo para se crêr que ha Deus. Morrer assim, e sentir a cauza da morte... isto é mais que barbaridade... o demonio não péde tanto, e um Deus não consentiria padecimento tamanho. Oh!... quem me apressasse a morte... quem me desse um veneno... quem me arrancasse do coração esta agonia!... Oh meu Deus!... bradou ella estendendo os braços para o crucifixo.

Soror Rufina correu a tomar a cruz de sobre a commoda, e aproximou-lh'a. Carlota cravou-lhe os olhos, um momento humedecidos de lagrimas, e lançou-a de si com um violento gesto de repulção.

—E' mentira tudo isso! — exclamava ella, agitando as mãos com phrenesi, como se a tia teimasse em dar-lhe a cruz. — E' mentira tudo! não ha Deus, não ha nada a que uma desgraçada, como eu, possa recorrer! Deus não consentiria que

houvesse um perverso lá, como esse homem, nem uma miseravel como eu...

«E, se souberes que foi castigado o perverso que te faz soffrer tanto, Carlota, crês que ha justiça de Deus?

— Castigado!... não ha neste mundo castigo para tamanha ingratição... Elle é feliz a esta hora, nos braços de outra, com os carinhos de outra mulher, e eu... aqui, nas agoñias da morte, sem poder saber que tempo ha de durar!... Mas Deus, eu morro arrependida de vos ter negado, se nie levardes já... — E tomando a cruz, que beijava fervorosamente, proseguiu: — Levai-me, Senhor... tirai-me deste inferno, ou fazei que eu endouceça! Se eu sou grande peccadora, dai-me as penas eternas da outra vida, se lá não ha memoria das amarguras deste mundo! Dai-me o outro inferno por este; e eu darei sempre louvores á vossa misericórdia!... Não me escuta! — bradou Carlota com desesperada indignação, querendo arremçar a cruz.

« Filha!

— Deixe-me acabar, minha tia... Eu não quero esperanças... esperanças!... em que? Não quero consolações de ninguém... A maldade d'aquelle homem não me deixa já crer no amor de ninguém... Fugam todos de mim que eu sou uma

mulher amaldiçoada, sem ter offendido uma só pessoa... E' a maldição de meu pai que chegou ao céu. Fui enganada, tinha fé n'aquelle homem, estou assim pensando porque o accreditel... E' um castigo maior que o meu delicto! Deus devia perdoar á pobre mulher de dezoito annos, e castigar o traidor por quem hu' perdi...

— E castigou.

— Como?

— Chamando-o a contas.

— Diga, diga, minha tia... que é? chamando-o a contas!... pois elle...

— Marrou... pouco tempo depois que prejurou, Carlota. Agora crês que há Deus?... crês na justiça divina?

Carlota não ouviu. Os olhos pasmarath como se a paratysia os ferisse de subito. Os labios ficaram semi abertos como se por elles perpassasse a derradeira espiração. Os braços descahiram com mortal quebrantol...

A freira abraçara-a, sustentando a cruz entre os dois seios, e invocando Jesus, e Carlota.

Dorothea entrára, ouvindo os gritos de Rufina. Subira ao leito, clamando águdos ais, porque julgára morta Carlota.

— Vá vêr se está algum medico dentro — disse Rufina — Mandem-no chamar, a toda a pressa, se

não estiver. Chamem também o capellão... Parece-me que a matei; cuidando que a salvava.

Dorothea sahira levando o alvoroço e o terror, pelos dormitórios; onde ecchoavam os seus altos gemidos. Soror Rufina, desalentada, enfraquecida de espirito; e de fé, como aquelles sanctos de quem o Senhor se queixou, disse, lavada em lagrimas :

«Meu Deus! são terriveis os vossos juizos, e terriveis as vossas intenções! Quando a innocencia assim padece, como castigareis o crime?»

Fôra como o morder de vibora entranhada o pungir d'alma que vibrôu em dolorosissimo tremor o corpo todo da religiosa. Era a consciencia que recebia em si o sel da injuria que os labios cuspiram; mas não passára d'elles. A apavorada freira, livida como o sacilego atterrado pelo remorso, ouviu um murmurio, que lhe recrudescceu o pavor. Era Carlota que lhe dizia :

— Oremos pela alma do infeliz.

Correu ao leito, correram as religiosas que entraram com Dorothea. Viram Carlota Angela com as mãos erguidas, e a face coberta de lagrimas. Ergueram também as mãos, choraram também, ajoelharam vendo Rufina de joelhos.

— E' um Padre nosso e uma Ave Maria por alma de Francisco — balbuçiou Carlota, soluçando, com inexprimivel afflicção.

O medico entrava neste conflicto, e presencian-
do as lagrimas de Carlota, fez um gesto affirmati-
vo. Dorothea interrogou-o com anciado olhar. O
medico, entreabrindo ligeiramente os labios com
um sorriso, queria dizer :

« Está salva ».



IX.

Mon Dieu! comme il est difficile
De courre avecque de l'argent!
THÉOPHILE DE VEAU.

Trocando com vontade pouco experta,
Por incerta fortuna esta mais certa.

G. PEREIRA DE CASTRO (*Lisboa edificada*)

FRANCISCO Sáller de Mendonça, de Lisboa ao Rio de Janeiro, escrevêra um diário, em que mais se accusava a si de ingrato que aos seus cavilhosos protectores de crueis. A saudade era encruada pelo arrependimento.

Ao passo que o horisonte da patria se perdia nas orlas do mar, o attribulado mancebo já não sentia da esperança o conforto que o alentava no instante da partida. Afigurava-se-lhe um sonho horroroso estar elle tão longe, cada vez mais longe,

de Carlota. Angela. Ideava e desfiava todas as consequências que podia trazer a sua formal rejeição do encargo e da patente.

« Se me prendessem, — escrevera elle no diário — que maior prova podia eu dar a Carlota de que a minha liberdade, longe della, seria o meu supremo captiveiro? »

Prêso, debaixo do neo em que ella vive, teria a liberdade de escrever-lhe, de animal-a., de a vêr talvez um dia chegar lacrimosa aos ferros de meu carcere, e encher-m'o de quantas alegrias podem elevar uma alma pobre sobre astucias de miseraveis tyrannos.

Seria grande magoa para ella a minha prisão, a minha baixa, a minha queda irremediavel no principio da vida? Oh! de certo era; mas essa dôr desvanecêl-a-hia a convicção de ser tão amada, tão preferida á gloria, á honra, e aos sorrisos da fortuna!

Porque não lhe dei eu o nobre orgulho de me sacrificar, de me abater aos olhos de todo o mundo, com tanto que engrandecesse aos olhos d'ella, d'ella para quem eu queria honras, glorias, cordas, mundos, tudo grande, tudo sublime, e tudo pequena em confronto do coração que lhe dei!?

E, depois, a minha prisão seria de pouco tempo, porque os meus parentes são poderosos, e o di-

nheiro do pai de Carlota exaurir-se-hia ao mesmo tempo que o coração de sua filha seria mil vezes multiplicado em apego, em gratidão, em ternura, e coragem para affrontar comigo os obstáculos.

Mas nem talvez eu chegasse a ser preso. Julgar-me-hia o governo em demazia castigado com a baixa, com a desconsideração, e com o desprezo. Toda a gente me olharia como se olha um homem pobre, e de mais a mais rebelde ao serviço da patria. Que importava isso? Carlota Angela seria o meu talisman; as riquezas brotariam de seu coração inexgotavel; todos me invejariam ao pé d'ella; apontar-nos-hiam como modelos de afeição, e de honra na afeição, que tão rara se encontra. Com o tempo, eu seria chamado a merecer o premio de calcar a intriga; e o nosso pão na opulencia não seria mais doce que o pão da pobreza.

Que fiz eu, homem vil, homem sem alma?

Mascarei-me com as palavras « honra e dever » e estou deshonrado perante Carlota! Impuz-lhe um juramento de morrer minha escrava, fiz que ella me adjudicasse a sua vida, apontei-lhe o claustro como seu eterno carcere, e não tive valor para me deixar perseguir por amor d'ella!

O' coração duro, que assim te deshonraste com tão baixo egoismo!

Tu choravas, quando lhe escreveste um adeus;

mas essas lagrimas pôde enxugar-as a razão, não villã como tu!

Mentias nesse pranto, abjecto, avarento, que te sentiste sobresaltado de orgulho e alegria, quando as dragonas de maior da armada te deslumbraram a duas mil legoas distantes de Carlota!

Não sou digno de mais a vêr, sem corar de vergonha, não! Se offa me não eserever, se rasgar e pizar e cuspir as miúdas cartas, eu devo ter o cynismo de tragar a affronta, já que tive a villania de a merecer.»

A estas paginas da consciencia opprimida, succediam-se outras de lagrimosa ternura. Nunca a saudade se exprimira com mais constricção de alma, com mais doridos affagos á imagem querida que os recebe chorosa, com devaneios de mais poesia amarga, dessa que só sabem desentranhar do coração os que sentem voluptuosa dôr em despedaçal-o.

Francisco Sálter atravessára o atlantico sem um amigo, sem um ouvido attento onde confiasse, com attrição de penitente, as saudades e pungimentos que o laceravam.

Eram bellas as noites, era de magia o céo estrellado, as luas-choias no mar parece que recolhem de mais perto, n'aquella vasta solidão, as confidencias do amante, dando-se como espelho, para que,

a milhares de leguas; a contemplativa amada veja nella os olhos do que a prantêa.

Mencionça, porém, angustiar-se mais com esse espectáculo, só danoso de extasis, do dulcissimo de espirituaes colloquios para amantes felizes.

E escreveu assim: «O desgraçado não supporta as alegrias dos homens, nem as da natureza. Se a sua alma está de lucto, cubra-se de negro tudo que o cerca. Se sulca os mares, reservam as vagas batidas pelo látigo da tormenta; forre-se de nuvens torvas e geo, rebôem em turbilhões, prenhes de coriscos; rua o ultimo mastro lascado pelo raio, e espumem contra a derradeira tabua do naufragado as fauces do dragão que abre um abysmo em cada resfôlego.

O amachecer não tem cantares, nem a tarde murmurios, nem a solidão arrobamentos para essa que a natureza repalliu de si, como leproso, chagado no coração, contagioso de pestilencial desesperança.

Eu subi, ha pouco, á tolda, e vi a lua, que oito dias antes me vira no Candal, ao pé de Carlota. Não pude fital-a. Os meus olhos cahiram sobre o dorso do mar, bem perto do navio, onde não chegava a refulgencia da lua. Alli estive fascinado, n'aquelle ponto negro. Semelhava-se-me a um tumulto, e o fremir da onda quebrada na quilha soa-

va-me como um gemido de mulher que eu lançasse áquelle abysmo...

E fugi, meu Deus, fugi, porque me não destes um raio de esperança.

O' Carlota, Carlota, matar-te-hia eu?!

Este fragmento de uma pagina, transcripto ao acaso, sirva para avaliar que afflictivo transitio lhe foram os cincuenta dias de viagem.

No desembarque, Francisco Sáller de Mendonça sentiu vergar o corpo ás commoções da alma. Adoeceu, e, no ardor da febre, escreveu a Carlota essa longa carta com que o bacharel Sampayo espartou o lume do seu fogão.

Eram estas as ultimas linhas da carta:

.....

« Se eu morrer, minha querida Carlota, ousa d'aqui já pedir-te o meu perdão. A memoria d'um morto é sagrada. Todas as ingratidões e villanias desaparecem com o miseravel corpo que os vermes desfazem. Fica a alma no seio de Deus, ou fóra do céo. Se Deus acolher a minha, de lá te chamarei; se me repellir este espirito, purificado no fogo da saudade, errarei em torno de ti, pedindo-te perdão, porque tu és a unica pessoa que eu offendi neste mundo. A offensa, minha amiga, está expiada. Tenho soffrido penas sobre-naturaes. Achei doçura e suavidade no supplicio, em quanto me

considerarei algoz da tua felicidade, infame vendição que te troquei por alguns punhados de ouro. Depois, porém, que expelli em lagrimas a peçonha do coração, ousou dizer a Deus que este flagello é do mais... esta queda na sepultura, aberta no caminho de palmas que eu de lá vira, é um acto da providencia que assimelha um escarneo. Não tenho forças nem vista para mais, Carlota. Compaixão, anjo do céo! Amor... não t'o mereço: seria duplicada infamia pedil-o agora. Adeus.»

Apoz uma longa enfermidade, Mendonça esperava alvoroçado o paquebote que fazia regulares viagens entre Portugal e o Brazil.

O coração affiançava-lhe uma carta, muitas cartas de Carlota; umas accusando-o, outras absolvendo-o.

O paquebote chegou. Sálter teve muitas cartas. Examinou os sobrescriptos, primeiro com o rosto incendiado pelo gyro alvoroçado do sangue; depois, á maneira que estremava as cartas, sobrevejo o desmaio, a pallidez do susto; e finalmente o turvamento, a prostração, o cahir alquebrado sobre uma cadeira, com os dedos recurvados na frente, que revia suóres frios.

Aquietada a angustia, depois de enfurecidos impetos, Sálter quiz escrever, arrojou a penna, e levou as mãos á frente como a segurar uma idéa consoladora.

« Vou a Portugal! — murmurou elle — fujo , deserto, perco-me, mas vou a Portugal. Carlota está morta, ou atraioeu-me! »

Este projecto foi-lhe um desafogo n'aquelle dia. Nenhum estorvo se lhe avultava insuperavel. O governador chamára-o para lhe communicar as ordens que recebera do governo, e entregar-lhe officios do almirantado. Dava-se pressa do reino ao capitão da real brigada em executar os trabalhos commettidos, visto que Portugal ia ser compellido a reunir-se com Napoleão na causa do continente. Era um prognostico da indecorosa subsrviencia com que, alguns mezes depois, a côrte portugueza rompeu com Inglaterra, para, decorridos poucos dias, lhe pedir auxilio na vilipendiosa e impolitica fuga.

Não invejamos a gloria do historiador portuguez desse tempo, pelas nauzeas e vergonhas que lhe ha de custar a narração exacta do invilecimento a que, desoêra a terra do marquez de Pombal. Se não fosse o receio de enjoar o leitor, que lê um romance, cansado de lêr livros com idéas, escrevia agora aqui uns threnos plangentes sobre a patria de D. João 1.^o e D. Manoel. Ainda me tolhe outro medo, e vem a ser o de me vêr a braços com difficuldades na resposta aos que me perguntarem se a patria de D. Fernando 1.^o e Affonso

*

6.º valia mais em dignidade, primor, e independência que a do marido de D. Carlota Joaquina. Questões são estas que desentoom aphonicamente da indole desta escriptura, mais que todas sujeita a fazer-se ridicula; se dá ares de ser obra de quem sorve uma conspícua pitada para julgar depois os reis e os povos.

O que se quer é saber no que pararam os projectos de Francisco Salter de Mendonça; se desertou, se morreu, ou transigiu com a desgraça.

Nenhuma das hypothesis.

No dia seguinte ao da intencionada fuga, o amante de Carlota Angela foi visitado por um individuo, que disse ser natural do Porto, e ir liquidar uma herança no Rio de Janeiro.

Mendonça acolheu-o com alegria, suppondo-o portador de carta de Carlota. Disse o portuense que viera alli dar-lhe uma nova, talvez desagradavel ao principio, mas estimavel, quando a reflexão desvanecesse os effeitos da má noticia.

« Que é? — atalhou Mendonça — Estou preparado para o que for.

— Eu conheço Noberto de Meirelles, seu negociante como elle, e sei todos os passos da sua vida. Soube que v. s.^a lh'e pedira a filha em casamento; soube que lh'a prometteu, para evitar que ella sáhesse judicialmente; e tambem soube que el-

te roca a corda, como costuma em muitos outros contractos, quando o doutor Sampayo lhe participou de Lisboa que v. s.^a era mandado para aqui. E' isto verdade, ou não?

«E', pelo menos assim o creio; mas antes de mais nada, queira responder-me a uma pergunta, para eu o ouvir com socego: D. Carlota vive?

— Vive, e vive feliz, pois não vive!

* Feliz!... diz o senhor...

— Eu que o digo é porque o sei... Mulheres, meu amigo, mulheres! v. s.^a espanta-se? Bem se vê que está ainda muito verde, e não conhece o mundo... Longe da vista longe do coração. As raparigas d'agora são como as ventoinhas. Palavriado, e mais palavriado; novellas e mais novellas; credices e papagaices; e de tino e juizo nem para mandar cantar um cego.

«Eu não entendo essa mistura de anexins com que o sr. está retardando a nova que me traz. Tem a bondade de se explicar com a possivel clareza?

— Lá vou, sr. Francisco Sáller de Mendonça, lá vou; mas será bom que se previna, se ainda me não adivinhou... A filha do tal sr. Norberto confirma o dictado de que de ruim arvore nunca bom fructo.

«Quer dizer que... — interrompeu, coriscando fogo dos olhos, o impetuoso mancebo.

— O snr. vejo que se enfada. . . Estou arrependido de cá vir com semelhante. . .

« Com semelhante commissão?! — concluiu Mendonça erguendo-se em attitude ameaçadora.

— Commissão! — gaguejou o interlocutor com sensíveis signaes de surprehendido.

« Sim! . . diga o resto, quero ouvir o resto; mas depressa.

« V. s.^a está fóra de si! — tornou o atrapalhado homem, lançando a mão ao chapeo e á bengala — Eu não vim aqui offendê-lo, e v. s.^a recobe-me d'um modo que eu não mereço. . . Nesse caso, retiro-me.

Mendonça, soffrendo a colera, tomou-lhe da mão urbanamente o chapeo, e obrigou-o com branda coacção a sentar-se.

« Desculpe-me este desatino. O snr., se alguma vez amou, deve passar-me por esta escandecencia própria d'um rapaz ardente, com o coração ainda intacto dessas punhaladas que, muito repetidas, chegam a matar a sensibilidade. Estou de animo frio para escutal-o. Queira v. s.^a continuar.

— Eu. . . — disse o portuense, disfarçando ineptamente o sobresalto — eu. . . se aqui vim, foi para o desenganar. . . e mais nada. . .

« Pois muito lhe agradeçerçi o desengano, quando o snr. me disser o engano.

— Pois não adivinhou ainda? O sr. é esperto, segundo ouvi dizer, e já ha muito que devia entender que a tal menina não o amava.

« Entendi agora — disse serenamente Mendonça com habil artifício — Mas, como prova v. s.^a isso?

— Como prove?

« Sim, como prova? Eu creio tanto no amor de Carlota Angela, quanto reputo v. s.^a um calumniador em quanto me não provar essa espantosa novidade.

— As provas, neste caso...

« São diffíceis, bem o sei; mas o sr. ha de poder dizer-me: — Carlota não o ama, porque deu esta ou aquella prova de o não amar:

— A prova acho eu que é bastante dizer-lhe que ella, a esta hora, está cazada com outro.

« Essa é realmente a suprema das provas possíveis; mas, se lhe não custa, conte-me os pormenores desse casamento. Quem se diz tão intimamente informado da vida intima de Norberto de Meirelles, deve illucidar melhor as cousas. Quem e o noivo de Carlota?

— O noivo... — tartamudeou o homem, infian-do de novo.

« E' do Porto?

— Sim, sr., é do Porto.

« Como se chama?

— Chama-sé... esquece-me agora... v. s.^a de certo não conhece, ainda que eu lh'o diga... é um rapaz do commercio, que mora...

« Sim, onde mora? Diga-me a rua, que eu o auxiliarei na recordação do nome, porque sei os nomes de todos os pretendentes de Carlota. Mora na rua de?.. »

— Na rua... de... ora que cabeça está!... O snr. atrapalhou-me de tal modo que me fez perder...

« Até a memoria das ruas! é original essa perda! Diga-me mais, entretanto que lhe não lembra. Onde estava Carlota, quando o snr. sahio do Porto? »

— Onde havia de estar?... Estava em casa... e tinha estado no convento...

« No convento de... »

— No convento, sim, no convento de...

« Também perdem a memoria dos conventos? Descance, snr. portuense, tome fôlego, e tranquilize-se, porque receio d'aqui a pouco, que nem do Porto se lembre. Fallemos d'outro assumpto. Como está Norberto de Meirelles? »

— Está boim, não ha mal que lhe chegue...

« Aquelle homem é rijo, sendo tão magro! »

— Isso é verdade!

« E sempre tão pallido! »

— Parece um defuncto.

« Vejo que o sr. até perdeu a memoria do seu amigo Norberto! Conhece-lhe os intimos segredos domesticos; mas não se reborda que elle é gordo e vermelho! Estou maravilhado do muito que me conta! E D. Rozália continuia a cantar com aquella angelica voz que nós lhe conhecemos?

O noticiador estava tolhido de medo. A esta ultima pergunta fez uma cara de apiedar as leras. Saltar cruzara os braços sobre o peito, cravara os olhos nos olhos esgazeados do infeliz agente do bacharel Sampayo; e mandou-o sentar. A segunda vez, a offerta da cadeira era pouco urbana: Mendonça pozera-lhe a mão no hombro direito, carregando com força bastante para atterrar o insuado hospede, que se julgava em perigo. Este susto convertia-se em convicção de pascaderia corda, quando Sálter correu a lingueta da phava.

« O sr. teme como todos os miseraveis alugados para uma acção infame. Não traha — disse Mendonça — que eu não lhe faço mal. Se o não fiz saltar por aquella janella, quando profériu com menos respeito o nome de D. Carlota Angela, agora de certo o acompanharei até á porta da rua.

Mas conte-me a sua vida. Essa presença é inculcadora. O seu traçar é limpo, e a natureza deu-lhe cara de homem de bem. Que officio tem o sr.? Vive destas empresas?

Responda com desabafó: Quem o mandou aqui trazer a noticia desse casamento?

— V. s.^a... eu... obrigado pela necessidade...

« Diga, desengane-se desse nó de vergonha que tem na garganta. O snr. está entalado! Ora vamos: dizia o snr. — forçado pela necessidade...

— Deixei-me seduzir por um homem, que me mandou... aqui...

« Esse homem é Joaquim Antonio de Sampaio»

— O mesmo, é verdade, é esse...

« Designadamente para o fim de me avizar que a snr.^a D. Carlota cazava?»

— Sim, snr.

« E não o ensaion para representar melhor o seu papel? O snr. executou miseravelmente a commissão do seu mandatario, e precisa d'uma leve correccão para que ninguem mais se fie na sua destreza. O snr. tem aqui papel o tinteiro. Escreva ahi, com clareza e verdade, o programma que lhe deu o bacharel Joaquim Antonio de Sampaio.

— V. s.^a quer-me perder!... eu sou empregado na intendencia...

« E receia perder o emprego? Homens do seu quilate não se deslocam por tão pouca. O snr. é um homem necessario ao estado, e hoje mais que nunca ao ajudante da intendencia, porque é depositario d'um segredo que o infamarja muito. Ora,

ande lá; escreva. Como se chama? deixe-me ver o visto do seu passaporte.

O miserando biltre tirou do bolso uma carteira, e estendeu o braço tremulo a Mendonça, que proseguiu, relanceando um olhar ao passaporte, e outro furtivo ao hospede:

« Escreva lá: *Declaro em Luiz José Godinho...*

A penna não escreve?! »

O pallido Godinho é que não escrevia; e, se picára o papel muitas vezes com o bico da penna, fôra o tremor do pulso.

O silencio de Mendonça, esperando a tarda resposta, dera tempo a Godinho para meditar um lance dos que a desesperação suscitam, quando ha a optar entre dous perigos certos.

Francisco Sálder, senhor de si, e ainda mais do cobarde animo do homem, não se arreccava do impetuoso salto que elle deu fóra da cadeira, lançando mão da grossa bengala.

— Deixe-me sahir, quando não atravesso-o com este estoque! — exclamou o transfigurado Godinho, desembainhando o longo ferro, e apontando-o ao ventre de Mendonça.

O que susteve o official de marinha firme no seu posto, foi mais o espanto que a bravura.

— Então? — bradou o amanuense da policia, livido e tartamudo como se fosse elle o ameaçado

— Abre-me a porta, ou não abre? Olhe que em passo-o d'um lado ao outro!

Francisco Saltor afastára-se; Godinho corrêra á porta, vendo desaparecer o adversario; rodára a chave com feliz exito; galgava o corredor que o devia levar á escada; mas na extremidade desse corredor, havia uma porta que se abriu: Godinho estacou um momento diante de Mendonça, recuou o braço armado para impellir uma estocada; porem, a ponta d'uma faina duas pollegadas do peito, restaurou-lhe o juizo prudencial, que perdêra, um instante. Restava-lhe um expediente, talvez o mais legal e propicio de quantos tinha: gritou á-d'elrei que o matavam, a berros de possesso, tres vezes, sem tomar fôlego,

— Cala-te, miseravel, que ninguem te mata! — disse Mendonça.

A força accumulára-se-lhe nos pulmões: era um gritar de homem que estrebucha quasi esganado.

« Vai escrever o que me disteste, canalha, e depois retira-te em paz.

— Aqui-d'el-rei que me matam!

« Então, salta d'aquella janella abaixo, e diz ao bacharel Sampayo que te recompense a fractura das pernas!

— Aqui-d'el-rei que me matam! Mendonça, re-

puxando-o pela gola da casaca, arrojou-o para a escada, e assentou-lhe com o salto da bota um rijo impulso no costado. Godinho galgou oito degraus com destreza de funambalo, mas do oitavo para baixo faltou-lhe o equilibrio, e resvalou de costas até ao patamar. Ah! quiz erguer-se; mas os musculos intercostaes desobedeceram á velocidade do espirito. O primeiro amanheço da Intendencia soffrêra desagradavel reforma na disposição das costellas: sem embargo, Azais notára n'hi uma nova compensação: as cordas vocaes augmentaram de rigidez; os á-del-reis eram cada vez mais estridentes.

Os vizinhos e passageiros accorreram em tropel. Godinho pedia que o levantassem, e conduzissem a casa do conde dos Arcos, de quem era hospede.

Hospede do capitão-general!

Isto inquietou Mendonça e desenvolveu a energia caridosa dos circumstantes. Qual d'elles mais carinhoso e diligente em saber a offensa para depôr contra o offensor, porfiava em conduzi-lo nos braços. Godinho dizia apenas, comprimindo as costellas, rebeldes ao arquejar doloroso do diaphragma, que puxava por ellas.

— Sejam muito boas testemunhas que o sr. Francisco Sáller de Mendonça me quiz matar, em sua propria casa!

Conduziram-no uns; e ficaram outros, em gru-

po, á porta de Mendonça, e defronte das janellas, contando aos que passavam a tentativa de assassinio perpetrada pelo official de marinha.

Luiz José Godinho trouxera da Intendencia carta de apresentação ao conde dos Arces; e outras confidenciaes, sobre negocios de estado. O governador hospedára-o com distincção julgando-o digno da hospedagem pela confiança que apparentava merecer a Manique, e conhecimento, que tinha, da cauza mysteriosa por que Francisco Sálter devia, a todo o custo, ser retido no Rio de Janeiro, sob qualquer pretexto.

Uma hora depois deste successo, cujas consequências não surprehenderam o imprudente moço, o capitão da real brigada foi chamado á presença do governador, e interrogado ácerca dos motivos que lhe dera Luiz José Godinho para tamanha ferocidade, em sua propria casa, que deve ser azylo sagrado até para inimigos, quando se é cavalheiro. Mendonça, enfadado pelo ar supercilioso do interrogatorio, respondeu que fosse inquirido em sua presença o offendido, que era essa a praxe da lei.

O governador espinhou-se, e mandou recolher á cadêa o official, para ser entregue aos juizes do crime.

Francisco Sálter de Mendonça não grangeára amigos nem protectores no Rio de Janeiro. O seu

viver fóra íntimo e só, fóra do serviço. Entreli-
nha-o, na soledade a astringura.

A justiça, ouviu com sobreceño a defeza do
joven official; e achou a justificação inferior ao
delicto. Godinho negava ter confessado o embusto
para que viera commissonado pelo ajudante do in-
tendente geral da policia. Os magistrados, porém,
convictos de que o offendido era pessoa benquista
de Manique, patrono d'alguns, e amigo de outros,
negavam ao preso, em ultimo recurso, o direito de
se defender d'um estorço.

Mendonça escreveu para o reino; mas Godinho
voltára, são e correcto das dostellas, no paquete
em que vinham as cartas: quem as viu e queimou
fez o bacharel Sampayo.

A situação do amante de Carlota Angela era ex-
tremamente infeliz.

Ao cabo de quatro mezes de carcere, sem no-
vas do reino, nem absolvição de culpa, perdôa o
animo, e a esperança.

Já lho não era lenitivo o escrever no seu diario,
porque a dôr, ao encadear-se na desesperação, seu
derradeiro elo, quebrou no coração as cordas onde
seava o gemido.

Depois veio a furia que contorce e despedaça,
o impotente raivar contra os homens e contra Deus,
a tentação do suicidio, combatida pela imagem de

Carlota, mas de novo irritada; a cada navio que chegava, sem uma noxa della.

Mendonça tinha um amigo. Era um escravo alugado que o servia, um negro que lhe passava os alimentos, e chorava encolado aos ferros, porque não sabia consolal-o.

Era o preto quem lhe trazia as cartas dos amigos do reino, ignorantes da sua prisão, e implorava aos juizes a liberdade do preso; atacaçando apenas para si repelliões desprezadores, e muitas vezes vergoadas de chibata sobre as lagrimas.

O escravo offerceva-se a Mendonça para vir a Portugal com cartas. Esta viada seria uma fuga, porque o dono do preto, sem um deposito equivalente ao valor da cousa, não consentia a sua sahida, e Mendonça, desprovido de meios para a sua subsistencia, não podia garantir com dinheiro a volta do escravo...

Conspirava tudo contra o desamparado moço. O proprietario do negro, receoso de perder o aluguer, viste que Mendonça lhe não pagára um mez, chamou a si o escravo. Francisco vendeu o que podia merecer o preço mensal do seu unico amigo, e continuou a vêr, perto de si, aquelles olhos reluzentes de lagrimas, lagrimas que lhe faziam bom ao coração, porque o mais desgraçado dos homens é o que não tem sequer por si o olhar compadecido d'um cão.

Entretanto o escravo ideára o arrojado de vir a Portugal, fugindo.

Trabalhava na difficil execução dessa traça, quando a escuna *Guerra-voador* chegou ao Rio de Janeiro com a nova de que o principe regente sahira de Portugal para estabelecer a côrte n'aquelle porto.

Foi o escravo quem primeiro levou esta nova ao carcere.

Francisco Sálter apertou a mão do negro, e disse :

— Seremos ambos livres, meu amigo.

X.

Não ha coração sem amor ; ou seja
a Deus ou seja ao mundo, ha de
amar quem tem coração.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS (*Obras espirituaes.*)

Vêde agora se ainda persistis em vossa
pretensão, porque, se este modo de vi-
ver vos não contentar, tendes liberda-
de para ficardes no estado em que até
agora vivestes.

CEREMONIAL DA CONGREGAÇÃO DOS MONGES NEGROS.

E Carlota Angela?

Não dorme ainda o suspirado somno da morte
sob a lagem humilde do claustro. Vive a vida que
faz compaixão, e, nas pessoas que amam, excita o
pidoso desejo de a verem alar-se para um mundo
melhor.

Crêram-na moribunda em frequentes accessos :
Rufina, Dorothea, e todas as religiosas de S. Bento
lhe deram o beijo da despedida, na face cadaverica,
muitas vezes. Se, por instantes, tibio clarão de vi-

da lhe retingia o rosto, é que a lavareda da febre ahi vinha emprestar-lhe uma reanimação convulsa, á qual succedia o esvaimento, com o suor frio do trespasse.

As orações eram continuas. A communitade ia do quarto de Carlota para o côro, e do côro tornava ao quarto em ancias e esperanças que o fervor da oração lhe dera.

D'uma vez, encontraram-a tranquilla, risonha, e desopprimida. Uma a uma, Carlota chamou-as á beira do leito, apertando-lhes a mão, e murmurando uma palavra inintelligivel.

A's que choravam pedia que a não lastimassem, porque ella estava consolada com a esperança de descançar. A's mais idosas, e veneraveis por sua sancta vida, supplicava que a protegessem com os seus merecimentos pedindo ao Senhor que lhe descontasse nas da outra as penas desta vida.

Perguntava pela mãe, mas, se lhe fallavam do pái, se lhe diziam que elle vinha todos os dias saber della, Carlota franzia a testa e dava sustos de crecimento febril.

Soror Rufina esperava que ella lhe fallasse de Francisco Sálder; Dorothea, a carinhosa noviça, aventurava algumas palavras allusivas; Carlota, porém, nunca permittiu á primeira, com o seu silencio, proferir tal nome; e á segunda, debulhando-se

*

em lagrimas, fazia com a mão um signal de não poder ouvir-a.

Uma tarde, as duas meninas passeavam no pomar: era a primeira vez que a filha de Norberto de Meirelles sahia do seu quarto.

« Quando professas tu, menina? — disse Carlota.

— D'aqui a tres mezes.

« Já? Vens a ser freira, mais velha do que eu nové mezes; mas ainda temos tres mezes de companheiras de noviciado.

— Pois queres professar, Carlota?!

« Quero, Dorothea, quero; se me não valesse essa esperança, estava morta. Já agora, o que me resta neste mundo é o bem de me julgar perto do outro: d'aqui até lá, quero estar vestida com a minha mortalha, pedindo ao Senhor que... dê o ceo...

Carlota, intalada por subitos soluços, não proseguiu.

— Diz, minha amiga... tu não me dizes tudo — accudiu Dorothea, abraçando-a com estremecido amor — ias fallar n'elle?.. porque foges de me dizer que ainda o amas no ceo?!

« Fugia de l'o dizer, Dorothea, porque o teu coração não pôde avaliar que amor era este que perdôa a um ingrato, e daria a vida para o restituir ao amor de outra infeliz que o amou e o perdeu co-

mo eu o amei e perdi. Mais desgraçada que eu ha
uma só pessoa : é a mulher que o adorava ; e mais
desgraçado que ella e que eu, é elle, o infeliz, a
quem tão pouco tempo o Senhor deixou gozar a
mulher que o mereceu mais digna do que eu fui,
e não teria, talvez, um pai que a aviltaase aos
olhos d'elle.

— Como o teu coração é bom, Carlota !

« Bom ? quem sabe ! desgraçado, sim, ou diz
antes, Dorothea, que já não é coração ; só sinto a
minha alma, só sinto este desejo do ceo ; recorde
quanto amei, quanto soffri, e tudo acceito, e o mais
que soffrer, com o contentamento d'uma penitente.

— Pois verás que ainda havemos de ter dias de
alegria, Carlota ! Adopta-me como tua irmã ; vive-
remos tão queridas e juntas, fallaremos tanto do
que sentirmos triste ou agradável, que chegaremos
a gozar a existencia. . .

« Não penses isso, minha amiga. . . Eu não que-
ro dar-te quinhão das minhas amarguras. O meu
curto viver ha de ser muito oppressivo para as pes-
soas que me estimarem. Muitas vezes te fugirei,
porque o chorar d'uma infeliz, como eu, precisa
ser desafogado, sosinho, e aos pés de Deus. Ale-
gria ? jámais, jámais, Dorothea. . . Bemdito seja o
Senhor que me dá esta caza para acostumar a mi-
nha alma a adoral-o, e me deu aqui exemplos de

virtude, sem os quaes, fóra do convento, linha-me tirado a vida n'um d'aquelles phrenesis de que tremo só com a lembrança.

Estas palavras foram ditas com serena melancolia; porém, decorrido breve intervalo de silêncio, Carlota rompeu em gemidos, lançando-se ao seio de Dorothea.

— Que tens, Carlota? Ainda agora estavas tão socegada!...

« O que em cinco mezes se tem passado! — soluçou ella — Morto! é possível que elle já não viva!... que eu esteja aqui, eu, meu Deus, eu que o adorava até á perdição! e pôde elle abandonarme, esquecer-se da pobre Carlota! Isto não pôde ser, Dorothea!... eu nunca o vi morto nos meus delirios, nunca, nunca o vi senão como na ultima vez que lhe fallei, jurando-me um amor eterno... Será isto uma falsidade? Será meu pai que prefere matar-me!? Diz, Dorothea, não te parece muito possível esta crueldade!

— Póde ser, Carlota!.. quem sabe?! Olha, filha, tudo se ha de saber com o tempo... Tem esperança, sim?

« Nenhuma! — replicou ella, cahindo da instantanea exaltação — não tenho esperança nenhuma! Se elle vivesse escrevia-me. E' certo, é horrivelmente certo que não vive, que me desamparou, que

foi castigado com a morte por ter assassinado uma amiga que se perderia por elle... Está tudo acabado, tudo, meu Deus, menos este pezo de vida com que já não posso...

Carlota Angela recolheu-se taciturna ao seu quarto, e escreveu a sua mãe uma breve carta em que lhe pedia o consentimento de seus pais, e as licenças necessarias para entrar no noviciado.

D. Rozalia quiz procurar Carlota; Norberto de Meirelles, receando que sua mulher deixasse escapar algum ligeiro indicio de viver Francisco Sálter, encarregou-se da resposta. Estas suspeitas fundavam-se nas querellas continuadas em que andavam, por causa de Carlota. D. Rozalia, algumas vezes, reprovára o zelo de seu irmão, e dureza do marido, mormente depois que a freira lhe vaticinára a morte de Carlota. Norberto, escarnecendo com lerdodesdem, o prognostico, impunha grosseiramente a D. Rozalia o callar-se, até vêr no que paravam os taes fanicos da rapariga.

Depois, porém, que a viu convalescer, o arroeiro chasqueava os vaticinios da cunhada, e acciitava de melhor vontade a proposta da filha; na esperança de a curar da loucura; durante o anno do noviciado, com os recursos que o cunhado doutor promettia espiritar-lhe, consoante o andamento de tempo, bom para tudo.

Antes, porem, de diligenciar o contracto do noviciado para a filha, Norberto de Meirelles mandou-a chamar, e Carlota, admoestada brandamente por Soror Rufina, obedeceu.

« Vamos a vêr, menina, que maria é essa de seres freira? — disse elle.

— Isto não é mania, meu pai, é aceitar com reconhecimento a consolação unica, e a melhor, que Deus me dá neste mundo, com esperanças d'outro melhor.

« Beatices que te metteu na cabeça tua tia. . . Deixa-te d'isso, Carlota, o convento é para quem é. Nunca te vi inclinação para este modo de vida. . .

— A religião não é modo de vida, meu pai, é regra de vida.

« Não me dês sentenças, menina. Eu bem sei o que digo. Olha que isto aqui é para sempre. Se professares, não tens remedio ainda que te arrependas ; é d'aqui p'ra Christo.

— Pois d'aqui para Christo é que eu quero ir, meu pai. Saiba que é inutil contradizer-me. A força que eu sinto em mim para ser freira é invencivel. Não me tôlha a alegria, se é alegria este saucto desejo de vestir o habito. Os obstaculos podem mortificar-me, mas não mudam o meu proposito. E' escuzado embaraçar-me. Offereci-me ao Senhor, quando cuidei de morrer de dôr, pedindo-lhe ali-

vios; senti-os, o Senhor apiedou-se de mim; é que a misericórdia divina me aceita do modo que eu mais digna me posso fazer de morrer em paz.

« Isso passa-te, Carlota. Como tens de ser noviça um anno, veremos como se te reviram as idéas.

— Pois sim, meu pai; se eu me não achar com forças de servir a Deus, dir-lho-hei, e subirei do convento.

« E' o mais certo, e verás como te hade parecer bom isto cá de fóra. Tu és bonita, és rica, és prezada, podes cazar...

— Meu pai! por quem é não continue...

« Então que tem isso? Já cá te disseram que o cazar é crime? Boa vai ella! Ainda ha seis mezes que estavas n'outras idéas...

— Se o pai faz gosto em atormentar-me, diga o que lhe parecer, que eu escuto-o; mas se me tornar a procurar, eu não venho aqui...

« Isso é modo de fallar a seu pai, Carlota! Cá dentro ensina-se a dizer isso a quem te criou, e trabalha para ti ha trinta annos? Cuidadinho comigo, menina! Eu tanto tenho de bom como de máo. Se tua tia cuida que eu sou um mono de palha, engana-se...

— Que mal lhe fez minha tia?

« Que me fez?! Encheu-te essa cabeça de teias

d'aranha, lá com as suas arengas do beaterio, e deute auzo a responderes com poderio a teu pai!

— Eu não o offendi... — atalhou ella, chorando — Pedi-lhe que não fizesse sangrar uma ferida de que estivo á morte... Quem fôr meu amigo, ha de querer que eu ache alivio em alguma cousa; se a religião m'o dá, doixem-me ser freira, e não me fallem em cazamentos impossiveis. Ora aqui está o que eu supplico a meu pai; se isto o offende, perdõe-me; e se é offendêl-o não vir á grade para ouvir palavras, que me amarguram, virei todas as vezes que o pai quizer.

« Está bom; basta de chorar. Vai-se tractar dos arranjos para o teu noviciado. Deus lhe ponha a virtude, e te guie para o que fôr melhor. Eu ainda espero ter-te comigo, alegre e folgazã como eras antes de conhecer esse homem que...

— Meu pai!

Carlota Angela erguera-se sobresaltada e Norberto estacou, sopqando a ira que lhe espartára a vehemencia, um pouco soberba, da filha. A ira degenerou em um sorriso, cuja versão não achô no meu elucidario de sorrisos sandios.

O arroeiro, receoso de *esbarrondar-se*, como elle depois dizia a D. Rozalia, sahiu da grade, onde a filha permaneceu longo tempo enchugando as lagrimas, para simular socégado o semblante.

Um mez depois, entrava Carlota Angela, com a mestra de noviças e a cantôra, no côro, onde se reunira a comunidade.

A dona abbadeça empunhando o bago, insignia magestosa da prelacia, estava no lôpo das duas alas de religiosas, solemnes e magnificas com suas roçagantes cogúllas. O clarão tremente dos cirios banhava o recinto de baço esplendor e sombras magestosas.

A tres passos distante da prelada, que lhe sorria com maternal caricia, Carlota prostrou-se com a face em terra.

A humildade com que fizera a reverencia, o subito rompimento das lagrimas que a noviça não podera reprezar, a voz compungida da prelada proferindo o *quid petis*, e o soluço tremido de Carlota, respondendo *misericordiam* . . . « a misericordia de Deus e a-vossa » a terrivel magestade do silencio, durante as genuflexões da noviça: todos estes actos, impressivos de religiosa melancolia, tocaram o coração das religiosas a ponto de correrem lagrimas por todas as faces, no momento em que a prelada, commovida como todas, disse a Carlota, ainda ajoelhada ante si: *Surge*, « levanta-te. »

A noviça voltou-se com as duas religiosas para o altar-mór, enchugou as lagrimas em quanto fazia as reverencias do ceremonial, ajoelhou de novo aos

pés da prelada, que proferiu uma breve pratica ácerca das gravissimas obrigações que a noviça contrahia com o promettido esposo. Carlota ouviu-a com as mãos erguidas, sem erguer os olhos para o rosto venerando da abbadessa, onde a graça, a ternura e o sorriso da bondade eram um como suave encarecimento ás virtudes que aconselhava, e estímulo para merecer no ceo o galardão de as praticar.

Carlota lançou de si o sumptuoso vestido, e os enfeites da cabeça. Longa e farta trança de cabellos negros se descarrolou até á cintura. Uma freira tomou a thesoura, e de dous golpes lhe cerceou a trança, que depóz em uma bandeja. A mestra de noviças cingiu-lhe a toca branca, e a prelada lançou-lhe aos hombros o habito ou mantilha. Carlota, durante este acto, parecia não sentir, não perceber a profunda e dolorosissima significação que elle deve ter para a mulher expulsa dos prazeres do mundo onde todas as suas esperanças foram cruelmente desmentidas.

Estavam de joelhos todas as religiosas, e ella, entre a mestra e a prelada. As cantoras entoaram o hymno *Veni creator spiritus*. Era um canto melancolico, acompanhado a orgão; um mystico e lagrimoso offertorio da alma attribulada ao supremo consolador de angustias. Cantada a primeira strophe, ergueram se todas, excepto a noviça. Segui-

ram-se os versículos e orações entoadas no côro e no altar mór. A mestra de noviciado dissera a Carlota que se levantasse, terminada a cerimonia; a noviça, porém, continuava ajoelhada com as mãos entrelaçadas sobre o peito. Recommendaram-lhe de novo que se erguesse, vendo que ella estremecia, como se já não pudesse sustentar a violencia da posição. Carlota não se erguia, até que lhe deram a mão, e encontraram frias de neve as della. Fizeram vão esforço para levantá-la, algumas freiras que a rodeáram, Carlota não respondia, apenas respirava; quiz obedecer ao impulso que lhe davam para erguer-se, mas á pallidez, ao turvamento da vista, seguiu-se o desmaio.

Soror Rufina, Dorothea, e as outras ergueram o alarido do susto. Na igreja estava a mão de Carlota, escondida na sua mantilha, chorando, recitando padre-nossos machinalmente, e prometendo a Deus confessar-se da sua culpa, se era culpa ter occultado a sua filha o engano que o tio doutor lhe urdira, arranjado com o pai.

Quando, porém, os ais do côro chegaram aos seus ouvidos, com as exclamações afflictas de Rufina, D. Rozalia sahiu da tã de um altar, veio ás grades do côro debaixo, e rompeu em brados desentoados, chamando a filha. O capellão-mór, vestido de sobrepeliz, estola, e pluvial, veio lembrar á

lamuriante senhora que a sua gritaria não era propria da caza de Deus. D. Rozalia replicou, menos commedida, que queria cá fóra sua filha, viva ou morta. E nesta altercação estiveram ella e os capellães, recreando uns e fazendo chorar outros dos circumstantes, até que Soror Rufina e outras freiras vieram á grade do côro aquietar a mãe de Carlota, dizendo-lho que o incommodo fóra um passageiro desmaio.

E assim fóra, felizmente.

Carlota voltou a si, quando a mãe gritava. Os brados fizeram-na sabir do côro vacilante e alvoroçada. Quizeram encaminhal a á cella; mas Carlota sabia que era costume ir a noviça, finalisada a cerimonia, visitar as doentes.

Foi; e ás mais enfermas pedia que, se o Senhor as chamasse brevemente, rogassem a Deus que a levasse para si.

XI.

Pois ainda não ouvistes do seu
valor o maior encomio.

JOSÉ DE SOUZA (o cego). *Obras posthumas.*

Vereis amor da patria... etc.

CAMÕES (*Luziadas*.)

JUNOT, a marchas forçadas, esperançoso ainda de obstar á sahida da familia real, ia sobre Lisboa. A regencia desnor-teou com a imbecilidade rara de que era dolada; a classe media, presumindo a tyran-nia proxima, ainda quiz debalde oppôr um dique á invasão; mas a populaça, sedenta de anarchia on-de sevar temporariamente os vis instinctos, remoi-nhava, alegre e entusiasta, rugindo como o tigre que fareja o sangue.

Joaquim Antonio de Sampaio foi, nessa época, a preexistencia dos grandes homens, das summid-

des estadistas dos ultimos vinte annos. Avaliando quanto difficil seria acertar com o caminho seguro na encruzilhada das perspectivas politicas, não preferiu algum, e acceitou-os todos como conducentes á prosperidade, quando a fortuna, filha da velhacaria, vem, de puro namorada, emendar as asneiras do seu predilecto.

Sampayo lamentava com Manique o desamparo em que ficára o reino pela impolitica e precipitada fuga do principe regente. Incriminava com os fidalgos a ~~cobardia de~~ semelhante desaire para o paiz dos Pachecos e Albuquerquees. Ouvia com acquiescencia os murmurios da nobreza contra a dynastia bragançã, murmurios timidos que mais tarde se formularam n'uma vilipendiosa petição, reque-rendo ao usurpador um rei da sua escólha, e nomeadamente o general Junot, que comprára consciencias tão degeneradas como a do conde da Ega, e do bispo do Porto, Antonio.

Com a classe media, Sampayo vociferava contra os francezes, e promettia sacrificar nas hecatombas da patria a sua ultima pinga de nobre, generoso, e patriotico sangue. Todavia, exausto o fôlego das imprecações retumbantes, e accendida a flama do heroismo nos peitos burguezes que se apinhavam nas praças, Sampayo, passando da iracundia ao reflectido exame das circumstaneias, dizia que a

sablevação popular seria um desatino sem proveito, um sacrificio de vidas e fazendas intempestivo e inglorio para as quinaz Luzitanas. Sobre isto, vinham os conselhos de homem que privava no segredo dos destiros de Portugal; conselhos de paciencia, de resignação, e, mais que tudo, de maxima prudencia na entrada de Junet...

Relacionado com a plebe, em razão do seu ministerio na Intendencia geral da policia, o antigo advogado da rua de Sancta Catharina insinuava-se nos grupos desordeiros e respondia com impertigamento de oraculo ás perguntas desconchavadas que lhe faziam. Napoleão dizia elle que não era o impio que se dizia. Napoleão, e os seus generaes, não saqueavam as igrejas, nem arrombavam as portas dos conventos de freiras; nem violentavam a virtude das donzellas, nem attentavam contra a liberdade do povo. Pelo contrario — continuava elle, baixando cada vez mais a voz, e relanceando o olho observador por sobre as physionomias suspeitas que chegavam de novo — pelo contrario, Napoleão queria mudar a face das cousas, em favor das classes opprimidas, chamando o povo á partilha dos regalos e direitos que a classe nobre lhes viera usurpando pouco e pouco atravez dos seculos. Dito isto, o povo rotípia em vivas a Napoleão, o aclamava general; o doutor Sampaio, que se esgueirava sorrastei-

ramente pela primeira brecha que a agitação lhe propiciasse.

D'alli, ia á Intendencia dizer a Manique o fermento que azedava os rasteiros instinctos da canilha. Alvitrava o emprego da força armada para dispersar os bandos, com prudencia; e, compungido de patriotica lastima, deplorava o indiscreto arbitrio dos palacianos que aconselharam ao principe uma fuga tão calamitosa no instante em que o prestigio da nacionalidade estava na prezença do soberano.

Fôra nomeada uma deputação para comprimentar Junot. Além dos expressamente enviados pela regencia, Joaquim Antonio de Sampayo associou-se na deputação com alguns particulares, que se davam pressa em depôr aos pés do invasor a porção infame do paiz que elles representavam.

O ajudante do intendente arremedava a lingua franceza, e fazia-se entender melhor que o deputado da regencia, o tenente general Martinho de Souza e Albuquerque.

Junot, em Sacavem, chamou Sampayo a uma conferencia particular, e informou-se de cousas que a deputação não illucidava por astucia, ou por ignorancia da lingua. O certo é que o general francez, maravilhado do honapartismo ou da torpeza do informador, julgou-o necessario, agradeteu-lhe com

um aperto de mão os serviços prestados ao reformador da Europa, e prometteu-lhe accrescental-o, quanto em si coubesse, em honras e fazenda.

Chegados a Lisboa, as proclamações que circulavam entre a população eram de Sampayo. N'ellas se aquietava o espirito publico, dizendo-se que o excellentissimo senhor Andoche Junot, heroe de Toulon, e de Nazareth, era o emmissario da paz, da ordem, e da prosperidade portugueza; que a propriedade era sagrada para o exercito do imperador, da Franca; que a virtude das virgens, e das monos suspeitas desse respeitavel estado, era inviolavel; que ninguem fugisse de suas cazas, nem viesse para a rua fazer assuadas, algazarras, ou outras que taes manifestações de desordem e descontentamento.

O bacharel Sampayo ajudára, na vespera do embarque da familia real, a encaixotar as pratas da Patriarchal que deviam acompanhar os reaes emigrados. A celeridade, porém, do embarque fez que os quatorze carros de preciosos objectos ficassem no caes de Belém, e voltassem, com grande jubilo do cabido, a serem armazenados na sacristia da igreja. Sampayo, em quanto se encaixavam as riquissimas bandejas, castiças, coróas, lampadas, etc., resistira heroicamente aos assaltos da ladroice que lhe estavam segredando o modo de empalmar algumas peças miudas de preciosissimo trabalho. Pôde

*

sopcar a tentação; mas não via, sem grande magua, confiar-se aos caprichos do oceano uma carga tão valiosa. Um tal ou qual afívio o desopprimiu da sua pena quando viu ficarem em terra os carros, e voltarem depois a despejarem a prata sob o lecto protector da sua igreja. Sampayo, a propósito d'isso, asseverou ás freiras de Sancta Anna, onde almoçava todos os dias, que andava allí milagre n'aquella recondução! Não acreditava elle, porém, que o milagre fosse perfeito e averiguado, em quanto um bom quinhão d'aquella prata não entrasse em casa d'elle. Conveuido do « trabalhia que eu te ajudarei » o bacharel contorreu quanto em si cabia para que o milagre se completasse.

O processo não deixa de ser engenhoso: « engenho » é a palavra com que a civilisação, ainda então embrionaria, substituiu a palavra « ladroeira » dos costumes, das biographias, e das acções humanas, que, por força do progresso hão de ir perdendo a nomenclatura aspera e illogica que lhe davam os gothicos moralistas de careomida memoria.

O engenhoso Sampayo, (diga-se assim d'um homem que merece o respeito que se presta aos contemporaneos, apesar do seu atraso do meio seculo) o engenhoso bacharel pediu uma audiéncia particular a Junot, e denunciou-lhe a existencia de quarenta caixões de prata na igreja patriarchal.

Junot chamou um seu cunhado, que por signal se chamava Jufre, e commetteu-lhe o encargo de sequestrar a prata, associado ao serviçal e benemerito denunciante.

Os dous, com alguns aperativos da confiança de Sampayo, entraram na igreja, fecharam-se cautelosamente, e arrombaram os caixões, excepto dous que não foram inventariados, ou o denunciante se encarregou de os inventariar em sua casa, para onde foram transportados, ao escurecer.

Completo-se desta arte o milagre, que Sampayo, em beatifico extasis, agradeceu toda a noite, contemplando uma a uma as formosas e corpulentas peças que tencionava fundir em baixella de seu serviço, quando melhores dias de ordem e tranquillidade fossem concedidos ao desgraçado Portugal, que elle continuava a prantejar com as freirinhas de Sancta Anna.

Dera-se, entretanto, o costumado reviramento na opinião da plebe.

Junot não sabia, não podia, nem devia esconder as suas intencões uzurpadoras.

A bandeira franceza fôra arvorada no castello de S. Jorge. As armas reaes do Arsenal fôrão picadas. Do parapeito do seu camarote abaixo, Junot desenrolára as aguias vencedoras. As costas populares, n'uma desordem do terreiro do Paço, tinham

sido apalpadas pelas coronhas francezas. Nove portuguezes tinham sido espingardeados nas Caldas.

Dissolvida em summa, a Regencia, fôra inaugurado o governo de Napoleão.

A populaça, por tanto, bramia, e sobre tudo, porque a sua força era nulla, o seu poder desprezado, a sua fome e sêde cada vez mais insaciavel pela careza dos generos. Havia um só meio de entreter-lhe as sanhas, ou captar-lhe as sympathias : era quebrar os poucos esteios da ordem defendidos ainda pelas armas francezas, era facilitar o saque por meio da anarchia.

A plebe, quando lobrigava Sampayo, cercava-o pedindo-lhe conta das promessas que elle fizera. O expedito bacharel desfazia-se dos importunos, recommendando-lhes paciencia, e esperança nos serenos dias que se haviam de seguir á crize indispensavel n'uma instituição de principios novos, creada expressamente para o bem geral.

O povo ouvia-o com escarneo, e apupava-o, quando elle abria com os hombros passagem para escapar-se.

Uma vez, porém, passava o bacharel na rua da Amendoeira, onde, por esses tempos, se arruava a escoria das meretrizes, e se abandoavam os condignos hospedes. Conheceram-no, e fizeram-lhe assuada.

Um gaiato de mãos ligadas, instigado pela ce-leuma, saltou ao costado do bacharel, e enterrou-lhe, com retumbante penantada, o chapeo até aos queixos. A gargalhada publica victoriou o garoto, incitando-o a maiores emprezas, e aguçando o estímulo dos emulos. Outro gaiato, cioso dos applausos, capeava-o pela frente com um lenço vermelho de uma meretriz, em quanto um terceiro, um quarto, e um quinto lhe achatavam o chapeo, que já não podia restaurar o antigo prumo. Uma alcouceira lançava-lhe ao tiracol uma restea esbrugada de alhos, em quanto outra lhe mettia na portinhola da cazaca uma couve lombarda. Esta por um tubo de lata lhe assoprava feijões á cara, em quanto outra lhe pendurava um rabo-leva de papel na cazaca, ou lhe esguichava felidas aspersões com a seringa carnavalesca.

Sampayo gritava por soccorro. Alguns soldados portuguezes e hespanhoes que por alli estanceavam mantinham a neutralidade, ou riam á sucapa do infeliz gêbo. O bacharel, vendo passar uma guarda de soldados francezes, bradou ao commandante, dizendo-lhe em francez que era victima da canalha porque adorava Napoleão.

O francez varejou com a espada as costas dos gaiatos, porém, as rameiras, o povo, os gaiatos, animados pelos soldados portuguezes e hespanhoes

fizeram menção de apodrejar, os francezes. Travou-se uma sanguinolenta desordem, á qual Sampaio deveu a evasiva.

A colera não lhe deu respiro até entrar no palacio de Junot. Queixou-se amargamente, dizendo que os amigos da França eram as primeiras victimas dos inimigos do imperador, n'um paiz de que Junot brevemente seria o monarcha.

O governador de Portugal enviou Sampaio ao intendente geral da policia Lagarde, com especial recommendação, e poderes descriptonarios.

Dos soldados portuguezes alguns foram lançados na enxovia, outros deportados, e as meretrizes da rua da Amendoeira, rua Suja, o immediatas, depois de rapadas á navalha, e vergastadas no pateo da intendencia, foram desterradas para o Alentejo.

Parcece-nos opportuna neste lugar essa pagina ridicula da biographia d'um homem, que merecia ter mais ampla chronica, em vista do tragico desfecho que no proximo capitulo se dirá.

XII.

Nous en avons les preuves irrécusables sous nos propres yeux.

VOLNEY. (Leçons d'Histoire.)

Eis-aqui como o diabo es leva' para o inferno sem appellação nem agravo.

S. S. DA S. E SILVA (Governo do Mundo em secco')

JUNIOR recebera do imperador a graça de duque de Abrantes. Felicitaram-no as corporações civis e militares, e muitos particulares da alta pobreza, manceira que o francez fizera sem blandicias nem razões do estado persuasivas. A consciencia destes miseraveis transigira com o renegar tradições, nome, patria, pudor, e honra logo que as palavras « contribuição e confisco » os ameaçou de expiarem na dureza das nobres privações a repleção estomacal de seculos. O conde da Ega, Ayres de Saldanha, o hispo do Porto, o principal Miranda, e outros que mais avultam na veniaga torpe, são uma parella

no relanho das ovelhas linhosas, immoladas na sua dignidade aos pés do soldado aventureiro, que lhes cuspira na cara o preço das almas, e nas quinas portuguezas a affronta d'elles.

Em quanto estes, invilecidos como nunca o fôra nação uzurpada, pediam a Napolcão um rei francez, e nomeadamente Junot 1.^o para a terra de D. João I., e D. Manoel; em quanto os fidalgos de sangue phenicio, cartaginez, suevo e godo, sem mescla do judaico, requeriam a Junot os empregos desamparados por outros fidalgos, que acompanharam o regente para o Brazil, aterrados de pavôr, e, como elle, acorados ao pé das velhas açafatas de D. Maria 1.^a: quem eram os portuguezes de consciencia e esforço nesta nação desmembrada, nesta metropole de tamanha parte do mundo, offerecida pelos netos dos que a conquistaram a um soldado francez?

Alguns ergueram a fronte, sem o ferrete da venda, por entre a turba dos nobres que a devassidão herdada enfraquecêra e deixára cahir no tremedal donde o historiador severo ha de busca-los para os inscrever no livro dos paroxismos vergonhosos da raça de piratas, que pouco tempo logrou o fructo dos seus flagícios.

Esses, que levantaram o rosto sem mancha, para saudar no throno reerguido o degenerado neto

do Mestre de Aviz, eram uma classe menos temida que a do vulgacho, a mais quieta na sua obscuridade, a que fôra, nos dous ultimos seculos pouco e pouco, espoliada dos seus antigos fóros municipaes, a classe media, em fim, cuja importancia na cidade delimitava-se a engrossar a veia do thesouro.

Foram esses homens, robustos de seiva e espiritos nacionaes, os unicos que se concatenaram em reacção, surda e tenacissima na oppressão, contra os tyrannos; foram esses os tributarios liberaes de fazenda e sangue á restauração da vidua do throno, que lhes pediu, depois, com que reparar o antigo fausto; foram, para tudo dizer d'um traço; fóram elles os que nunca esmoreceram no resgate da terra captiva do Encelado, que quizera abarcar o mundo entre as duas extremidades da sua espada invencivel, salpicada com o sangue de nações poderosas.

O bacharel Joaquim Antonio de Sampaio (é de quem o leitor supercilioso quer que se lhe falle, e da melhor vontade me dispensa de reflexões impertinentes, que me manda pôr de conserva para quando escrever um livro serio, grave, e reflectido, que ninguem ha de comprar): O bacharel Joaquim Antonio de Sampaio vestiu-se á côrte, de chapeo armado, espadim, meia de seda, e fivelas de prata. Disseram que estas fivelas tinham pertencido a um

sancão da patriarchal : isto parece-nos calúnia. Tolleamos, e esgarayalamos o agiologia europeu, e não deparamos sancão contemporaneo das fivelas. O historiador veridico rejeta, como Tacito na biographia dos grandes scelerados de Roma, as toardas de fantasia para infamar caracteres onde sobejam crimes provados para a execração universal. Desculpem a indumecencia do estylo, que a materia não é tanto de sóco, como á primeira vista parece.

O duque de Abrantes recebeu affaxelmente o bacharel, e, na presença dos fidalgos, que estendiam já a mão soberba ao ajudante do ex-intendente Manique, entregou-lhe a nomeação de juiz para um tribunal especial militar, creado no Porto, por decreto de 9 de Maio de 1808.

O fim ostensivo desta alçada era punir os perturbadores da segurança publica, nos variados delictos que a legislação do reino não previra.

A sentença deste tribunal ora executada no praço de vinte e quatro horas sem revista ou appellação.

O bacharel agradecido cahiu de joelhos aos pés do duque de Abrantes, que se dignou levantá-lo pela gola da cazaca; os copos de faim, porém, travando-se na fivela do calção, rasgaram-lhe a meia na barriga da perna, abrindo fenda por onde regorgilou uma almofada suplementar á tibia des-

carriada e cortante do atravancado palerma. Riu Junot; e os fidalgos riram também. Sampayo, ligeiramente corrido, arrancou o musculo do algodão, estorchoou-o entre a mão nervuda, e pediu licença para ir remediar os estragos do espadim, que, no dizer mansinho do conde da Ega: ao fidalgo immediato, só nas pernas postigas de seu dono faria tamanho estrago.

O juiz do tribunal militar partiu, no dia immediato, para o Porto, onde era precisa refrear os animos indomados dos portuenses.

Norberto de Meirelles contou de novo a seu cunhado o já dito em longa carta, que Sampayo não lera, acerca do noviciado de Carlota.

«Tudo se ha de remediar, que temos muito tempo — disse o bacharel — Em ultimo caso, nunca ella ha de alcançar licença regia para a profissão. Agora, do que se tracta, é de me pôres a bondrecado estes dous caixões de prata, que me foram confiados por um meu amigo que emigrou com o principe para o Brazil. Cuidado com isso, que estão ali alguns contos de reis, e eu fiz responsavel a minha honra á entrega destes caixões, logo que o meu amigo volte com o favor de uma amnistia, que tracto de lhe alcançar do meu particularissimo amigo duque de Abrantes.

— E que me diz o doutor a respeito do sur.

Juro? — disse Norberto de Meirelles — Pelos modos, ouvi dizer que elle já está despachado rei de Portugal!

« Isso tem seus fundamentos, cunhado. Eu e os meus amigos conde da Ega e Ayres de Saldanha trabalhamos para a sua aclamação.

— Então o cunhado é amigo desses governos lá da côrte? Com effeito, sempre lhe digo que o que o doutor não fizer não o faz o deanho. Aquella de fazer ir o pintalegrete pela barra sóra, custou carilla, mas fez-se... Andou por oito mil cruzados que eu lhe mandei, doutor?

« E acha muito? Não foi o seu dinheiro que fez o milagre, foi a minha influencia. Não sei se sabe que Francisco Sálder de Mendonça mechia na côrte os pausinhos, e esteve por um triz a passar por cima do seu dinheiro e da minha influencia, e vir ao Porto tirar Carlota judicialmente!...

— Eu o arrenego! Se o berzabum morresse por lá grande cousa era! Estou a arreçar que elle volte, antes d'ella professar...

« Não receie, Norberto. O principe não volta mais a Portugal, e o tal marinha cá estou eu para lhe tolher o desembarque. Cartas d'elle, está tudo prevenido para que não chegue alguma ás mãos de Carlota, e a esta hora está elle convencido de que ella cazou.

— Homem, essa !... ó doutor, dou-lhe a minha palavra que estou pasmado da sua agencia !. O cunhado é capaz de fazer com que ella esqueça o homem, e torne para a minha companhia ! Faça issò que lhe dou uma mula arreada de novo para o cunhado dar os seus passeios ao Candal.

« Nada de susto, mano. Vossê não sabe o que são mulheres. A rapariga tem venêtas e caprichos ; o acertado é deixal-a barafustar, e ella virá cá ter ao caminho das outras. De paixão ninguém morre ; e, no convento, isso então digo-lhe eu que nunca se viu. Mulheres juntas dão tanto aos taramelos em cousas de amor, que lançam o amor pela boca fóra, em logar dos figados. Deixe-a lá estar á vontade, e dê-lhe a entender que o seu maior gosto neste mundo é vêl-a freira. Nada de contradizêl-a. Mulheres e creanças amuadas é deixal-as renhir. Se vossês começam a carpil-a, então não fico pelo resto.

— Então o doutor não vai lá tirar-lhe a tolice do miôlo ? !

« Não senhor, não vou, é escusado lá ir, e se for é para lhe dizer que muito me agrada a sua resolução, e, ao mesmo tempo, elogiar com finura a liberdade do mundo, e pintar-lhe com côres tristes o jugo do convento. Assim é que se levam as mulheres, snr. Norberto, e, se ellas teem a sober-

ha de Carlota, então nada de disputar. A attenção manda dizer com ellas, até as fazer passar á contradicção, porque a harmonia é impossível em indoles orgulhosas.

— Oh doutor! o snr. tem uma labia que revira a gente! Homem, eu estou a dar-lhe razão! Parece-me que o melhor é isso! Está dito! Deixemol-a lá com a mania, e diga-se-lhe que faz muito bem. Vou dizer tudo isso á minha Rozalia; mas, antes que me esqueça, cunhado, esta cousa do governo estará segura.

«Segurissima»

— E que eu tenho alguns valores que queria acantelar para o que desse e viesse.

«Não tenha susto; mas tanto faz ter o seu dinheiro na barrã como debaixo da terra. Sabe o que ha de fazer? Pegue no seu dinheiro, e nos meus caixões de prata, e vá enterrá-os na adôga do Candal. Eu tenho mais medo á canalha nacional que aos soldados de Napoleão. Quando correu na capital que s. ex.^a o snr. governador ia dar Lisboa a saque, sahiram para as praças as turbas da gentilha portugueza ceperando a hora do assalto. Destes é que eu tenho medo; e por isso sou de parecer que se acantele o nosso precioso, com summa prudencia. O Candal é bom sitio, porque fica arredada da estrada. Ponto está que o mau encarregue o serviço»

de enterrar os caixões a pessoa fiel, que não denuncie o escondedouro.

— Não me fio em ninguém, cunhado. Quem ha de enterrar esse todo-nada de dinheiro que por ahi está, e mais os caixotes da prata, hei de ser eu, se Deus quizer.

Assentiram n'isto, e, logo no dia immediato, Norberto de Meirelles pôz mãos á obra, com o auxilio de sua mulher e cunhado. Fez-se o transporte para o Candal com disfarce. Os caixões sahiram de noite, e os conductores, depondo-os no quinteirão da quinta, não poderiam malsinar o local do enterro, se alguma vez, feitos com os saiteadores, tentassem esquadrihal-o.

Norberto de Meirelles, auxiliado por D. Rozalia, e o proprietario das pratas da Patriarchal, enterrou os caixotes debaixo da dorna do lagar, e ficou assim desalrontado dos sustos que lhe traziam o animo opprimido, desde que Francisco Sáller de Mendonça lhe presagiára um possível assalto ao seu dinheiro.

Sampayo, atarefado com o julgamento dos réos processados no tribunal de que elle era juiz inconfidente, só teve ensejo de visitar Carlota, um mez depois da sua chegada. Encontrou-a na grade com a mãe, que de proposito preparára este encontro, porque sua filha houvera nrostrado repugnancia em receber a visita do tio.

O bacharel, conforme com os seus ardis, expostos ao cunhado, começou por louvar e abençoar a acertada resolução de sua sobrinha, exaltando os merecimentos de uma boa religiosa, e aconselhando-a com sans doutrinas preventivas contra as tentações do demonio, inimigo acerrimo dos votos claustraes.

Carlota ouviu-o com aprazimento, e D. Rozalia com enfado. A boa senhora não comprehendia a espezteza de seu irmão, e confrontando-a com a estupidéz de seu marido, dava tanto pela bondade de um como pela do outro. Foi-lhe á mão com as suas razões cem vezes repetidas á filha. Chorou copiosamente, pedindo ao irmão que desvanecesse a tenção de Carlota; e a esta, com ternas supplicas, implorava que sahisse do convento, se não queria cêdo ficar sem mãe.

Carlota respondeu que a perda de sua mãe lhe seria muito sensivel; mas que estava deliberada a aceitar todas as mortificações que o Senhor lhe mandasse, com tanto que pudesse offerecer o coração espedaçado ajoelhada no altar, onde jurára votos de eterno sacrificio.

Joaquim Antonio de Sampayo, piscando o olho á irmã, louvava de novo a devoção de Carlota, e citava-lhe, como para acorçoal-a, quatro exemplos de sanctidade no convento de Sanct'Auna de Lis-

boa, onde elle almoçava, e contava os milagres da prata da Patriarchal, salvo o ultimo.

Carlota, sabindo da grade, foi pedir a Deus perdão do cdio que tinha a seu tio. Soror Rufina, confidente desta ruim paixão, orou com ella, e penitenciou-a com o preceito duro de escrever a seu tio uma carta em que lhe agradecesse, com humildade e amor, os paternaes conselhos que lhe dora, e o applauso com que a ajudava a defender-se das instancias de seus pais.

O bacharel, maravilhado desta carta, modificou a sua opinião a respeito da sobrinha, e planisou uma nova traça para despersuadil-a. Qual ella fosse, não sabemos nós, porque não houve tempo para exccutal-a.

Sampayo exercen as funcções do juizado quatro mezes, e foi despachado juiz de fóra para uma pingue comarca do Minho. A cauza desta mudança, ingrata ao despacho, explicou-a elle como grandemente honrosa para si, dizendo que a moderação das suas sentenças desagradára ao governo. O governo, porém, dizia que o venal juiz riscava das denuncias os nomes que representavam réos dinheirosos, de quem recebia, com maior ou menor recato, avultosas quantias.

Partiu para a sua comarca o juiz de fóra, recommendando ao eunhado que vigiasse os caixotes

+

da prata, cujo descaminho viria a ser causa da sua deshonra. Por essa occasião, entregou-lhe um caixãozinho suplementar aos outros, que constava de uma duzia ou pouco mais de centos de reis, de seus ordenados e propinas, e mercês dos beneficios que fizera caridosamente aos réos absolvidos no terrível tribunal.

Dispensam-nos de boa vontade a historia sabida dos decerridos successos que expulsaram os francezes do territorio portuguez. E' certo que o juiz de fóra de ***; Joaquim Antonio de Sampaio, ingrata creatura de Junot, pôz luminarias quando soube que o exercito francez recuava ao exercito alliado. Proclamou aos povos comarcãos, chamando ás armas, e incitando os frades a que prégassem o odio contra Napoleão, e promettessem indulgencia plenaria, e salvação segura a todos os que morressem na defeza do seu legitimo principe, e dos angustos fóros da religião catholica-apostolica-romana.

O bispo do Porto, presidente da junta, é renegado como elle, sympathizou com as mauhas do juiz de fóra, e nomeou-o, provisoriamente, corregedor da comarca onde estava servindo.

Entra, porém, o general Soult as mal defezas raias do reino, e chega a Braga a artilheria de Laborde. Sampaio medita seriamente na sua situação, e, apasiguando os animos das turbas, com discurs-

aos ácerca da inutilidade da resistencia, resolve ir ao encontro do general Lorge, que marchava contra a villa onde elle exercia a suprema authoridade.

Diz-lhe que intimas relações o prenderam a Junpo e Lagarde, exulta com a volta dos francezes, e faz accender o resto das torcidas das luminarias á entrada do general francez. As guerrilhas, porém, queriam resistir, e os chefes emprazavam o corregedor para lhes dar conta da sua apostazia, mais tarde. Sampayo, arreccando-se d'aquelles caudillos, denunciou os principaes ao seu hospede Lorge, e fez que dous fossem espiagardeados diante da sua aposentadoria, simulando, ao mesmo tempo, amargor pezar de acontecimento tão funesto.

Retirou o general para occupar outro ponto; mas a pedido do corregedor, deixou uma numerosa guarnição á terra.

O general Botelho estanceava nas immedições da villa, e investiu com o presidio que fugira rechagado o mal ferido do encontro. Sampayo queria fugir com elle, sobre o Porto, para onde convergiam os differentes chefes do exercito invasor. Demorou-se, porém, um quarto de hora, carregando os bálhus da sua bagagem, onde avultavam preciosidades que soubera esbulhar á comarca sob os mil pretextos faceis ao seu engenho.

Esta demora foi-lhe fatal. Era tarde para fugir.

Reflectiu um instante, em lance tão apertado, e sahio a lume com uma idéa da qual esperava a sua salvação.

Mandou tocar immediatamente os sinos das egrejas, foi elle proprio, bradando vivas ao principe, despertar o animo perplexo dos moradores da terra, e recrutar garotos para repicarem os sinos.

Este expediente era já um destino da desesperação, uma loucura que devia ter o resultado que teve. Joaquim Antonio de Sampayo viu-se rodeado de povo, e este povo pedia a cabeça do corregedor, sobrelevando á voseria os gritos da parentela dos caudilhos que tinham sido espingardeados á ordem do general Lorge.

O chefe das forças portuguezas occorreu neste momento afflictivo. O corregedor ajoelhou de mãos erguidas pedindo-lhe a salvação.

Um do povo, que parecia ser o mais authorisado, contrariou as súplicas do corregedor, contando ao general as façanhas. Botelho ouviu com attenção, e exclamou com serenidade:

« Enforcuem-no já, que é o mais seguro.

Mais de um leitor maior de sessenta annos está recordando, n'este momento, a cabeça de comarca, na provincia do Minho, onde foi enforcado um corregedor.

Se se lembra, saiba que o fatal triangulo foi er-

guido para Joaquim Antonio de Sampaio. Ahi pe-
neou esse homem de grandes espiritos, que veio cê-
do de mais para morrer ministro de estado.

Rezemos-lhe por alma ; mas duvide-se do apro-
veitamento dos suffragios. E' de fé que o thauma-
turgo das pratas da Patriarchal cahiu da forca ao
inferno, onde o tortura a desesperação de vêr co-
mo cá em cima andam nedios e honrados alguns
que o sobrepujaram em amor da patria, amor do
proximo, e abnegação do alheio.

Joaquim Antonio de Sampaio nascêra em 5 de
Janeiro de 1752. Trapasseára o Direito e a Justiça
por espaço de trinta annos, nos auditorios do Por-
to. Entrára com fortuna prospera na carreira das
honras aos cincoenta e seis annos.

Revelára, ainda que tardío, um espirito sobre-
excellente para engrandecer-se, e reflectir na sua
familia as honras merecidas á custa de infamias
necessarias para se ser alguma cousa n'uma terra
onde Duarte Pacheco e Camões tiveram fome. Mal
tinha dado os primeiros passos propicios, atalhou-o
uma morte feia aos 23 de Março de 1809.

Piamente crêmos que os sanctos da Patriarchal
de Lisboa, esbulhados de seus adornos, lhe urdi-
ram este affrontoso trespasso.

Como quer que seja, homens taes, diz uma
epigrapha deste capitulo, que os leva o diabo. Le-

vará, não duvido; mas, se lanço os olhos em redor de mim, affigura-se-me que o diabo leva uns, e traz outros.



XIII.

La justicia de Dios espantosa...

QUEVEDO (*El sueño del Infierno.*)

O NOVICIADO de Carlota Angela terminára em Abril de 1808. As licenças impetradas para a profissão não foram concedidas, porque a desorganisação em que se achavam as repartições governativas era impedimento a que se deferissem requerimentos que não importavam ao bem immediato do estado.

Norberto de Meirelles folgava com a demora da licença, e o cunhado, lá da comarca onde lhe cortaram a providente cabeça, soeegára-o com a certeza de que em Lisboa estavam prevenidas as cousas para que a noviça requeresse sempre em vão a licença indispensavel.

Carlota não se impacientava com as delongas, nem se queixava de seu pai ou tio : com tanto que

a não arrancassem ao claustro, noviça ou professora, o seu coração estava com o mesmo apêgo entranhado no suave sacrificio á religião dos infelizes.

Quando a noticia da feia morte de seu tio lhe chegou, levada pela aterrada mãe, Carlota perdoou-lhe, nos labios e no coração o mal que lhe fizera, compensando-lh'o com incessantes suffragios, da virtude dos quaes, em alma tão apodrentada de velhacadas e perfidias, é licito duvidar.

Norberto de Meirelles, neste desgosto de familia, mostrou o grande porte de seu animo, insuflando em sua mulher espirituaes doutrinas de paciencia, e conforto na vontade do Altissimo. A' sucapa, porém, o arroseiro esfregava as mãos com jubiloso phrenesi, bem sabia elle pelo quê. Se D. Rozalia lhe perguntava que destino se devia dar aos dous caixotes de prata, que não eram de seu irmão, Norberto dizia-lhe que calasse o bico, e não dêsse á lingua ácerca de taes caixotes, que ninguem sabia de quem eram. Os escrupulos entravam na consciencia de D. Rozalia; o alheio dizia ella que chorava pelo seu dono; a este e outros anexins de sã moral replicava Norberto que se alguma vez apparecesse o dono dos caixões, munido das necessarias provas, de ser o dono d'elles, seria entregue do deposito.

Entretanto que o dono não vinha, o herdeiro do

Bacharel fechou-se na adêga da granja do Candal, e exhumou os thesouros enterrados para conhecer do contheudo dos caixões. Este exame dizia elle á tímida consorte que era preciso para, munido de um rol, peça por peça, obrigar o dono a dar uma relação exacta dos objectos.

Tentação diabolica fôra aquella! Norberto, vendo a rica baixella do culto divino contida no primeiro caixão que abriu, tão encantado ficou do bem lavrado das corôas, dos resplandores, dos calices, das ambulas, dos thuribulos, das lampadas, das bandejas, e dos ex-votos, tão encantado, tão edificado, tão prezo áquelles mysticos ornatos do templo do Deus-vivo, que logo alli prometteu á sua consciencia guardar e venerar aquelles sagrados objectos, de modo que mães impias de francezes, de portuguezes afrancezados, e ainda as do dono nunca os profanassem. Este protesto entendia-se com o primeiro caixão: o segundo antes de ser aberto, havia o negociante tenção de restituil-o, se o recheio não fosse tão veneravel e digno da sua devota guarda.

Ora, o segundo caixão não era menos tentador: nem mais nem menos os doze apóstolos de prata macissa, com as suas barbas venerabundas a incutirem seraphico temor e amor! Norberto alçou nos braços um dos apóstolos, não tanto para fazer-lhe oração mental, como para calcular-lhe o pézo,

e, aproximadamente, ajuizou doze arrateis, os quaes, multiplicados por doze, davam cento e quarenta e quatro arrateis de prata. Entendeu piedosamente o arroteiro que o segundo caixão era thesouro não menos credor dos seus disvelos que o primeiro, em razão de conter as imagens dos doze primeiros sanctos da religião christã, e neste presupposto de bom juizo resolveu recommendar á sua vigilancia a guarda de tão augustas imagens, que talvez providencialmente lhe vieram enterrar-se na sua adêga para se esconderem á perseguição de Bonaparte, bem como os christãos primitivos se escondiam nas catacumbas para fugirem á perseguição dos Neros e Trajanos.

A escrupulosa irmã do defuncto bacharel não assistira á exumação dos caixões; mas, sabendo dos doze apóstolos, tal ancia lhe entrou de os vêr, que não houve remedio se não desenterral-os de novo.

D. Rozalia ficou encantada dos aspectos magestosos de S. Pedro e S. Thiago. Quiz que seu marido rezasse imparceirado com ella uma jaculatoria aos dous sanctos em particular, e a todos em geral. Norberto annuiu com a mais fervento uneção, e edificou sua mulher propondo a repetição das ditas jaculatorias, para que os bemaventurados discipulos do divino mestre não permittissem que mãos sacrilegas de francezes tocassem nas suas devotas

imagens. Lembrou logo alli a snr.^a D. Rozalia quoz passada a guerra, se não apparecesse o dono d'aquelles objectos, se havia de fazer uma capella na quinta do Candal, para que os sanctinhos fossem adorados por toda a gente. Concordou o arroeiro enterrando-os outra vez, e recommendando a sua mulher, que não dissesse a ninguem que a sua adéga estava tendo as honras de Cenacolo.

Estas scenas passavam-se oito dias antes da invasão dos francezes no Porto.

A' noticia da aproximação de Soult nas trincheiras, Norberto de Meirelles fechou a caza da rua das Taipas, e foi para o Candal.

D. Carlota Angela, com sua tia e a noviça Dorothea sahiram do convento para o mosteiro de Arouca. D. Rozalia instára para que a seguissem; mas Carlota vencêra a vontade condescendente de sua tia, com lagrimas e rogos para que não accedesse azylo que não fosse o de outro mosteiro menos susceptivel de ser assaltado pelos francezes.

O exercito invasor derramou-se pelo Porto, no cevo do saque e da carnagem. As portas da caza da rua das Taipas, malsinada aos francezes como ben-recheada, não resistiram ao machado. Pouco lá havia que saciasse a cubiça dos saiteadores. O denunciante esteve em perigo de ser acutilado por lhes ter feito perder tempo em arrombar as portas para

saque tão mesquinho. Ora, o denunciante era um visinho de Norberto, seu inimigo, e capaz de dar um olho para que arrancassem os dous ao arrozeiro. Disse elle aos francezes que o seguissem além do rio, e elle lhes promettia boa preza, porque as immensas riquezas do negociante deviam estar na quinta.

Seguiram-no os francezes, promettendo-lhe repartir com elle da preza, ou tirar-lhe a alma e os figados, se os enganasse, ou levasse a alguma emboscada.

Ao avisinharem-se do Candal, deram rebate as espias de Norberto de Meirelles. Calou-lhe n'alma o mêdo, que amarelleco a cara de gemma de ovo; tapa os respiros do pulmão e promove a desordem dos intestinos todos. D. Rozalia cahiu de cocoras, e entrou a bater os queixos como em maleitas, e a resmungar fragmentos da salve-rainha e do padrenosso. Dous criados da quinta, que, momentos antes, tinham estado renovando a escorva das clavinhas, e apostando a qual delles metaria mais francezes, apenas avistaram os penachos de dez ou doze d'aquelles, que, segundo os seus projectos homicidas, deviam ser levados a murro, deram a fugir por aquelles pinhaes, como envergonhados de se baterem com tão poucos francezes. Chamava-os com desesperados berros Norberto, em quanto elles po-

diam ouvi-o ; mas não houve gritos nem promessas que os volvessem ao posto da hora.

O negociante travou do braço da mulher para que o seguisse, fiando a salvação na fuga. D. Rozalia ainda se ergueu ; mas vacillaram-lhe as pernas frouxas, e recahiú, dizendo que morria, e queria alli morrer. O arroeiro cuidou que a movia assustando-a com a idéa de que os francezes a matariam, se ella não confessasse o escondrijo do dinheiro. A pobre mulher, petrificada de terror, não respondia a taes estimulos, ou recalcitrava na pertinacia de se deixar matar.

Em quanto ella murmurava um acto de contrição, preparando-se para morrer o mais catholicamente que podesse, Norberto de Meirelles seguiu a pista dos criados, pela porta travessa da quinta, com o intuito de alarmar a freguezia, tocando a rebate a sineta da proxima capella.

Os francezes arrombaram a primeira porta, e outras menos robustas, até entrarem no quarto onde estava D. Rozalia de mãos erguidas, pedindo misericordia. Um da malta, com o rosto coberto por um lenço, disse-lhe em claro e chão portuguez que lhe não fariam mal a ella nem ao marido, se lhes dissesse onde estava escondido o dinheiro. D. Rozalia respondeu que não sabia. A um signal convencional do interprete, dous reflex ameaçadores,

ladearam o pescoço da moribunda senhora. O homem da cara coberta admoestou-a de novo, pedindo aos francezes que suspendessem a morte por alguns momentos. Rozalia, revalidando tres vezes a condição de que não matariam seu homem, disse que o dinheiro estava enterrado na adêga; mas que tambem lá estavam dous caixões de prata, e esses pedia que não levassem, porque não eram d'ella. Feito o juramento de respeitarem, não os caixões, mas a vida dos depositarios, levaram em braços D. Rozalia á adêga, para a fazerem apontar o local onde convinha cavar.

Meia hora depois, corriam contra a quinta de Norberto de Meirelles, mais de duzentos homens da freguezia, reunidos pelo toque guerreiro da sineta, a fóra os fugitivos do Porto que tinham atravessado a ponte, horas antes, de lhe serem abertos os alçapões. Quando entraram na caza, com grandes alaridos e descargas, encontraram D. Rozalia á porta da adêga, prostrada n'um desmaio. Norberto adivinhou o successo horroroso. Entroa, foi direito ao tonel protector do escondrijo, achou a terra revolvida, levou as mãos á cabeça, soltou um grito cavernoso, e foi bater com as costas nos tampos sonoros do tonel. « Roubado! roubado! » exclamava elle, em quanto a multidão compadecida se derramava pelos aditos da quinta procurando os france-

zes, e outros traclavam de restituir á vida a mulher do negociante que parecia morta.

Ao mesmo tempo, embarcavam os francezes, com a opima prêza, defronte do Miragaya. No meio do rio, combinaram entre si desfazer-se do denunciante que os importunava lembrando-lhes a promessa de um quinhão do roubo. A execução foi rápida como o plano. O portuguez foi arrojado ao rio com algumas pancadas na cabeça; mergulhou, veio á tona d'agua ficando-se na quilha do barco, á maneira de rémora, pendurou-se n'um dos bordos, os francezes convergiram para o ponto, os caixões escorregaram para esse lado, o barco inclinou-se tanto, e o barqueiro com tal arte ajudou á catastrophe, que se virou o barco; francezes e caixões tudo se sumiu nos abysmos, salvando-se, apenas, o barqueiro, por ser grande nadador, e merecer salvar-se como instrumento que foi da justiça providencial.

Não sabemos ao certo quantos contos de reis o Douro sepultou nos seus reconcavos. Mais de cem, affra o dinheiro e caixões do bacharel Sampayo, se calcula a perda. Os haveres de Norberto de Meirelles estavam todos alli. Restava-lhe, apenas, a granja do Candat, e a casa da rua das Taipas; mas, o arrozeiro, no mez immediato tinha que pagar lettras que os portadores, fiados na segurança.

do acceitante, não haviam apresentado no dia do seu vencimento, rogando-lhe, por favor, o conservar em seu poder os pagamentos até se restabelecer a ordem no giro commercial.

Era, pois, desgraçadissima a posição do pai de Carlota Angela. Via-se pobre, e sentia-se desfallecido e velho para reconquistar o producto do trabalho e da astucia, nem sempre legitima, de quarenta annos. Ainda mesmo que amigos e credores o ajudassem, como de feito ajudariam, esse balsa-mo não fecharia a chaga. A pena do seu dinheiro era uma angustia infernal, que as palavras animadoras da christã e resignada esposa não aliviavam.

« Deus o deu, Deus o tirou, Norberto » dizia ella, convidando-o pela religião á paciencia.

— Vai-te d'aqui com as tuas beatices! respondia elle — Estamos pobres por tua causa. Se fosses uma mulher amiga de teu marido e de tua filha, não dizias onde estava o meu dinheiro, o meu dinheiro, o dinheiro da minha alma!

E, exclamando assim com vozes que derretiam o coração, chorava como uma creança o pobre homem, arrellando as suissas e os cabellos.

Atalhava Rozalia:

« Não te mortifiques, Norbertinho. Eu se disse onde estava o dinheiro foi para te salvar a ti, porque o tal homem da cara coberta disse-me que tu

estavas prezo, e te matariam se eu não dissesse onde estava o dinheiro.

— Deixasses matar ; antes isso, do que ficar assim. . . sem nada !

« Ainda temos com que viver, meu amigo. Se eramos ricos, as nossas despezas poucas eram. Faz de conta, Norberto, que o dinheiro está enterrado onde estava ; tanto nos serve elle debaixo da terra, como na mão dos francezes. Sabes o que se ha de fazer ? Tornemos a trabalhar como quando nos cazamos. Para comer e vestir como até aqui sempre hemos do ter. Aos credores dá-se-lhe alguma cousa do que se deve, e vai-se pagando o resto aos poucos. A nossa Carlota quer ser freira, e o dote pequeno é. Eu lh'o arranjarei com as economias que poder fazer. Tenho algumas joias que se vendem, e pouco faltará para o dote de Carlota. Não achas que tenho razão, Norbertinho ? Ora vamos, tem paciencia, e agradece ao Senhor em nos ter deixado a vida.

— De que diabo me serve a vida ! ai ! o meu dinheiro, o dinheiro da minha alma, que tanto me custou ! Agora é que os outros me hão de pôr o pé no pescoço. Como não estarão contentes os invejosos ! Foram elles que me roubaram. Esse homem que trazia o lenço pela cara era algum dos nossos visinhos, que não podia vêr como eu ia medrando ! Estou

*

roubado! levaram-me o meu dinheiro, a minha vida, o meu suor, a minha alma. Agora mata-me, com trinta milhões de diabos! Quero morrer, antes que me vejam pobre! Vou partir esta cabeça n'uma pedra, e tu fica para ahí a pedir uma esmola já que dissestes onde estava tudo quanto tinhamos.

Nestas e n'outras lamentações, em que a blasfemia não faltava nunca, cortiu, no Cambal, a empeçonhada existencia ó miserando arrozeiro, durante tres semanas, até que lhe pegou uma febre, e uns phrenesis do estomago, que o poseram ás portas do inferno. Salvaram-no algumas tizanas, e os confortos de dous ou tres amigos compadecidos que, rogados por D. Rozalia, lhe foram dar esperanças de reaver com capitães empréstados, senão tanto quanto perdêra, ad montos mais que o necessario para viver com decencia e satisfação. A convalescença foi morosa e arriscada com recabidas, procedentes de vertigens que advinhavam depois dos prantos pelo seu dinheiro.

Voltando ao Porto, logo que o exercito francez sahiu, fez uma honrosa concordata com os seus credores, e retomou as redeas do seu mister, ajudado pelos amigos e disvellos da mulher que toda era energia, actividade, e carinho para fazer esquecer a pobreza a seu marido, preocupando-o com a esperança de enriquecer outra vez.

N'aquelle tempo, porém, esta cousa a que hoje, em francez, se chama *fortuna*, não se alcançava com a rapidez de agora. A perda do proveito de quarenta annos dados na vida commercial eram necessarios outros quarenta annos para restaural-a. Por isso que o caminho de ferro era uma utopia, e a celeridade do fio electrico um ideal dos contrasensos impossiveis, a maquina de fazer dinheiro era um mytho, em que se accreditava por que a moeda corrente era fundida e cunhada; mas nenhum particular julgava possivel fazer em sua caza dinheiro.

A posição de Norberto era, por tanto, relativamente má. Descorçoado para as labutações do negocio, sufficientemente obtuso para chegar por vezes e atalhos á estrada que os outros palmilham tarde e a más horas, o negociante decabido lá sentia em si roer a desconfiança de que não havia para elle mais readquirir a centena de contos que tão perto d'elle estavam encalhados entre as fendas d'alguma rocha.

Esta descrença intibiava-lhe o animo, infundindo-lhe uma melancolia taciturna e lethargica, donde não havia nada que o podesse divertir.

Carlota Angela, recolhida ao seu suspirado mosteiro, soube da desgraça de sua familia. Ergueu as mãos ao Senhor, pedindo-lhe que alliviasse as ma-

goas de seus pais, e lhes dêsse, em troca da riqueza perdida, a esperança de maior felicidade no ceo.

Quando D. Rozalia disse ao marido qual era a súplica incessante de Carlota, Norberto respondeu :
« Ora ! qual ceo, nem meio ceo ! Diz-lhe que peça a Deus que me dê dinheiro. »



XIV.

Que ansias, que deseos,
Que trabajos, congoxas, y sudores !...

P. PEDRO DE SALLES (*Emblemas.*)

QUANDO o corregedor Joaquim Antonio de Sampaio foi suppliciado, o general Botelho mandou examinar os papeis do jacobino com a esperança de encontrar algum que justificasse a violenta morte do magistrado, no caso de lhe serem pedidas contas do estranho feito.

As leis militares não permittiam tal excesso, quando os réos não eram encontrados com armas na mão defendendo os invasores.

No quartel general de Botelho andava um ajudante de ordens que fôra condiscipulo e amigo de Francisco Salter de Mendonça no collegio militar. Foi esse o encarregado de examinar os papeis.

Mal tinha revolvido alguns massos de cartas sem importancia, e officios de serviço publico, uns assignados pelo governador do reino, outros pela junta governativa, louvando todos a energia e zelo do magistrado, quando reparou n'um rolo de papeis atados todos com uma guita, sendo a capa exterior um sobrescripto que dizia: *Ao ill.^{mo} snr. Francisco Salter de Mendonça. — Rio de Janeiro.*

O examinador, espantado de encontrar o nome do seu amigo entre os papeis do defuncto jacobino, recebeu que ~~algumas~~ intelligencias desgraçadas e deshonrosas para Francisco Salter podessem existir com os clubs revolucionarios. Antes que alguém entrasse no escriptorio, o ajudante de ordens do general Botelho escondeu o masso de papeis, e, ansioso de curiosidade, não tardou a examinal-os o mais escondidamente que pôde.

Viu uma, outra, e outra até vinte e tantas cartas assignadas por Carlota Angela. Outras tantas, se mais não eram, assignadas por Francisco Salter. Quem era esta Carlota Angela? interrogava-se o confuso leitor das lagrimosas cartas. Como viera esta correspondencia dar á mão do corregedor de * * *? Qual seria o valor occulto de uns papeis que tão estranhos pareciam ao funcionalismo do magistrado?

O ajudante de ordens, logo que o exercito in-

vasor desalojou do Porto, foi ao mosteiro de S. Bento da Ave Maria procurar Carlota Angela para esquadriñar o mysterio da correspondencia. Não encontrou a ninguém que o informasse; no mosteiro tinham apenas ficado uma freira doente, e duas criadas intrevadas que apenas souberam dizer que a noviça Carlota Angela fugira com sua tia para um convento da provincia.

Proseguia em inuteis averiguações o curioso militar, quando a junta provisoria o nomeou para ir ao Rio de Janeiro dar parte das occurrencias da infausa invasão, e da derrota fabulosa que os francezes iam soffrendo na retirada.

O emissario accitou da melhor vontade a enviação, esperando de encontrar no Rio de Janeiro o seu amigo da mocidade Francisco Salter de Mendonça.

Apenas desembarcou, o primeiro official de armarinha que lhe sahiu ao encontro foi Salter. Logo alli se apozaram para uma conferencia de alguma importancia, depois de entregues ao governo as participações do reino.

« Que ha de commum entre ti, e um tal Joaquim Antonio de Sampaio que foi enforcado no Minho? »

— Enforcado !

« Sim garroteado por jacobino, traidor ao rei »

e á patria e á santa religião como lá se diz. Conhecial-o?

— Perfeitamente. Esse homem era tio de uma mulher que me obriga a desertar ámanhã, para ir procural-a no Porto.

« Se o teu fim é saber onde ella está, posso dar-te algumas informações.

— Conheces Carlota Angela? — interrompeu alvoroçado o capitão de marinha.

« Conheço pelas amarguradas cartas que te escrevia.

— Cartas! Quaes?! Eu não recebi cartas algumas de Carlota.

« Se as não recebeste, podes lê-las agora, porque eu sou o portador de duas duzias dellas, que fazem chorar as pedras.

— Como te vieram essas cartas á mão? Dá-m'as.

« Lá vamos; mas primeiro quero que me expliques como estas cartas foram á mão do tal corregedor enforcado.

— Isso é uma historia longa e atroz. Dá-me as cartas, que eu tudo te explicarei depois.

« Pois bem: ahi vão as cartas da Carlotinha, mas tenho no outro bolço outras tantas escriptas á tua dama.

— Por quem?

« Por um nosso condiscipulo do collegio militar, que, segundo se deprehende do ardor da lingua-gem, deve amal-a como um louco.

— Quem é elle?

« Um terrivel paralta, que sahiu da patria, deixando por lá nos mosteiros noviças apaixonadas.

— Quem! depressa... diz-me o nome desse homem.

Francisco Sálter de Mendonça é como elle assigna as lamuriantes epistolas: ei-las aqui.

Tu me dirás agora se o corregedor era o teu alcayote para a dolorida noviça.

Sálter devorava as palavras da primeira carta de Carlota, sem entender as idéas. D'uma passava a outra, examinando nem elle sabia o quê. O sangue subiu-lhe á flor do rosto, inflamando-lhe as pupilas irrequietas. Era uma dessas alegrias que chegam a doer em seu pbreuesi. Ao rubôr succedeu a pallidez subita, e o suor da vertigem. Não lhe cahia o coração no peito, nem hastaya ao affogo dos pulmões o ar que aspiraya a profundos haustos. Soltou uma exclamação puxada do intimo da alma, um ai desafojado, vibrante, e das entranhas como se lhe desiptalasses a garganta quando o laço o fazia já estrebuchar em arrancos de morte.

O condiscipulo estava pasmado deste conflicto, e tanto se lhe affigurou respeitavel o jubilo ou a ago-

nia de Sálter, que não ousou interromper a scena muda d'aquelle lance. Sálter lançou-se-lhe aos braços, chorando como uma criança, e proferindo sfogadas exclamações, que pareciam os gemidos que faz soltar uma dor physica incomportavel.

— Então pisto é muito mais valioso do que eu suppunha! — disse o ajudante de ordens — Que feliz eu sou, se vim tirar-te de alguma duvida tormentosa.

« Trouxeste-me a esperanca, a vida, o bem. Estas cartas são d'ella, de minha esposa.

— Tua esposa! Pois Carlota Angela não é uma novicia?

« Não; é operaria secular no mosteiro de S. Bento.

— Não foi isso o que me disseram no convento;

« Pois o que te disseram?

— Procurei-a para ver se ella me tolerava o mysterio d'essas cartas. Disse-me uma criada que todas as religiosas tinham fugido dos francezes; e a novicia Carlota Angela fugira com sua tia freira.

« A novicia! Isso é impossivel!

— Será; mas foi isto o que se me repetiu fóra do convento. Casualmente me encontrei n'uma oza onde se faltava no grande roubo feito pelos francezes a um tal Meirrelles, rico negociante do Porto, que ficára pobre. Alguem disse que esse Meirrelles

era o pai d'uma noviça, que já tinha acabado o tempo do noviciado, e se chamava Carlota Angela? Quiz inquirir mais particularidades que me explicassem as tuas relações com a tal menina, e nada colhi. Propunha-me procurar directamente informações do negociante, quando fui encarregado da commissão que trouxe. Aqui tens o boquisei, e o que não sei has de tu sabê-lo explicar melhor do que eu.

« Sei tudo! exclamou com força e precipitação Mendonça — Sei tudo: . . . A' manhã vou para Portugal. Já pedi licença, e não m'a deram. Não importa. Dezerle. Julgsta-me como quizerem; condemnem-me, arcabuzem-me, mas que eu veja Carlota antes de morrer. Esta mulher é tudo quanto eu tenho na vida. Se eu não morrer por ella, se me não sacrificar na honra, em tudo que ha mais sagrado na vida, sou um infame sem reabilitação perante Deus e a minha consciencia. Se ella está morta, fui eu que a matei, não foi o malvado que me roubou estas cartas, e privou a desgraçada Carlota de vêr as minhas. Já comprehendes o segredo destas cartas? Esse homem que mataram sollicitou o meu desterro para obstar ao meu casamento com a sobrinha. Interceptou a nossa correspondencia com o fim de matar n'ella o amor com a certeza da ingratição. Foi elle quem me enviou aqui um homem com a noticia de que ella se tinha cazado. Eu es-

forço-me ha seis mezes em vão para conseguir licença de ir a Portugal, salvar este anjo, e curar-me da desesperação que me tem levado ao extremo do suicidio muitas vezes. Agora creio que perdi Carlota. Quando chegar ao Porto estará ella já professa. Não importa. Quero vê-la, quero que ella me veja morrer abraçado aos ferros que a separam de mim para sempre. Esta minha agonia não tem igual neste mundo, meu amigo. Separam-me duas mil leguas da mulher que eu poderia salvar, se a visse neste momento. Porque a não procuraste tu? porque lhe não mostraste estas cartas que nos salvariam ambos? Podias ter-nos feito um bem que eu te agradeceria de joelhos, e ella endoudeceria de júbilo. . . Paciencia. . . já agora devorarei todas as torturas da duvida com menos angustia. Ainda tenho uma esperança. . . Disseste-me que o pai de Carlota estava pobre. Talvez que não possa dar-lhe o dote para a profissão. Talvez que uma doença retarde esse terrivel acontecimento. Talvez que Deus se compadeça de nós ambos, e lhe inspire a esperança de tornar-me a vêr. Nunca tive tanta confiança na misericordia divina. E' impossivel que Deus veja com indifferença o terrivel resultado da profissão. Eu vou arrancar-a do altar, vou disputal-a a Deus, vou amaldiçoar a religião cruenta que receber uma mulher que me pertence por um jura-

mento mais sagrado que todos os votos do claustro.»

Não cansou ainda aqui o fôlego da estrada de declaração. Sálder fallou horas, e o amigo escutou-o com admiravel paciencia, até que pôde admoestral-o que não fugisse, nem sahisse do Brazil sem licença. Nem ao menos conseguiu com as mais atiladas razões retardar um dia a deserção. Já o amigo se offerecia para pedir ao principe regente a licença, trocando por ella a commenda da torre e espada com que S. M. o agraciára, ao ouvir-lhe as novidades prosperas do reino. Sálder regeitava conselhos e favores. O brigue sahia no dia immediato, e não estava ainda marcada a sahida de outro navio. Negarem-lhe a licença era já um capricho, se não antes uma desconfiança fomentada pelo bacharel Sampayo. Ao lado do ministro havia alguém que lhe insinuava a suspeita de ser Mendonça um forçado vassallo do principe, e um jacobino que Manique soubera desterrar a tempo.

O governo não déra ao capitão de marinha satisfação alguma pelos arbitrios do capitão-general, durante o tempo que estivera preso. O mais que fez foi dar-lhe liberdade, reprehendendo-o por ter feito justiça com suas proprias mãos, sobre um homem que viera ao Rio em commissão de confiança.

Sálder tragou em silencio o novo vilipendio, e

protestou, não só desertar, mas atistar-se no exército francez, e atirar-se como desesperado aos braços da morte, na primeira batalha que lhe deparasse a sua negra fortuna.

Eram, pois, baldadas todas as reflexões do ajudante de ordens.

A bordo do brigue inglez havia ordem para receber um marinheiro portuguez, e um preto marinheiro tambem. Ao anoitecer desse dia Francisco Sálter de Mendonça, e o escravo que lhe assistiu durante a prisão, vestidos de marinheiros, foram recebidos no brigue. Na manhã do dia immediato, quando o ajudante de ordens ancioso de alegria procurava Sálter para lhe entregar a licença que o principe assignara, contra as suggestões do ministro, o vaso inglez já tinha sahido.

O sollicitador da licença foi dizer ao principe que o capitão da armada não podera vir beijar a mão de S. Magestade antes de sahir, porque o brigue já tinha levado ancora, quando a licença chegou.

Este expediente fez que Francisco Sálter não fosse julgado desertor, posto que as averiguações feitas pelo ministro contrariassem o depoimento do generoso amigo, que ficara destruido a intriga.

O romance deixa de ser impertinente e aborrecido. Vamos entrar nas scenas tristes e sombrias.

XV.

Cresci, magoas, cresci, e cresci dóres ;
Quebrai e vagaroso, e triste fio
Que alonga a cruel Parca. . .

FERREIRA (*Eleg.* 5.ª)

As freiras dispersas recolheram ao seu convento da Ave-Maria, um mez depois da entrada do exercito anglo-luso no Porto.

Carlota Angela acompanhára sua tia, com quanto jubilo podia caber-lhe no ambito da alma. Considerando a grandeza das penas que a flagellavam, só á religião deve conceder-se o mystico poder de alivios, e alegrias para a pobre, que tão infeliz era, e mais infeliz seria, se não tivesse a taboa da religião em naufragio tão proceltoso.

Apenas entrou no convento quiz vêr seus pais, dizendo que talvez elles, nã desgraça, precisassem de quem lhes fallasse a linguagem da paciencia, e da esperança nas riquezas do ceo. D. Rozalia foi chorar ao pé da filha, e retirou-se consolada. Norberto de Meirelles contou-lhe tres vezes a horrivel historia do roubo, e chorou outras tantas lagrimas como punhos. Acudia Carlota com as unções piedosas da paciencia, promettendo-lhe alcançar de Deus com orações e penitencias a prosperidade do negocio que seu pai recommçára. O arroeiro dava como impossivel a restauração dos haveres perdidos, e affiançava que não viveria muito tempo, porque a paixão do seu peculio, adquirido com tanta honra e trabalho, o levaria á cova. No tocante ao auxilio que os sanctos podiam dar-lhe para repôr o seu commercio no antigo pé, Norberto era um iconoclasta requintado; não fiava nada dos sanctos, nem das jacularias, antiphonas, e responsos de sua filha.

Teimoso e cabeçudo como um philosopho, argumentava contra a religião, allegando em favor da sua heretica pravidade que se houvesse ceo e inferno não estava elle arroeiro sem o seu peculio, porque tinha sido sempre bom christão, e fôra roubado por hereges.

Este argumento não é de certo o mais stolido.

que se tem invidado contra a religião christã, por parte da philosophia; donde se conclue que de traz de qualquer baleão se pôde erguer um Ario, um Luthero, um Calvino, um Voltaire de tamancos, e arrojar ao seio da sociedade uma bomba recheada de argumentos incendiarios como aquelle.

Assim como nós não sabemos que responder de repente ao atheismo de Norberto de Meirelles, Carlota Angela não se nos avantajava em promptidão de dialectica theologica, do que resultou sahir o pai duas ou tres vezes da grade incredulo como entrára.

Uma vez lhe disse elle que perdesse a esperanza de ser freira, porque não tinha dote, nem pedia emprestaflos cinco mil cruzados para empatar n'um modo de vida que não rendia se quer o juro da lei.

Carlota sabia de mais as circumstancias de seu pai, quando esta esperada revelação lhe foi feita. Serena e carinhosa, como sempre o fôra, desde que a desgraça entrára em sua caza, respondeu-lhe que não tivesse elle cuidado com a sua profissão, porque a prelada a recebia pela prenda da musica em que ella estudava continuamente, e a tia Rufina lhe fazia as pequenas despezas necessarias para a profissão.

Estavam as cousas neste pé, quando Antonio Jo-

*

sé da Silva, mercador de pannos que foi na rua das Flores, pessoa a todos os respeitos digna de larga chronica (como de feito a teve na FILHA DO ARCEBIAGO) e uni dos maiores credores de Norberto, se apresentou pedindo em cazamento Carlota Angela, estipulando as seguintes clauzulas :

1.^a Pagaria todas as dividas do sogro, e adiantaria dez contos de reis para casco de novo negocio, a juro de quatro e meio por cento.

2.^a Compraria a quinta do Candal, ja traspasada para pagamento de dividas, e daria o usufructo della a seus sogros, reservando para si a hortaliça necessaria ao consummo da caza, dous gigos de maçã camoeza, dez alqueires de feijão branco, e os pastíos necessarios para quatro cevados.

Item. Daria aos pais de Carlota paga e quitação das quantias que lhe éstivessem devendo no acto de se lavrarem as escripturas de cazamento.

Item. Sua mulher iria viver na rua das Flores, e não tornaria a ir aos *balancés* por onde costumava andar em solteira, nem trajaria vestidos como as fidalgas, nem andaria de corpo bem feito sem mantilha, quando fosse á missa, ou désse aos domingos de tarde, um passeio até Campanhã, ou Valhom.

Estes artigos depôl-os sobre a meza Antonio José da Silva, em seguida á proposta de cazamento,

a que Norberto, embrutecido pela fortuna de semelhante proposta, respondeu logo que o negocio se havia de arranjar.

E, sem perda de tempo, entrou o arroeiro no pateo de S. Bento com uma cara tão festiva e gozosa que deu nos olhos á madre porteira.

Mandou chamar a filha, e rompeu assim o dialogo, com assomos de boçal jucundidade.

« Estamos outra vez ricos, rapariga!

— Ricos?!

« Sim, ricos! alegra-te, Carlota.

— Pois que foi, meu pai? Apareceu-lhe o seu dinheiro?

« Quem dera disso! E' cá outra cousa; menina! Estamos ricos, porque tu vais ser muito rica.

— Eu!? De que maneira?

« O Antonio da rua das Flores pediu-te em casamento.

Carlota engasgou-se, quando soltava uma palavra cu exclamação imperceptível.

« Não conheces o Antonio José da Silva? Aquelle rapaz que está podre de rico? aquelle que herdou a caza do patrão, aqui ha tres annos?! Ora essa! não conheces?!

— Não conheço, nem quero conhecer, meu pai.

« Tu que dizes, Carlota!? Pois tu não queres cazar com elle?!

— Não, snr.

« O' pobretaina d'uma figa! pois tu vês que não tens nada, que teus pais estão pobres como Job, e não queres valer aos authores de teus dias?

— Não, meu pai, eu dou a minha vida aos authores d'ella, se a quizerem; mas o coração, que já dei a Deus, não pôde ser de mais alguém. O pai não é tão innocente como parece. Devia supôr que a minha resposta era esta. Quando entrei nesta caza, disse-lhe francamente as minhas tenções. Como ellas não estavam dependentes dos thesouros de meu pai, a perda desses thesouros não as alterou na minima cousa. Sou a mesma que era, e brevemente serei o que já não posso deixar de ser: uma freira pobre sem precisão do ser rica, com muito mais do que me é necessario para ir amparando a minha curta vida no serviço de Deus, e na penitencia dos meus peccados, e dos peccados alheios.

« Não quero sermões, com mil diabos! vociferou o arroteiro, batendo um retumbante punhado sobre a banquetta — Não venho ouvir predicas! E's minha filha, e has de fazer o que eu quizer. Não te dou o consentimento para seres freira!

— Paciencia: sê-lo hei na intenção; mas não sahirei do convento.

« Has de sahir por justiça.

— Morta, póde ser.

« Viva, e muito viva, eu t'ò juro por esta luz que nos alumia!

— Não jure, pai, que se engana. Ninguém será capaz de me arrancar com vida para fóra desta caza. Quando eu não tiver forças com que me agarrar a estes ferros, nada se me dá que me levem para fóra, porque a minha alma já terá subido d'aqui á presença de Deus.

« Conta-me lônas, que eu te ensinarei. Filha maldita, que viste teu pai pobre e desgraçado, e não lhe valeste! Filha cruel, eu te amaldiçoõ em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Sancto, Amen.

— Meu Deus! — exclamou Carlota — O' meu pai não profira semelhantes palavras! Não augmente a triste vida que eu tenho. Eu lhe prometto de trabalhar toda a minha vida para que em sua caza nunca haja a menor privaçãõ. Pedirei esmolas ás senhoras religiosas ricas, para lhe mandar, meu pai. Não me amaldiçoõ que eu não lhe mereço esse castigo, nem é possivel que Deus consinta que a sua maldiçoõ seja valiosa. Pelas chagas de Christo, arrependa-se dessas amargas palavras que disse. . .

A pobre menina, banhada em lagrimas, supplicava ainda de joelhos, quando Norberto de Meirel-

les sahiu da grade esbaforido, resfòlegando vapores do interior vulcanico do peito.

Ao passar por Antonio José da Silva, que o esperava á porta da loja, na rua das Flores, disse-lhe :

« Nada feito. »

— Venha cá, snr. Norberto, conte lá isso. Com que então não é o mel p'ra bocca do asno; aqui calha melhor dizer *da asna*, digo bem, snr. Norberto?

« V. m. é pouco cortez, snr. Antonio. Se vamos a pôr as cousas no direito, ninguem póde ser asno sem sua licença. Lá porque a minha filha me desobedece não dou ousio a V. m. de lhe chamar nomes, que é o mesmo que chamar-m'os a mim. Se é rico, snr. Antonio, eu tambem já o fui, e não tractava ninguem de asno, porque aprendi a cortezia com as pessoas de bem com quem sempre tractei.

— Não se enfade, homem — replicou o irmão da snr.^a Angelica (honrosamente mencionada na *Filha do Arcediago*) pondo-lhe as mãos vermelhas, como dous mólhos de rábanos, sobre os hombros — não vá a Vallongo por tão pouco, snr. Norberto. Isto que eu lhe disse foi assim um modo de fallar, sem áquella de injuriar a sua filha, nem a V. m., que tem os figados, como lá diz o ditado, muito ao pé da bocca. Entre cá, sente-se, desabafe, e veja

se quer tomar um copo do da instituição da Companhia, e uma cavaca de Arouca para lhe dar animo.

« Obrigado ; não quero nada ; passo V. m. muito bem, e rasgue quando quizer o tal papelucho das condições que me deu... Aqui o tem. Em quanto ao que lhe devo, se V. m. não quizer esperar que eu lhe possa pagar, mande tomar conta do que eu tiver, e fica d'aqui já arrumada esta pendencia. . .

— Espere, homem, que ainda não chegaram as cousas a esse ponto. Eu quero fallar com a sua filha, e máo é se ella me não dá o sim. Uma cousa é ir, e outra mandar.

« Não faz nada, snr. Antonio, digo-lh'o eu. A rapariga não falla como nós, e tem lá na cabeça um palavriado da breca, que não sei onde ella o foi aprender. Dizia-me o meu cunhado doutor (Deus lhe falle n'alma), que a cabeça de Carlota era um vulcão. V. m. sabe o que é um vulcão? . . .

— *Vulcão*, pelos modos, é... é o mesmo que *balcão*... .

« Bem no digo eu ! *Vulcão* é uma cousa de lume que sahe debaixo da terra.

— Ah ! interrompeu o snr. Antonio abrindo a bocca como em testemunho da sua admiração — Já entendo... Quer dizer que ella tem grandes fumaças de ser bonita!.. Olha o milagre! bonita é, mas ha-as por ahi tão bonitas como ella, que toma-

ram que eu as quizesse. Em fim, eu sempre ta quero ir, dê no que der. Assim como assim, nada se perde. O que fôr soará. Apareça por aqui amanhã, sr. Norberto.

Affoitado por tão estúpida esperança, Antonio José da Silva teve a audacia de procurar Carlota Angela. Vai lêr-se o texto desta visita, porque foi ella uma das maiores affrontas que a desgraça fez á pobre menina. Todas as outras, confrontadas com esta, eram favores da fortuna.

O sr. Antonio ignorava a pratica dos conventos, no tocante a locutorios. Quando o introduziram, pela primeira vez de sua vida, em uma grade, o alapuzado môço achou-se affrontado com a visita dos ferros. Carlota appareceu com sua tia, meia hora depois que a esperavam. Esse espaço de tempo fôra necessario á freira para convencer a sobrinha de que não era civil nem bonito deixar de receber a visita, qualquer que fosse a intenção da pessoa que a visitava.

« Bons dias, minhas senhoras — disse Antonio, avançando e recuando, tres vezes, uma assaralho-pada cortezia — Não me conhecem ?

— Já soubemos que era o sr. Antonio José da Silva que procurava minha sobrinha — disse soror Rufina.

« Já sabem ao que vim, pelos modos.

— Ignoramos.

« Venho á troco do que se passou com o snr. Norberto.

— Parece impossivel! — accudiu Carlota — Eu creio que disse olaramente a meu pai o que é escuzado repetir ao snr. Silva.

« A menina ha de fazer favor de me ouvir um bocadinho, se não tem muito que fazer.

— Pois não! queira fallar — disse Rufina.

« Eu sympathiso com a snr.^a D. Carlotinha desde que a vi nas endoenças da Misericordia faz agora cinco annos. Já então me deu na venêta de a pedir ao snr. seu pai, mas rosnava-se por ahi que a menina não gostava de rapazes do negocio, e tinha lá suas tendencias para a farda. Metti a falla no bucho, e esperei até vêr no que paravam as cousas. Depois aconteceu em sua caza a desgraça d'aquelle grande roubo, o snr. Norberto ficou mal arranjado de fortuna, e eu, como o outro que diz, fiquei sendo o mesmo homem a respeito da menina. Fui pedil-a a seu pai em cazamento, e elle ficou a pular de contente, porque, a fallar-lhe a verdade, não é por me gabar, mas seu pai não indreita mais a cabeça se eu não cazar com a menina. Em primeiro lugar, rasgo as lettras que se venhem contra o snr. Norberto no mez que vem, depois empresto-lhe quazi sem juro o capital necessa-

rio para elle montar o negocio no pé em que estava antes da quebra ; depois, arremato a quinta do Candal em nome da snr.^a D. Carlotinha, porque já ouvi dizer que a menina gosta muito da aldèa, e eu tambem não desgosto porque lá còmo muito melhor, e as aguas são mais leves. Pois é verdade : eu venho para este fim. Agora veja lá a menina o que decide. Se quer ser minha esposa, tracto de arranjar os papeis, botam-se os banhos, e vamos a isto. Então que diz ?

— Já respondi a meu pai — disse, com mal disfarçada colera, Carlota Angela — Não me queixo do snr. por aqui vir com semelhante fim ; creio que meu pai, por delicadeza, lhe não diria sem rebuço a minha resposta. Eu não cazo com o snr. Silva, nem com alguém. Resolvi ser religiosa. O meu tempo de noviciado acabou. Estou esperando a licença regia para professar.

« Deixe-se de asneiras ! — atalhou Antonio José soltando um boçal froixo do riso que indignou Rufina e enojou Carlota — Pois a menina quer-se vir aqui metter n'esta espelunca, podendo ser rica e viver regaladamente como pouca gente ! Tenha juizo, creaturinha ! Isto de convento é bom para quem não tem, como o outro que diz, um marido que lhe dê tudo o que fôr necessário para o augmento da sua pessoa, e que a traga nas pontinhas. »

Carlota erguera-se para sahir. Rufina seguira o exemplo da sobrinha. Antonio José da Silva permanecêra refestelado na cadeira, até que se ergueu forçado pela silenciosa mesura das duas senhoras, exclamando :

« Então que diz ? !

— Minha sobrinha já respondeu ao snr. Antonio — disse a freira affavelmente.

« Com que então, nada feito? — redarguiu o lèrdo aspirante ao matrimonio, que, dez annos depois, lhe impeçonhou a existencia, segundo reza a chronica já citada, da qual entendemos que a leitora deve provêr-se, se a zanga que lhe faz o bronco mercador de pannos requer uma vingança superior ao delicto — Pois sabe que mais, snr.^a D. Carlota? — proseguiu, erguendo-se, com modos colericos, e brutalmente canhôtos — Eu entendo o que isso é, e bem sei porque a meoipa anda a fingir que quer ser freira p'ra dar tempo a que elle volte lá do Brazil.

— Elle! quem?! — exclamou Carlota com assomos de indignação, que o só olhar da tia soffreou.

« Faça-se de novas! pois não sabe quem?! o da marinha, aquelle que lhe cahiu lá no gôto porque trazia a cintura arrochada no fardalhão, que sabe Deus a quem elle o ficou devendo, quando foi para Lisboa... »

Carlota Angela sahio precipitadamente da grade ; Soror Rufina ficou para explicar ao sandeu a descortezia da sobrinha ; aconteceu , porém , que elle não se julgou affrontado pelo impeto da sahida .

— Snr. Antonio — disse a freira — V. m. está ahí fallando n'uma pessoa que morreu . Minha sobrinha não espera alguem .

« Eu não sabia que elle morreu ! Isso agora é outro caso . . . Acho que fiz uma asneira em lembrar-o á pobre môça ! Faça favor de lhe dizer que me desculpe . Ora olhem quem havia de dizer que o tal rapaz dera á casca lá no Brazil ? Pois eu cuidava que ella estava , como diz lá o outro , encantada por elle , como a doninha com o sapo . Ainda bem que ella lhe não cahiu nas mãos , porque pelos modos o homem era jacobino , e melhor foi assim , não lhe parece , senhora Madre ?

A freira não pôde deixar de sorrir ao titulo *Madre* que pela primeira vez lhe fôra dado .

— An ? — tornou elle — está-se a rir ? ! então que quer dizer lá essa risadita ? ! Isto parece-me caza de doudos , por mais que me digam .

« Não deve aqui voltar , sr. Antonio — replicou a freira com muita brandura e graça — porque seria pena que o seu juizo perigasse nesta caza de doudos .

— E olhe que a fallar a verdade já me lembrou isso , e essa cousa que a senhora Madre aca-

ba de propôr não me cabe em cesto roto. Isso leva agua no bico. A senhora Madre lá lhe parece que a sua sobrinha é capaz de me fazer dar volta ó mióto? Não tenha pena do rapaz que eu tambem a não tenho! (o snr. Antonio José da Silva tinha por esse tempo os seus quarentá annos). Quem chegou á idade adultera (emende *adultta*) sem dar com as ventas no sedeiro, tambem já não cabe na arriola de se apaixonar por quem lhe não sabe agradecer os affectos do seu peito; é como lhe digo, senhora Madre, e póde dizêl-o tal e qual á sua sobrinha, que não vá ella cuidar que eu perco a vontade de comer. De tolas como ella está cheio o Porto. Tomára eu boa vontade de cazár, que mulheres andam-se-me a metter pelos olhos com um palmo de cara soffrivel, e bons dotes. . . cuida que não, senhora freira!

«Cuido que sim, snr. Antonio — disse com a mais comica paciencia Soror Rufina — cuido que V. m. mercede uma menina de merecimentos muito superiores aos da minha pobre sobrinha. Se ella o não sabe avaliar ao justo, é porque está inclinada para a religião, onde nem todas as pessoas são doudas, snr Antonio. Vá V. m. na graça de Deus, escolha entre tantas meninas que se lhe offerecem a melhor, e seja muito feliz. As minhas obrigações não consentem que eu me demore.

— Sempre lhe quero dizer mais uma palavra, se está para isso, snr.^a Madre.

« Com tanto que seja breve. . .

— Olhe lá. . . A senhora quer fazer um contracto comigo ?

« Um contracto ! Nós as religiosas não podemos fazer contractos, nem supponho que genero de contracto possamos fazer.

— Eu lhe digo. Se a senhora fizer com que sua sobrinha queira cazar comigo, eu obrigo-me a dar á senhora cem mil reis cada anno em quanto a senhora Madre fôr viva. . .

« Em quanto eu fôr viva ? — atalhou a freira, sustendo com difficuldade o impeto do riso.

— Sim, sr.^a — tem cem mil reis em metal, pagos no principio do anno, em quanto a sr.^a fôr viva.

« Não aceito.

— Então quanto quer ? diga lá, que me pilha em boa maré !

« Se me dá os cem mil reis por mais alguns annos. . .

— Que é ? não entendo isso.

« V. m. diz que me dá cem mil reis annuaes ; mas tira a condição de m'os não dar logo que eu morra, não é assim !

— Podera não ! Dou-lh'os em quanto a snr.^a Madre fôr viva.

« Pois eu quero que m'os continue a pagar por mais alguns annos.

— A senhora por mais que me digam está a mangar comigo ! Então é douda ou não é ? ! E o caso é que ja pegou á moça a toleima. . .

Soror Rufina arquejava em gargalhadas indomitadas, quando o lórpa lhe dirigia os ultimos insultos.

Não podendo mais sustentar-se na grade, a freira deixou o mercador a resmungar, e lançou-se a rir nos braços de Carlota que a esperava, chorando.

Acabou-se o ignobil episodio de Antonio José da Silva.

Aos que não conhecem esta raça inextinguivel no Porto, aos que reputam desnatural a linguagem que o romancista sacou da lingua deste Antonio, emprazamos para que estudem, e observem, hoje, neste anno de 1858, já passado quasi meio seculo, os Antonios existentes, se é possivel encontrar-se um Antonio assim que não seja um lustre da nobreza coeva do gaz e do telegrapho electrico.



XVI.

Quem quizer saber quantos são ao todo os filhos de Adão, conte primeiro quantos são os afflictos e atribulados.

BERNARDES (*Nova Floresta.*)

A filha de Norberto de Meirelles esperava em vão que sua mãe com supplicas incessantes alcançasse do marido o dote para a profissão. O negociante poderia com algum sacrificio acceder ás instancias de D. Rozalia; mas a pertinacia de Carlota em rejeitar a proposta de Antonio José da Silva irritou-o de tal modo que não houve convencel-o a aceitar, a titulo de emprestimo, a dadia

do patrimonio que os pais da noviça Dorothea que-
riam dar á intima amiga de sua filha. Ia mais por
dianto a brutalidade do arroeiro, negando-lhe o
consentimento. Ora, contra esta tyrannia nova, en-
tre as tyrannias de pais cruezis e barbaros tutores,
como se diz nos romances não menos barbaros e
cruezis, contra esta nova tyrannia trabalhavam na
côrte pessoas empenhadas a favor da noviça por
intervenção de algumas freiras.

Obtida a licença regia, graças á pouca activi-
dade de Norberto, e talvez á diversão em que o
traziam os cuidados e afflicções de pagar as lettras
do sr. Antonio José da rua das Flôres, Carlota An-
gela soube que seria freira sem dote, freira do
prenda como se chamam as meninas que tocam ou
cantam, e dão a sua habilidade como equivalente
de patrimonio.

Foi um dia de jubilo no mosteiro de S. Bento
da Ave Maria o da chegada da licença. A profis-
são de Carlota era uma festa em que todas as frei-
ras tomavam parte. Os fartos meios, que lhes so-
bojavam, permittiam solemnisar com todas as ga-
las e magestade o acto augusto, que a noviça an-
ceava chorando de alegria, e esperando com susto,
como se temesse algum imprevisto obstaculo á sua
felicidade. Chegou o fausto dia.

Se entendem que não é impertinencia descrip-

*

tiva debuxar á pressa os pormenores da profissão de uma religiosa beneditina, acompanharemos Carlota Angela desde que a mestra, avisada pelo dobre do sino, a foi busear da casa do noviciado para o côro. A noviça ajoelhou aos pés da prelada, proferindo as palavras do rito, que são uma supplica de misericórdia a Deus e á abbadeça que a interroga ácerca do que pretende. Entre as mãos de Carlota estava a regra do patriarcha S. Bento, e nessa postura devota e humilhada profere os votos. A' grade do côro, onde se passa esta scena quasi silenciosa, chega um sacerdote com a cruz processional entre dous candelabros, e apoz elle os paramentados.

A noviça cantou com a voz tremida a carta da sua profissão. As ultimas palavras mais as disseréis gemidos desatados de uma suffocante angustia. Lida a carta, o sem melancolico do orgão parecia chorar com ella, cuja voz, em terceto com a da cantora, e da mestra de noviças entoou, tres vezes, o seguinte verso:

Suscipe, Domine, secundum eloquium tuum, et vivam, et non confundas me ab expectatione mea.

Carlota foi ajoelhar ante o altar da Virgem, e depôz no respaldo do altar a Carta da Profissão. O côro cantava, entretanto, um *Gloria* de tristissima toada.

D'aquí, foi ao meio do côro a professante, e ajoelhou sobre uma alcatifa entre quatro candelabros; ajoelharam todos, e entoaram uma ladainha, acompanhada a orgão, e instrumental.

As freiras assistentes ergueram nos braços a noviça, em quanto se cantava o *Veni creator Spiritus*, invocação de tanta religiosidade e compunção que as lagrimas saltaram a um tempo de todos os olhos.

Carlota foi prostrar-se diante da abbadeça, que a despiu, ao passo que a trança dos cabellos era deposta n'uma salva de prata. Cingiram-lhe depois a touca e o veo, que o celebrante aspergira e incensára, e ajoelharam com ella. « Recebe, donzella, o veo sagrado — disse a abbadeça impondo-lh'o na cabeça — para que chegues sem macula ao tribunal de Nosso Senhor Jesus Christo, ao qual se dobram os joelhos no ceo, na terra, e no inferno por toda a eternidade. » Sobre o hombro direito lhe collocaram em seguida umas disciplinas, acompanhando a acção com estas palavras: « Recebe, ó cara irmã, as armas da tua milicia. »

O celebrante entoou uma oração, durante a qual as lagrimas da professante manavam copiosamente sobre as mãos de Soror Rufina, que lhe amparava o rosto.

A prelada proferia as ultimas palavras da ben-

ção final, o órgão acompanhava o *Benedictio Dei Patris*, esse hymno de acção de graças que os anjos parecia sublimarem em accordes de celestial melodia, quando entrou na igreja um mancebo com tal impeto que se fez reparado ás pessoas por entre as quaes rompeu com precipitada vehemencia.

«Já professou? — perguntou o individuo machionalmente a um rosto conhecido que proferira o seu nome.

— Agora mesmo.

«Professa! — exclamou Francisco Sálter de Mendonça, correndo para as grades do côro — Professa! Tudo perdido, tudo perdido!

Encostado aos ferrões do côro, com a fronte habida de suor frio, e a luz dos olhos turvada, Francisco Sálter estava já amparado entre os braços das pessoas que o reconheceram.

Fez-se um grande reboliço na igreja. A multidão agglomerava-se em redor do official de marinha, sem pôder averiguar a cauza dos gemidos que se ouviam no côro.

Não eram de Carlota Angela esses gemidos. A infeliz dirieis que adivinhou a entrada de Sálter na igreja, porque, erguendo-se de repente, antes que a prelada pronunciasse as ultimas palavras da benção final, correu á grade, soltou um ai suffocado como se outro não pedesse já soltar do coração ex-

pirante, e caiu desmaiada nos braços de algumas freiras que lhe tinham seguido o movimento arrebatado.

Soror Carlota foi transportada á sua cella, sem sentidos. Francisco Sáller de Mendonça recobrou alento e razão quando se viu espectaculo de tanta gente, e pediu licença para sair.

A serenidade que de repente lhe assomou ao rosto cauzava novo espanto aos amigos ou conhecidos que se empenhavam em o levar d'alli. Entre esses havia um que tinha o segredo d'aquella grande desventura, e lhe pediu mui ençarecidamente que o acompanhasse para sua caza; Mendonça rejeitou com tranquilla urbanidade os offerecimentos, e parecia surdo ás consolações. O sorriso contrafeito, com que desmentia as lagrimas que lhe aguçavam os olhos, presagiava alguma grande desgraça. Um suicidio foi o receio das pessoas a quem o mysterioso acontecimento foi de boca em boca revelado.

Por fim, Mendonça desopprimido do concurso que o redeava ainda no adro da igreja, entrou no pateo do mosteiro, foi com sereno aspecto á portaria, e pediu á madre-porteira o favor de o annunciar á senhora religiosa que acabava de professar. Concorreram algumas freiras a ouvir este recado, e todas á uma balbuciarão não sabemos que

palavras de consolação religiosa que Francisco Sálter parecia não ouvir.

Immovel permanecia elle, esperando a apparição de Carlota, quando lhe indicaram a grade onde elle devia esperar que lhe fallssem.

— E' a sr^a D. Carlota Angela que eu procuro — disse elle com imperturbavel firmeza.

« Pois suba para a grade, que o estão lá esperando.

— Mas quem é que me espera, senhoras?

Alguem é . . . — responderam as freiras.

— Quem eu procuro, e com quem preciso fallar, é a senhora que professou ha pouco. Não conheço mais alguem nesta caza.

« Pois queira subir . . . — disse o padre capellão do mosteiro, que neste momento viera collocar-se ao pé de Francisco Sálter — Eu acompanho v. s^a á grade onde o esperam — continuou o padre, dando-lhe o braço, e guiando-o automaticamente para a grade, onde o estavam esperando.

Mendonça encontrou na grade uma freira desconhecida: era Soror Rufina.

— Creio que não lhe será desagradavel — disse ella — encontrar uma tia de Carlota.

« Quizera antes, minha senhora, encontrar sua sobrinha.

— E' impossivel ; minha sobrinha não dá accordo de si , nem dará tão cêdo. V. s.^a devia presumir isto mesmo , antes que lh'o dissessem.

« Porque, minha senhora ? !

— Porque minha pobre sobrinha o julgava morto, todas nós as amigas da infeliz o julgavamos como ella : eu mesma agradeço a Deus as forças que me dispensa para poder vir a esta grade rogar de mãos erguidas ao sr. Mendonça que não diga á desgraçada uma palavra que a póde matar ; não lhe lance em rosto a falta de palavra que seria affrontal-a e dar-lhe o ultimo impurrão para a sepultura.

« E disse eu já que vinha lançar em rosto a Carlota alguma falta ? Não venho, minha senhora, não. Eu vim a querer enxugar-lhe as lagrimas que a minha apparição lhe fez chorar.

— Carlota por ora não póde chorar, sr. Mendonça. Para tamanha dôr não ha tal desafogo por em quanto, e Deus sabe se alguma vez o haverá... Eu não conto já com a vida de minha sobrinha. Vamos ser neste convento testemunhas d'uma agonia muito attribulada. Deus lh'a dê curta, ou me leve a mim primeiro, por misericordia. Duas horas antes, sr. Mendonça, têt-a-hia talvez matado de alegria com a sua presença. Assim, matou-a, ha de matal-a de pena, de desespêro, de dôres infer-

naes que não hão-de obedecer aos confortos da religião.

« Que são confortos da religião?! — interrompeu Mendonça carregando o sobrolho com a turvação da blasfemia.

— Aterra-me essa pergunta, snr. Mendonça!

« Não se aterre, minha senhora: responda-me antes a uma outra pergunta: o Deus que ha de consolar Carlota é o mesmo que viu impassivel até este momento a minha desgraça e a d'ella?

— Altos juizos do Senhor! Por quem é não lhe falle essa linguagem á pobre Carlota! Ajude-a a supportar o peso da sua dôr, com os olhos postos no ceo. A impiedade não serve de nada, snr. Mendonça: A respiração da blasfemia traz para o interior do coração o fogo do desespero. Se a vir succumbida, dê-lhe animo para a paciencia, venha aqui todos os dias, dê-lhe a felicidade que a religião dos infelizes não condemna; seja amigo, seja o irmão extremoso da minha pobre sobrinha. Prometta-me isto que eu vou prevenil-a pouco e pouco, até que ella possa encaral-o com firmeza e confiança. So a acuzar de inconstante, snr. Mendonça, olho que a calumnía cruelmente. Ha de saber da bocca de Carlota que dois annos de martyrio ella tem amargurado neste convento.

« Sei, senhora.

— Que desenganos, que torturas, que repetidas luctas com a desesperação, e que ferventes súplicas ella fazia a Deus para que a levasse, desde que lhe deram como terta a sua morte.

« Tudo séi, minha senhora. Já vê que a não posso condemnar. Eu venho pedir-lhe consolações, venho aprender a paciência, venho pedir-lhe coragem para não tentar contra a minha vida.

— Peça, peça, e verá que a minha sancta sobrinha lhe ensina a consolação do soffrimento, o balsamo divino da paciencia, e o segredo de achar a alegria na vida que tão desgraçada lhe parece. Hoje não, snr. Mendonça; Carlota a esta hora precisa de que ti animem, se é que Deus não quer que este golpe seja o ultimo no debil fio da sua existencia. Eu vou para junto d'ella; parece-me que a estou ouvindo pronunciar o seu nome; e eu corro a dizer-lhe que encontrei no snr. Mendonça o irmão, o amigo carinhoso da nossa Carlota: Deixa-me dizer-lhe isto, snr. Mendonça?

« Diga, diga, que é preciso salvarmol-a, ainda mesmo que ella me não torne a vêr.

— Porque não ha de ella tornar a vê-lo?! Então quer que a infeliz morra atormentada? Tenha compaixão de nós, snr. Mendonça! Outra freira desta caza talvez lhe pedisse que não voltasse aqui mais. Eu, pelo contrario, lhe rogo que venha to

dos os dias, que seja testemunha de todas as lagrimas salvadoras que ella chorar, que lhe promettá uma affeição pura sem manchar a sanctidade das obrigações religiosas de Carlota. Pois a amizade immaculada não é o reflexo do amor divino? O Altissimo não condemna o coração de minha sobrinha, cheio de um amor que ha de entrar com a alma na bemaventurança. Eu tenho presenciado n'esta caza affeições de muitos annos, de longas vidas dedicadas ao amor do coração, sem contudo macularem a religiosidade dos deveres. Todo o mundo tem obrigação de respeitar o amor de minha sobrinha ao homem que ella chorou dois annos, e chorava ainda no instante em que elle lhe appareceu. Venha, sr. Mendonça, venha aqui todos os dias, e verá como o tempo amacia os espinhos que o mortificam. Ha de chegar a esquecer-se das dôres que soffre neste momento, e a sentir as alegrias de uma amizade sancta e pura.

O dialogo foi cortado por uma pressurosa chamada a Soror Rufina. Carlota recuperando os sentidos, chamava Francisco Salter de Mendonça, e forcejava por evadir-se dos braços que a sustinham. Algumas religiosas estavam passadas de religioso terror, vendo-a, ainda vestida com os hábitos da profissão, invocar tão afflicta e descomposta o nome profano de um homem que, no entender das

servas de Deus, devia considerar-se de direito morto, quando o não estivesse de facto. Algumas escrupulisaram de assistirem ao debate da professa nos braços das mais novas, e congregaram-se na cella da escrivã para decidirem que o demonio entrára no corpo de Carlota. O voto da mais authorizada era que se chamasse o capellão para exorcismar a energumena. Outra acrescentava que, no caso infauso de contumacia diabolica, seria util e piedoso dar parte do successo ao bispo para que este obrigasse Francisco Salter a sahir do Porto, como perturbador d'aquella casa.

Entretanto, Soror Rufina, chamada da grade, onde deixára Mendonça esperando saber o estado de Carlota, pedira ás amigas menos escrupulosas de sua sobrinha que a deixassem só com ella.

— Francisco deseja vêr-te — disse Rufina — Logo que tenhas força e vontade irás vêr o que é um amigo do coração, um anjo de paz que Deus te envia assegurando-te que a felicidade do espirito não destroc a felicidade do claustro, que a esposa do Senhor pôde ser a irmã extremosa do homem a quem amou.

Carlota cravava os seus grandes olhos no rosto risonho da tia, como se não comprehendesse. A freira continuou:

— Esperavas que Mendonça te viesse lançar em

rosto a tua impersistencia, minha filha? Não, Carlota. Mendonça sabe tudo. Diz que vem procurar as tuas consolações, a fim de não tentar contra a propria vida. Vês tu, menina, que sublimé encargo. Deus te confia no momento em que as tuas angustias tocam o extremo? Tens de amparar a vida do nobre moço, dê-lhe dares consolações...

— «Eu, meu Deus! eu consolal-o!» — exclamou Carlota, arrancando impetuosamente o véo — Ha uma só consolação possível para nós. Annullém-me os votos que fiz. Não posso ser freira, não quero ser freira. Deus sabe que fui traçoada, que professei porque me mentiram, e eu não mintó a Deus. Minha querida tia, eu sou agora mais desgraçada que nunca. Morro impenitente, se me não dizem que é possível annullar um juramento falso que me obrigaram-a dar.

— Carlota! tu não comprehendes a felicidade neste mundo sem o crime?

— «Crime! qual foi o meu crime? que fiz eu para merecer este castigo? Onde está Deus que me não amparou antes deste desgraçado passo que dei hoje, e me não mata agora, se não posso remedial-o?»

A. — Isso é uma blasfemia, filha! o demoniô da tentação não quer deixar-te gozar as alegrias puras que Deus te permite.

« Alegrias, minha tia ! Pois cuida que se engana assim a afflicção ? ! Alegrias para mim, que estou condemnada a um carcere perpetuo , que hei de vêr sempre entre mim e o esposo da minha alma uma barreira de ferro, que nem posso sequer esperar que elle venha recolher o meu ultimo suspiro ? ! Vêl-o todos os dias. . . oh ! esse é o mais horrivel de quantos padcimentos podia antever a minha imaginação ! Antes acabar no desespêro, sem vêl-o ! Antes morrer aqui abafada sem que elle seja a desgraçada testemunha das minhas agonias ! Que hei de eu dizer-lhe, ou que ha de elle dizer-me a mim ? Se elle me pedir contas dos meus juramentos, se me lançar no rosto a minha falta de fé, se me perguntar como pude eu sobreviver á certeza de que elle tinha morrido, que hoide eu responder ?

— Diz-lhe que vestiste o habito de eterna viuvez, que escolheste a vida mais pura para que as orações por alma d'elle fossem mais gratas ao Senhor. Diz-lhe antes que escolheste o mais longo paroxismo d'uma morte atribulada; que podeste acreditar que elle violára o seu juramento; conta-lhe tudo quanto a traição inventou em teu damno; diz-lhe que ainda convencida de que elle morrerá, depois de atraiçoar-te, lhe perdoaste, e cahiste de joelhos aos pés da cruz pedindo á misericórdia infinita que lhe perdoasse o perjurio. Que mulher hou-

ve neste mundo tão forte da sua innocencia como tu para poder apresentar-se com o rosto immaculado na presença do homem que lhe vem pedir contas? Qual é o teu crime, infeliz? Não te disseram a ti que Francisco esposára outra mulher no Rio de Janeiro? Não te affirmaram que elle morrêra depois? O silencio de dous annos não estava sempre confirmando o cruel desengano das tuas esperanças? Quem te ha de accuzar, Carlota?

« Ille, minha tia. Eu tinha obrigação de não acreditar a calumnia! Eu fui mais vil e miseravel que os infames que urdiram a minha desgraça! Não tenho avimo de lhe apparecer, não sei como possa defender-se a minha fraqueza, nem quero defender-me porque sou eu a que me accuso de indigna do perdão deste homem que eu fiz tão infeliz... Ha um só remedio, minha tia... Se m'o não dão, nem quero mais vê-lo, nem prometto respeitar a religião que nos manda supportar com paciencia o peso da vida... e que vida, meu Deus!.. que vida de inferno me seria esta, se eu não pudesse arrancar do coração esta braza viva que me está atormentando!

. — Pois que queres tu, Carlota! Valha-me a Virgem Sanetissima! que se te ha de fazer, infeliz creatura?

. « Annullem-me os votos, deixem-me ir lançar

aos pés de quem póde restituir-me á minha liberdade. Não posso ser freira, declaro bem alto para que todos me ouçam nesta caza, e me desculpem do mal que eu fizer ; não posso ser freira, sem dar grandes escandalos, sem insultar a virtude das pessoas que me rodeiam, sem amaldiçoar a hora em que professei, e a religião que me maada morrer sem desabafo.

— Carlota ! pelo amor de Deus ! — exclamou Soror Rufina, tapando-lhe a bocca, e abraçando-a com convulsivo terror. Teme o castigo do ceo, minha filha. Arrepende-te dessas blasfemias, e Deus não permittirá que tu comeces a expial-as neste mundo com a deshonra . . . Tu não sabes o que disseste, Carlota. Foi a desesperação que a fez assim fallar, minha Mãi Sanctissima ; não consintais que ella seja castigada ! Alcançai do vosso Filho um bocadinho de refrigerio para esta desgraçada que a dôr enlouqueceu.

A freira continuou uma súplica assim afflictiva diante da imagem da Mãi de Deus. Carlota Angela crrêra impetuosamente para o mais escuro da caza, e lá prorompêra, sosinha, em prantos, que não eram de contricção, nem se quer de desafogo á sua grande angustia. Apertavam-na ainda os phrenesis da desesperação enraivecida e impia. Rebatia com gestos furiosos as timidas consolações da tia e

da meiga Dorothea, cujas palavras mais suavemente lhe deviam fallar ao coração, se a quasi demencia a não livesse assaltado com vertigens de quarto em quarto de hora.

Francisco Sáller recebeu, ainda na grado, a triste informação do estado de Carlota. Perguntou elle a Soror Rufina, se teria duvida em entregar-lhe uma carta. A freira hesitou em quanto Mendonça lhe não disse que a carta seria um linitivo para Carlota, e talvez um balsamo de completa cura.

Qual dêva ser a efficacia desse balsamo inferese da carta que se copia textualmente no capitulo immediato.



XVII.

Dans le monde tout est confondu. Les juges ne sont plus que des bourreaux, qui offrent des victimes humaines à ce Dieu mensonger qu'on appelle le Droit et la Justice. L'homme sans foi devient un sage et le sage une dupe. Le héros qui donne sa vie pour la vérité n'est qu'un malheureux fou, qui s'est sacrifié pour une chimère. Qu'il meure désespéré sur les pavés sanglants, objet de l'indifférence de Dieu et de la raillerie des hommes!

JULES SIMON (*Le Devoir*)

« **C**ARLÔTA.

« O destino esmaga-nos, se succumbirmos. Coragem, intrepidez de desesperados, é a nossa salvação.. A sociedade poz-nos um pé sobre o peito: o coração geme nas agonias da morte violenta; mas não morrerá. Affrontemos os assassinos. Vamos direitos ao encontro da infamia. A nossa vingança é viver. A nossa vingança é enxugar as lagrimas, e suffocar os gemidos. A nossa vingança é fazer a so-

*

cidade responsavel perante a sua propria consciencia do crime que ella propria ha de condemnar, depois que nos queimou na alma o germen da virtude.

«E's freira, Carlota Angela. Forçaram-te a violar a palavra jurada cujo cumprimento vinha pedir. Disseram-te que eu te atraçoara e morrerá. Tinhas obrigação de defender a minha honra, em quanto eu não viesse da sepultura pedir-te perdão da perfidia. Não te condemno, nem se quer me queixo. Entre a perversidade dos que te rodearam e a tua innocencia, a lucta era desigual. Fraqueaste, porque a desgraça exigia que eu bebesse o ultimo trago do meu calix. Eu não podia deixar de ser infeliz até á extrema deste inferno. Aqui deve ser o termo final da minha condemnação. Não se pode ir mais alem. Suicidar-me seria desmentir a fortaleza com que tenho arrostado a desventura até hoje. Chorar contigo, devorar em silencio um dia e outro dia, na escuridade da desesperação, o resto de duas vidas tão miseraveis como as nossas, seria escolher a peor das mortes, o paroxismo prolongado, sem desafogo nas crencas, sem refugio na esperanca d'outro mundo.

«Não creio, nem espero nada alem desta vida, Carlota.

«Se te sentes arrebatada para a grandeza do

ôreador, repará na miseria das creaturas. D'este asqueroso lamaçal de sangue e lagrimas para onde nos empurrou a mão humana, como queres tu que o espirito possa levantar-se para Deus?! Não ha justiça na terra, nem providencia no ceo. O summo bem é um sonho dos corações opprimidos, quando a oppressão não estala os ullimos filamentos da fé, quando a angustia não é tamanha que cerre todos os respiradoiros da alma. Se ha Deus, a sua inercia, á vista das atrocidades que soffremos, é igual á indifferença, á impotencia, ao nada. Nas minhas e nas tuas dores, a justiça eterna permaneceu insensivel como se teuisse ou approvasse a infamia dos homens.

« Não baixou do ceo um anjo que te dissesse :

« Aquelle que te ama , vive em torturas, arcou já triumphante com a morte, esmagará por fim o preconceito da honra, e virá buscar-te. Não dês a Deus um coração que não pódes dar. Não jures ante o altar um voto que implica a morte do homem que a estas horas , sobre o mar, me está pedindo que te dê forças para o soffrimento , que te illumine com um clarão de esperança, que te povde os sonhos com a imagem d'elle. »

« Fallou-te assim um anjo , Carlota. Não ? Em redor de ti estava o terror do desconforto , o silencio da desesperação , o desamparo, e as piedo-

sas lamentações de algumas almas boas que te mostravam o ceo, porque a vida se te havia convertido em inferno.

« Eu gemi n'um carcere longos mezes. Visitou-me a fome, a sêde, o phrenesi da loucura, o terrivel *nunca mais*, essas duas palavras malditas que encerram todo o fel das amarguras humanas. E, no tumultuar de tantas penas injustas, nunca a justiça divina me disse que esperasse o dia do resgate, a corôa do martyrio immerecido, a vista da mulher chorada que me vinha consolar nos instantes do lethargo, e fazer suave a pedra em que eu encostava a cabeça abrasada. Nunca. Gemi no desamparo, como o malfetor repulsivo, que a sociedade lançou de si maldito, e maldito de Deus nem se quer podia esperar a purificação do remorso.

« Que mal fizeras tu, pobre mulher? Porque te mortificaram os homens, e como consentiu um Deus justiceiro o tormento que te deram?

« Que mal fizera eu, homem de consciencia pura, que passei os annos da minha mocidade estudando os raros exemplos de virtude que me encantavam o coração?

« Padecemos porque fomos escravos da honra, Carlota Angela.

« Se eu passasse por cima dos respeitos humanos, terias sido minha amante, serias hoje minha esposa,

« a sociedade apontar-nos-hia como modelo de amor fiel e devotado a todos os sacrificios. Faltou a culpa para que a fortuna nos não ludibriasse. Era necessario o crime para sermos hoje felizes. A virtude o que é?

« A minha honra reduziu-me a isto que sou. Sacrifiquei-te aos deveres que a minha probidade me impunha, e fiz-te a desgraçada que hoje és.

« Quero salvar-te, Carlota, e quero que me salves.

« Aparece-me, filha da minha alma; vem ouvir-me, porque a nossa época de felicidade começa hoje. Não ha para nós neste mundo mais que nós mesmos. Tudo que se oppozer ao destino que vamos seguir, é mentira, é perfidia, é uma nova traição que te armam, Carlota.

« Sorri á esperanza, martyr! Irradie em volta de ti o sol de esperanza que me está abrilhantando o futuro. O coração delira-me de alegria no peito, onde não cabe. Agora conheço que me pertences, que te não perdi, que és mais minha por um direito de torturas que valem mais que todos os juramentos. Sacode as algemas que a hypocrisia te encadeou nos pulsos. Deixa voar o coração, que um voto sacrilego ou impostor te asselou ao nada de uma esperanza estúpida ou fementida. E's livre, Carlota. A tua alma não podia obedecer ás suggestões de malvados, porque era minha.

« Agora te digo que venho a pedir contas do teu juramento.

« Carlota Angela, estou aqui! Pertences-me. »

A freira acabava de lêr esta carta, e corrêra á grade onde a esperava Mendonça.

Não dizem os nossos apontamentos o que se passou na grade. Se escrevessemos de imaginação, dava-se aqui um dialogo plangente, travado de exclamações, umas de expansão maviosa, outras de phrenesi insano. O mais natural, na situação dos dois infelizes, é chorarem longo tempo silenciosos. Devia a sua dôr ser uma das que suffocam e entalam na garganta o gemido. A desesperação mataria n'elles o jubilo de se verem: a freira não poderia dizer a Mendonça: « sou tua » N'aquellas grades, duras e inflexiveis como o « cumpra-se » terrivel do destino, estava escripto o IMPOSSIVEL. Estalal-as, espedaçal-as só a mão sacrilega do crime poderia. Carlota ha de rasgar o véo, ha de calcar o habito, ha de passar por cima da sua virtude, da sua religião, do seu esposo celestial, se quizer dizer a Mendonça: « sou tua »

Devia, pois, ser melancolico além do exprimivel o que ahí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgal o pelas consequencias, que se vão deseréver, com um certo pezar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se

não todos, ao menos aquelles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ella implica offensa ao Senhor do ceo.

Se as calamidades que promanarem desse encontro forem das que matam os agentes da sua propria desgraça, e, ao mesmo tempo, escandalisam a moral, a quem ha de a moral condemnar? em que ponto desta escabrosa senda da vida quereis que se levante o signal de aviso para acautelar os ignorantes do abysmo que as flores escondem?

Não sabemos, não n'o saberã os que tẽem a experiencia das quedas, e vão cahindo sempre no golphão para onde os allicia com blandicias uma attracção satanica. Estamos fartos até ao tedio de ouvir dizer que o homem é bom, que o homem é máo. O homem não é bom nem máo de seu natural: é aquillo que o fazem ser; é o que realmente deve ser neste mundo, segundo a organização deste mundo, organização viciosa, aleijada, falsa, peccaminosa, quer o defeito começasse no paraizo terreal, quer nos multiplicados infernos que as idades se foram inventando atravez das civilisações.

O leitor tem o juizo necessario para se não dar á cauceira de interpretar essas linhas assim eom assomos de dogmaticas. Este romance pecca por acaso em divagações philosophicas, e n'isso está cifrado o merito não vulgar de um livro que sus-

tenta o caracter singello e lhano desde a primeira pagina, para que aos mais myopes se não esconda a luz debaixo do alqueire.

Reparou Soror Rufina em sua sobrinha, na volta da grade; achou-a serena de mais, risonha até, um lampejo de alegria interior que lhe reaccendia nos olhos a luz que as lagrimas haviam apagado. A velha freira, já apalpada por infortunios de amor, não conjecturou d'aquella inesperada alegria tão innocentemente como Carlota cuidava. O temor que a sobresaltou presagiava a verdade, mas tão desgraçada era a verdade, que a freira antes quiz desmentir o proprio presentimento que interrogar a sobrinha innocente talvez.

« Como vens alegre, Carlota! — disse ella.

— Fiquei mais desopprimida, minha tia; o muito chorar faz bem... estou muito melhor, e agora espero vencer o infortunio.

« Com que armas, filha?

— Com que armas?... Com as da resignação... A maldade, a guerra que o mundo faz a fracas mulheres como eu, só com a paciencia se sustenta.

« E Mendonça aconselhou-te a resignação? — disse a freira com suspeito intento.

— Elle? tomára o infeliz quem lhe ensinasse o remedio das suas afflicções... Nenhum de nós é

forte; somos ambos por igual desgraçados e fracos para lutar com as perfídias que nos fazem, ou que nos fizeram. O remedio unico é gemer até á morte, dar á sociedade o regalo de nos esmagar, soffrer-lhe na garganta o pé com evangelica submissão. Entende-o assim, minha tia?

« Que modo de perguntar é esse, Carlota?! Eu estranho-te. . .

— Estranha-me! ? Pois queria que eu voltasse da grade mais afflicta do que fui ?

« Não; esperava que as tuas palavras fossem mais sinceras, filha.

— Pois não são?!

« Ha ironia nesse elogio que fazes á tua paciencia. O coração de uma mulher não é assim. Concilias-te muito depressa com o sacrificio. A virtude não se alcança assim tão rapida, e essa paciencia que te impões é a virtude suprema. Não, Carlota, não.

« Tu. . . Tremo dizer-t'o. . .

— Diga, minha tia.

« Tu, filha, meditas um desatino.

— Um desatino! . . .

« Sim, Carlota; tu intentas fugir do convento!
— disse a freira com pavor.

— Não, tia. . . — balbuciou a tremula religiosa, mudando subitamente do semblante sereno para

os gestos alvoroçados da surpresa, do medo, reflexivos da agitação interior que fizera nella o ar assombrado da tia.

« Não balbucies, desgraçada. O teu rosto está confessando o desvario do coração. Diz com animo, filha, confia á tua amiga essa resolução funesta, que não executarás, sem que as minhas lagrimas te demovam de tal desgraça. Oh! não faças tal, infeliz, que te deshonras para o mundo, e te perdes para Deus.

— Minha tia! — exclamou Carlota, abraçando-a, e soluçando palavras inarticuladas.

« E' pois certo? — tornou a freira.

— E' certo, minha tia, é certo que ou Deus me mata, ou eu fujo.

« Jezus! Maria Santissima! Que dizes, Carlota!

— Não posso desdizer-me, minha querida tia. Eu sou do homem que amo. Não vejo nada neste mundo senão elle, e as suas lagrimas. Mas as suas lagrimas são-me menos preciosas que a vida de Francisco. Soffreu muito o meu desgraçado amigo, soffreu muito; é preciso que eu o indemnise com a minha reputação, com a minha vida, com os soffrimentos de todas as pessoas que me estimam. Eu hei de ser menos infeliz, e elle será feliz quanto se pede ser. . .

« A' custa d'um crime ... Carlota !

— D'um crime que é o resultado de muitas infamias urdidas contra a nossa felicidade. E' um crime só o nosso, um só ; Deus perdôa, e, se não perdôa, acceito o inferno, se ha inferno, acceito...

« Calla-te, desgraçada, que insultas a religião ; calla-te ahi que enlouqueceste, Carlota, e Deus bem sabe que a tua rasão destaria !

— Não, minha tia. Eu sinto-me no meu perfeito juiso : a desesperação enlouquecia-me d'antes algumas vezes ; mas a esperança restituiu-me hoje o vigor da minha antiga rasão ; com a differença que d'antes assustal-a-hiam os juisos do mundo que a subornavam, e hoje a minha rasão vê tudo como tudo é, sente-se livre, e capaz de destruir todos os obstaculos que uma falsa piedade me pozer.

« Mas tu não és já senhora das tuas acções, Carlota ! — bradou a tia com azedume.

— Sou. Emancipou-me o infortunio. Se me cortarem todos os meios da fuga, resta-me o recurso do suicidio ; apparecerei morta no pateo do convento.

Soror Rufina ficou tranzida. Carlota contemplou-a com pezar n'aquelle quietismo terrivel. Estava a pobre senhora com a face apoiada sobre os joelhos, e as mãos erguidas. A filha de Norberto quiz divertil-a da lethargia ; mas a gélida face da

Freira parecia de pedra, apenas as lagrimas borbulhavam incessantes nas mãos da sobrinha.

Ao lado, porem, da consternada anciã estava a imagem de Francisco Salter. Carlota queria consolar promettendo o impossivel; mas o coração recuzava-se á mentira.

A freira benedictina promettêra fugir n'aquelle dia. Se não soubera esconder a tenção, tambem não seria capaz de revogal-a, ou differil-a para mais tarde.



XVIII.

Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos.

JESUS CHRISTO.

SOROR Rufina comprehendeu mal a exaltação de Carlota. No conceito da ingenua religiosa, sua sobrinha, posto que tentada pelo espirito das trevas a dar um passo de desesperada, um passo do altar para o abismo, do limbo de esperanças celestias para o inferno das eternas dores, não chegaria a deixar-se vencer, cahiria contricta aos pés da cruz antes de infamar-se e infamar o mosteiro com a fuga.

Carlota, por sua parte, não desmentia a conjectura da freira, por isso que, por espaço de dois dias, esteve reclusa na sua cella, orando e chorando, quasi sempre sosinha, porque tanto a Cicilia

como a Rufina pedia que a deixassem desafogar a sua angustia a sós com a imagem do Senhor, sua consolação extrema e unica.

Não podêmos, porem, asseverar que as lagrimas e orações fossem o constante exercicio da freira benedictina. Duas ou tres cartas, que Francisco Salter de Mendonça recebeu, foram decerto escriptas em intervallos pouco edificantes desses dois dias, se devemos, do que aconteceu ao terceiro dia, avaliar o contheudo d'ellas.

A's tres horas da madrugada desse terceiro dia, que era o setimo do mez de Setembro de 1811, Francisco Salter de Mendonça estava já desde a meia noute, encostado ao muro da cêrca do mosteiro, n'aquelle angulo que confina com a ultima coza da rua do Loureiro, hoje bem conhecida pela « Estalagem do cantinho. » Não averiguamos como elle conseguiu do locatario dessa caza, que devia ser um sujeito de mãos costumes, licença para engatinhar atravez do telhado, até alcançar o muro na parte onde e facil o salto para a cêrca.

Ao dar das tres horas no campanario do mosteiro, branquejou rente com o angulo do muro que fórma a especie de fortim de ameias sobranceira á « porta de Carros » um vulto que desceu ao pomar, e ahi se sumiu por alguns minutos á vista do anciado Francisco Salter.

Era Carlota Angela, a professa beneditina, que fugira o thalamo do divino esposo, e a cada passo que dava comprimia no peito o coração que o phantasma do seu crime apavorava. Os minutos que se demorou no pomar, cerrado por cuja copa o clarão da lua, já desmaiado pelos alvôres matutinos, se coava, traçando sombras móvedicças, foram uma demora cauzada por uma syncope.

Francisco Salter, suspeitando isto mesmo, ou receando o arrependimento, saltou o muro, deixando içada a escada de corda por onde Carlota devia subir, e foi direito ao pomar. A freira soltou um grito de terror quando viu ao pé de si um vulto. Salter proferiu o nome d'ella com amorosa angustia.

Mendonça tremia.

Não ha coragem de homem que vença a commoção destes lances. O silencio religioso que reinava alli; os trajos da religiosa, ainda os mesmos com que horas antes assistira á sua ultima oração em communidade, excepto a touca e o escapulario; esse intimo abalo com que a Providencia se denuncia nos corações mais endurecidos pela negação da falsa consciencia do irreligioso; e, sobre tudo, a lucta de todos esses sentimentos com a paixão imperiosa, e o plano irrevogavel desses dois infelizes, fora, talvez, a causa do quebranto, e

quasi desfallecimento de espirito em que ficou Mendonça ao apertar nos braços, pela primeira vez, Carlota Angela.

— Não posso! exclamou ella — não posso dar um passo... Começo a sentir o castigo do céu... Receio morrer aqui...

« Não morrerás, Carlota... — accudiu Mendonça apertando-a ao seio com vehemente ternura misturada de supersticioso sobresalto — Deus só castiga o erime das que abjuram os votos que faz o coração. Vem, Carlota, mais alguns passos, pouco nos falta já, d'aqui a momentos verás fugir esse terror, que me está opprimindo tambem a mim.

Vem, amiga da minha alma...

— Não posso, Francisco... não posso... — tornou ella, soluçando, pendurando-se-lhe dos hombros com afflictivo modo, e olhando em redor com a vista assombrada de visões medonhas — Vai tu, que eu torno para o meu supplicio... Vai, meu amigo, que não pode haver felicidade sem Deus. Não queiras ser cumplice do meu crime, porque o has-de expiar comigo. O melhor, na minha desgraça, é morrer, Francisco; morrer martyr, morrer digna de pedir ao Senhor por ti...

Francisco Salter balbuciava apenas monosyllabos. As palayras da freira calaram-lhe n'alma um spasma attribulado. Carlota sentia-o tremer, tre-

mer, como ella, ou mais ainda : o seu terror augmentava, com o silencio de Mendonça, com aquella especie de assentimento que elle dava aos presagios d'ella.

Por um momento se affigurou ao amante da religiosa que a desgraça era inevitavel. Calára-se o coração. Era o espirito religioso que subpujava o animo robusto do capitão de marinha. Tinham-no, talvez, debilitado os infortunios. Fizera-o, talvez, supersticioso a desgraça, se não quereis que possa chamar-se influxo providencial este mêdo. Porque não dizemos antes que a desgraça o fizera crente? Porque não estaria entre ambos o anjo do Senhor, o anjo custodio que pedira ao Altissimo um raio da sua divina graça com que alumiar, a dois corações que se despenhavam, a profundeza do abysmo ?

Carlota parecia banhada desse raio celestial, quando se lançou aos pés de Mendonça de mãos erguidas, orando, póde dizer-se, orando assim :

« Não me leves d'aqui, meu amigo. Não me queiras fóra do amparo divino que me deu esperanças de te encontrar no ceu. Guardemos para lá os nossos amores felizes, amores bemaventurados por uma eternidade. Temos merecido tanto com os nossos martyrios, Francisco... deviamos de ser tão caros á piedade de Deus... não sejamos agora

*

indignos da sua misericórdia, e crueis para com-nosco... A minha vida será curta no convento, e fóra do convento. Deixa-me morrer aqui; serás menos infeliz. Eu não me importa a deshonra do mundo: a infamação não poderia matar-me; mas, lá fora, espera-me uma dor maior que todas, a do remorso, a da contricção impossível sem a emenda.»

Carlota proseguiu soluçando no seio do amante palavras inarticuladas, ás quaes responderam por fim as lagrimas copiosas de Mendonça, as primeiras que elle chorava doces e suavissimas, quaes se o senhor lh'as desse como prelibação a-prazível das alegrias que sua alma teria em galardão do sacrificio.

Era já quasi dia claro, quando a freira benedictina, encostada ao braço de Mendonça, foi sentar-se no degrau da porta por onde uma hora antes sahira com a resolução de não mais entrar. Ahi, desse abraço derradeiro que se deram, silenciosos, arquejantes, convulsivos, não saberemos dizer qual fosse a infinita angustia.

E' certo que Francisco Salter, ao desapertal-a-dos braços estremecidos em que ella proferira n'um gemido o ultimo adeus, cruzou os braços e disse:

«Vai, Carlota, que eu não posso disputar-te a Deus. Vai, filha da minha alma, que eu alimentei

com lagrimas, que eu mereci a preço dos tormentos que nenhum homem supportou, para finalmente te ceder a um phantasma que me diz que não podes ser minha.

« Recorda-te... olha para mim, Carlota, e assombra-te da grandeza da minha angustia, e da minha paciencia. O homem que tanto padeceu para merecer-te, vai sem ti, procurar a morte do corpo onde Deus quer que ella o espere, depois da morte da alma, do assassinio lento d'um coração que se feria salvado se ha tres annos te arrancasse aos braços de teu pai. Fui demasiadamente honrado para este mundo e para esta sociedade. Não quiz respirar este ar corrompido em que vivem os felizes... devia morrer. Per fim, devias ser tu a que me apontasses o teu remorso como estorvo a pertences-me. Fica, minha amiga, com a tranquillidade do teu espirito. Por ti soffri muito; mas não era o teu soffrimento o premio que eu vinha pedir-te agora. Quiz dar-te a felicidade, e cuide que l'a dava. Quiz levar-te comigo aos pés do representante do Eterno na terra, para lhe supplicarmos que houvesse de Deus perdão para ti, que não poderas ser o que a desgraça te aconselhára que fosses. Diz-te o coração que o teu crime não pode ter reparação: é Deus que t'o segreda, Carlota, e eu não ousou argumentar contra as inspira-

ções que te baixam do ceo. Vai, pois, esposa de Christo, vai para o teu sanctuario, e chora-me ahí, chora-me em quanto eu viver; depois, ora por mim, porque a minha alma só as tuas orações podem purificar-a, e erguê-la á presença do divino juiz. Adeus, Carlota. »

A freira, do limiar da porta, estendêra ainda os braços para Mendonça, exclamando :

— Vem cá, Francisco, vem cá... escuta-me, por piedade !

« Carlota ! Carlota ! »

Disse uma voz que os fizera estremecer a ambos. Era Soror Rufina, que surgira no angulo do muro, entre as ameias que cercam o terraço por onde a freira conseguira evadir-se.

Francisco Salter de Mendonça, admiravel de dignidade, retrocedeu, approximou-se de Rufina, baixou ligeiramente a cabeça, e tomando Carlota pela mão, disse :

« Deus sabe que ella é cada vez mais digna d' elle. Assista com piedade ás agonias deste anjo. Sua sobrinha, senhora, veio aqui buscar a coragem para a morte, e ensinar-me a morrer com honra. A vida honrada já ella m'a tinha ensinado : faltava-me a morte, que devia ser de desesperança impia se esta santa me ensinasse o segredo de expirar abençoando a desgraça »

Foram as ultimas palavras de Salter, palavras que a joven freira já não ouvira, porque os braços de sua tia lhe estavam sendo amparo na perda dos sentidos.



IX.

As religiões no meio do seculo, são como as ilhas no meio do mar, que ás vezes por invasões do mesmo mar se vão comendo, e socobrando, e padecem suas injurias da visinhança deste poderoso adversario. Mas se nas ilhas ha tempestades, que será no coração dos mares? Oh! alegrem-se as ilhas, e multipliquem-se! que ainda com a communicacão tão visinha dos mares, estão muito mais firmes e seguras que elles.

P. MANOEL BERNARDES (*Floresta.*)

DECORRERAM alguns mezes, tres seriam, depois do terrivel combate d'aquellas duas grandes almas consigo mesmas.

Os succedimentos deste lapso de tempo chegaram ao meu conhecimento contados de diversas maneiras.

Dizem informações do mosteiro que a religiosa Carlota Angela, recobrando o vigor que o susto religioso lhe quebrantára, tentou de novo evadir-se, n'um impeto de delirio, pela porta de serventia dos carros que abre para o largo de S. Bento: tentação diabolica de que a energumena pôde salvar-se por intercessão do patriarcha, o qual nesse mo-

mento lhe impeceu a fuga com o baculo que a ce-
gou com sua vivida refulgencia. Isto, pelos modos,
não está bem averiguado, nem canonicamente se
incampa, como milagre á credence dos leitores.

Outras informações mais racionaes dizem que
Francisco Salter de Mendonça fôra, no decurso des-
ses tres mezes, com pontualidade quotidiana ao
mosteiro, onde passava horas e horas na grade,
com Carlota Angela, e com sua tia, algumas vezes.

A tradição, porém, mais corrente, e susten-
tada por pessoas coevas de grande authoridade, é
que Francisco Salter não voltára ao convento de-
pois d'aquella noite da fuga malograda, se não an-
no e meio mais tarde, já vestido com o habito da
ordem benedictina.

Foi-me, por tanto, necessario pedir informações
a um conventual de Fr. Francisco da Soledade,
que assim se chamou na religião o capitão de ma-
rinha. Queria eu que me contassem qual foi o
viver desse desventurado no mosteiro; que as-
sombrosas pelejas se deram n'aquelle seio, antes
que o habito o amortalhasse; quantas vezes a luz
da graça divina allumiou o coração blasphemo do no-
viço; quantas vezes a mão glacial da morte lhe es-
friou na fronte os estos afogueados da desesperação.

Collecionei das vagas lembranças do egresso
que fôra seu companheiro de noviciado em Tibães,

as seguintes miudezas, que apenas satisfizeram a minha curiosidade :

Francisco Sálter apparecêra na manhã do dia seguinte áquella noite do anterior capitulo, no mosteiro de S. Bento da Victoria pedindo ao dom abade que o admittisse a noviciado. Mendonça era alli conhecido como sobrinho do afamado monge que ajuntava ao lustre do nascimento e ao das letras a sanctidade sufficiente para que o mundo lhe perdoasse uma velleidade de môço, da qual velleidade procedêra Francisco Sálter.

O abbade acolhêra-o de bom animo, suspeitando, porém, passageiro desgosto de coração. Teve-o em sua caza alguns dias, esperando o conselho de tempo, até que, senhor das maguas do mancebo, acreditou na firmeza da resolução e na efficacia do balsamo.

Decorrido um mez de prova, Francisco foi fazer noviciado para a caza de Tibães, e ahi é que o meu informador o tractou com intimidade mediana, porque o noviço vivia tão taciturno e triste, que os seus companheiros, por pena, o não importunavam com frivolos alivios.

Sem embargo da pouca convivencia, notou o egresso que as noites do noviço deviam de ser attribuladas, porque nunca de manhã lhe vira os olhos sem raios de sangue, e como que ainda cris-

talinos dos residuos de lagrimas regeladas pelo frio das manhãs.

Observára elle mais que, nas obrigações do côro, Francisco era pontual, mas os seus labios nem se quer murmuravam as orações do breviario. E, posto que para os companheiros houvesse censuras do mestre por motivos identicos, Francisco nunca fôra reprehendido, nem ainda procurado na cella se alguma rara vez faltava ao côro. D'isto inferiam os de mais noviços que o seu companheiro trouxera do Porto especiaes recommendações do dom abbade.

Acrescenta que Francisco, ás horas em que os noviços passeavam na cêrca, não sabia do seu cubiculo, ou ia sentar-se no claustro lendo a *Imitação de Christo*, livro que nunca lhe esquecia; ou lia um por um os singelos epitaphios das la gens que formam o pavimento do claustro.

Notava-se que, durante um anno, o mysterioso noviço apenas recebêra uma carta do dom abbade, em que lhe era dada a nova de que todos os seus papeis estavam legalisados canonicamente para poder professar, concluido que fosse o tempo do noviciado.

N'este pouco se resume o que pude alcançar do egresso indifferente ou desmemoriado.

Quem nos dirá, pois, as angustias do amante de Carlota Angela? O coração.

Consultemos o coração aquelles que o tivermos.

Revivamos algum tormento d'alma, se o tivermos na vida, e tiremos inducções remotas do que seria aquelle demorado paroxismo, aquelle lento suicidar-se em presença de homens que não lhe entendiam as lagrimas, nem saberiam nem poderiam enxugar-lh'as, se as entendessem.

A imagem de Carlota devia de estar sempre entre elle e o Christo. A luz da graça divina devia de ser muitas vezes deslumbrada pelo reflexo da lavareda que o abrasava no intimo.

A phrase blasphema prenderia muitas vezes á consolação do Kempis. As mãos convulsas deviam travar do habito para rasgal-o de sobre o seio onde batia o coração do amante, do bravo, do homem de amor e batalhas, do que a sociedade fizera atheu, antes que a desgraça fizesse religioso.

E, se assim não acontecia, abençoada seja a religião de Jesus que tanto póde! Abençoadas sejam as angustias que levam pela mão o filho da desventura ao pé de uma cruz, e o hasteam n'ella como holocausto, que se consola por saber que ha um Deus compassivo a vê-lo em suas torturas.

E' o que necessitam os grandes infelizes, e esse olhar misericordioso do Senhor que reanima e salva do inferno dos homens aquelle que os homens desampararam mutilado em todos os affectos, espe-

daçado em todas as cordas do coração que não coube na terra, repellido da communhão dos innocentes prazeres desta vida, condemnado a expiar no flagício da sua dôr immerecida, as culpas que os grandes perversos não expiam, á vista de suas victimas.

Se, pois, Francisco Sálder cahia de joelhos, paciente e consolado, aos pés do crucificado, abençoada seja a religião de Jesus que tanto póde!

Desde o dia em que fr. Francisco da Soledade professou, a freira beneditina recebeu regularmente novas d'elle, escriptas de Tibães, onde o frade prolongou a sua residencia.

Faziam-lhe saudades os sitios onde tanto chorou.

Aviventára com a sua angustia as arvores seculares, os penhascos, e as cruzes que lhe ouviram os gemidos.

Essas existencias insensíveis viviam-lhe na alma, e custava-lhe o desprender-se d'ellas.

O coração affeiçoa-se aos logares onde soffreu ou gozou, quando o gozo não é crime, nem o soffrimento a desesperação da alma corrompida. As alegrias do impio, e as tristezas do perverso, essas não deixam traços indeleveis de suavissima saudade ou branda magoa no coração.

Fr. Francisco sabia que morrêra para o mun-

do, e o ermo de S. Martinho de Tibães era-lhe um sepulchro grato, uma lousa amiga sua, já polida dos prantos d'elle Impetos ainda de coração mal domado o impelliam para Carlota. Mas quem era neste mundo a professa benedictina? Era um cadaver como elle, uma existencia passada, uma vaga imagem que esvoaçava entre a cruz e o monge, e parava um momento para lhe verter nas mãos erguidas uma lagrima.

Que importavam as visões da noite, esse fitar de olhos lagrimosos na lua, e nas estrellas, nas nuvens encapelladas, e no clarão do relampago?

Que valia ao pobre coração do frade estrebuchar ainda nas agonias do amor, no paroxismo horrivel desse suicidio de tantas vidas?

Que conforto lhe seria baixar do ceo os olhos sobre si, e vêr-se amortalhado?

Não recorramos ao milagre para explicarmos a tranquillidade do espirito que de repente abjura o mundo, e se lança desesperado ás misericordias divinas.

Terrivel deve de ser o preço da tranquillidade, quando não é a morte que a traz. A morte, sim: essa será sempre a bem-vinda dos desgraçados, porque Deus lhe fez de gêlo a mão que ella põe no seio abrasado do afflicto.

As cartas de Carlota Angela eram um adeus re-

pedido ao seu amigo, um convite festivo para a eternidade. Nem uma só remeniscencia do passado escurecia a linguagem lucida da prophetisa que descrevia as alegrias do ceo. Era tudo porvir, tudo paragens do vôo que ella ia desferir da margem da sepultura para além. Dos seus soffrimentos nada lhe dizia: os da alma abençoava-os, os do corpo chamava-lhes o doce pungimento dos espinhos da sua corôa gloriosa.

Soror Rufina, amiga do monge beneditino, escrevia-lhe menos enlevada em extasis. Fallando-lhe da sobrinha, contava-lhe os rapidos progressos d'uma tísica irremediavel, e da paciencia christã com que ella via aproximar-se o termo de suas dores. A ultima carta que lhe escreveu, revelava-lhe o desejo que sua sobrinha mostrára de vêr o seu amigo, o seu esposo celestial, uma vez, uma só vez antes de morrer.

Frei Francisco mediu as suas forças, e pediu a Deus que lhe anniquillasse as que elle sentia para encarar Carlota, se eram peccaminosas.

Seis mezes depois de professo, o monge foi ao Porto, e recolheu-se ao mosteiro de S. Bento da Victoria. D'ahi consultou Soror Rufina sobre a sua ida ao convento, porque entrára n'elle o presagio de que a infeliz succumbiria ao vél-o desfigurado, encanecido, e triste como o espectro d'uma felici-

dade morta que os vermes roazes da desventura formaram pavorosa.

Rufina sondou sua sobrinha, e Carlota, antes de responder, sentiu uma convulsão estranha, que lhe fez espirrar do seio borbotões de sangue. Passada a crise, que julgaram derradeira, Carlota disse anciosamente que aceitava a visita do seu irmão, e quanto mais depressa mais grata lhe seria.

Cuidavam as amigas da moribunda que semelhante impressão lhe seria salutar.

Os medicos, com a sua costumada innocencia, conjecturavam que a presença do monge faria uma grande revolução nos elementos desorganizados da vida de Carlota, e agouravam a possibilidade de uma cura por meios todos Moraes.

Nesta esperança, que fazia sorrir a freira, frei Francisco foi avisado para encontrar Carlota n'uma grade.

Espectaculo indescrível!

Fr. Francisco entrára na grade onde dezoito mezes antes concertára a fuga de Carlota. Alli se trocaram, em phrases cortadas de suspiros, queixumes contra o destino; porém, as esperanças deslumbrantes accudiam logo com as promessas de uma vida cheia de prazeres, prazeres embora criminosos no tribunal dos homens, porém, perdoaveis, talvez, aos olhos de Deus. D'alli sahira Fran-

cisco Sálder de Mendonça, o capitão de marinha com o coração fremente de aspirações, e até de soberba por ter calcado ao cabo de tantas desventuras, a inexorável desgraça.

Oh! quão mudado agora! Como elle se estava examinando diante do seu passado! O que se passaria n'aquella alma, e n'aquella fronte inclinada para as mãos cruzadas sobre o seio! Porque não deu o Senhor duas lagrimas áquelle infeliz!

Carlota Angela appareceu, encostada ao braço de sua tia. O monge erguera-se, e voltado para ellas baixára a cabeça, e não mais erguera do chão os olhos. Encostando uma das mãos á banquetta da grade, sentia-se o tremor deste movel sob a pressão convulsa. Apenas a madre Rufina proferira alguns monosyllabos, Carlota fitára os olhos lucidos d'um brilho sinistro no habito do monge, e, voltando-os, silenciosa, para sua tia, parecia perguntar-lhe se era aquelle Francisco Salter.

« Francisco! — balbuciou ella.

O frade estremeceu a esta voz, e encarou a freira.

« Francisco! — repeliu ella com a voz quazi desfallecida — és tu?

— Não vól-o disse, minha irmã, que me não conhecerieis? — disse o beneditino com um violento sorriso.

« Conheço, conheço. . . — tornou ella, sentando-se, ou cahindo na cadeira aonde a tia se esforçara em sental-a. — Era assim que eu o via nos meus delirios, irmão da minha alma. Cá o sentia no coração morrendo assim. . . Faltava-me ouvir este som de finados que me está cortando ós ultimos fios. . . E' por mim, ou por ti, Francisco? . . . por ambos. . . »

De feito, soava um dobre a finados na torre do mosteiro. Expirára momentos antes uma religiosa d'aquella casa, a quem Carlota pedira que intercedesse ao Senhor por ella, a fim de que a chamasse a si antes que se apagassem os cyrios do funeral da agonisante. Esta fizera um gesto affirmativo, e expirára com os olhos fitos na freira.

Carlota proferira aquellas palavras, e pedira uma gota de agua. Em quanto Soror Rufina descera á portaria a buscal-a, a freira introduziu a custo o braço pela grade, e disse :

« Francisco ! dá-me a tua mão.

O monge tomou a mão de Carlota, e, ao apertal-a, sentiu a frialdade humida da mão de um cadaver. A posição da religiosa era violenta, com o peito encostado aos ferros, e a tosse suffocava-a. Fr. Francisco fez esforço por affastar o braço, mas, de balde. Aquella mão apertava como a do naufrago em trances de morte. Um froixo de tosse.

salpicou de sangue o braço do monge, e em seguida, já quando Rufina entrava na grade com o copo, a mão de Carlota decahiu com o braço ao longo da grade, a fronte pendeu para as costas da cadeira, o outro braço já se não ergueu para tomar o copo de agua que lhe rossava os labios humidos de sangue.

« Minha filha! exclamou a attribulada freira.

Carlota descerrou as pálpebras, relanceou a vista quasi apagada para o monge, e fechou-as de novo, murmurando:

« Ouviu-me Deus! »

Rufina soltou um ai vibrante, e cahiu de joelhos aos pés da sobrinha.

Fr. Francisco ajoelhou tambem, e disse com terrivel serenidade:

— Oremos por ella. Meu Deus recebei a martyr em vosso seio!

CONCLUSÃO.

Cinco annos depois, vivia ainda no mosteiro de S. Martinho de Tibães Fr. Francisco da Soledade.

Os leitores de mais rija e invulneravel organisação admiram-se de que tal homem podesse viver tanto.

A mim custar-me-hia tambem a crê-lo, se m'ò não fizessem accreditar pela data da lousa que vi

na claustro d'aquelle mosteiro, com os meus proprios olhos.

Viveu cinco annos para purificar-se e fazer-se digno da esposa que o esperava no ceu.

Quereis saber a purificação qual foi?

Norberto de Meirelles e sua mulher, quando a filha expirava, luctavam com as extremas perseguições da fortuna infausta.

Mezcs depois, estavam pobres, pobres até á indigencia.

Fr. Francisco chamou estes infelizes para a vizinhança do mosteiro, e dava-lhes tres partes do seu pão. A commuidade, quando conheceu tamanha virtude, repartia tambem do seu por elles. A mãe de Carlota expirou nos braços do monge, o velho sobreviveu-lhe um anno, e expirou quinze dias antes de Fr. Francisco.

Francisco Salter sahio deste mundo, quando já não tinha a quem perdoar em nome de Carlota Angela.

Vede-me do ceo a mim, e a todos os infelizes, almas bem-aventuradas!

Não foi a minha imaginação que vos creou! Logo que eu me senti soffrer em vós, a vossa passagem na terra deixou vestigios.

FIM.



U. C. BERKELEY LIBRARIES



C043245438



